

Dona Branca **de Almeida Garrett**

PRÓLOGO DA SEGUNDA EDIÇÃO

Publicando esta nova edição de *Dona Branca*, a primeira que se faz em Portugal depois de umas quantas francesas e brasileiras, pareceu-me dever pôr aqui alguma memória, tanto da primeira composição do poema, como da presente forma com que hoje se reproduz.

E consintam-me, antes de tudo, o desabafo de dizer que nenhum homem ainda fugiu tanto ao seu destino como eu; nenhum porém foi tão perseguido do «inevitabile fatum» que me não deixou. De criança me tentaram e namoraram as musas, e de criança lhes resisti sempre, com mais severo pudor do que o casto José, deixando-lhe por vezes nas mãos lascivas a capa virginal de minha pudicícia, e fugindo com mérito e virtude verdadeira, porque fugia a deleites suspirados, ardentemente desejados de minha alma.

Imberbe ainda, na universidade, macerei os desejos rebeldes com jejuns e cilícios; estudando muito direito romano, teimando no Euclides e no Besout, fazendo impossíveis, e conseguindo, durante cinco anos quase, afastar de mim a tentação. A maldita mania das comédias particulares que ali apareceu de repente entre os estudantes, o entusiasmo da revolução de Vinte que me apanhou em flagrante, rodeado de enciclopedistas, de Rousseaus e de Voltaires, deitaram a perder tudo... atirei com o gorro por cima da ponte e fiz versos.

Durou-me pouco a embriaguez desta primeira paixão; porque entrando cedo no mundo e nas agitações políticas, o ócio das recreações literárias me enfadou logo.

Por mais de dois anos as não vi as tais musas. Mas emigrei; e a solidão, a tristeza, as saudades no exílio me submeteram de novo a seu império. Foi então que fiz a *Dona Branca*; e de então data a luta constante de minha vida em que, ora triunfo eu e a minha razão, ocupando-me de coisas graves e úteis quanto posso e me deixam, ora vem o ócio e a descrença política e me adormecem os braços das traidoras Dalilas que me tosquiavam raso como Sansão, e recaio a fazer literatura... aos Filisteus.

Assim me tentei a fazer a *Dona Branca* há mais de vinte anos, quando emigrado e criança em país estrangeiro: assim me tento agora quando emigrado em minha casa – e homem maduro, que já devia ter mais juízo – a revê-la e aperfeiçoá-la. Mas é fado: repito.

Direi de passagem que as críticas, de que foi objecto este poema, lhe foram úteis as mais delas; porque, se nem todas acertaram com os defeitos, todas me fizeram reflectir, e achar talvez o que sem elas não acharia.

Não falo de certas acusações caluniosas e brutais com que a mesquinhez de um ou outro sabichão de meia tigela quis aspergir de imoralidade o meu inocentíssimo romance; tão recatado, o pobre, que até da infanta D. Branca – uma das mais despejadas «leoas» do seu tempo – fez a donzela tímida e sem malícia que aí pinte, mentindo bem descaradamente à história. E os tartufos invocaram a história para acusar o poeta de não respeitar a fama da senhora infanta!

Tinha vontade de dizer que até um meu muito particular amigo, cardeal da Santa Igreja Romana, entrou nestas vilanias... Mas Deus lhe perdoe, como lhe eu perdoei. Fraquezas do pobre homem! Eu sempre fui amigo dele, contudo.

Vamos à presente edição.

Aproveitei este Verão que passei no campo, e pus-me a reler a *Dona Branca*, marcando as incorrecções de estilo e as criancices de conceito que lhe fui achando; e vi que para consentir com os editores das minhas obras, que há muito queriam completá-las com esta que faltava no mercado, era preciso revolvê-la de alto a baixo. Fazê-lo sem fazer nova obra, era o ponto; e o mais difícil para mim. Resolvi-me porém a começar; e uma vez começado, acabei o trabalho. É o que hoje se publica.

Dos sete cantos, em que andava mal dividido o poema, fiz dez. Tem poucos centos de versos mais do que tinha; mas o enredo e argumento da acção ficou mais claro, e os seus episódios mais ligados. Do estilo tirei muitas voltas de arcaísmo forçado que sabiam à reacção filintista em que estava a língua quando primeiro o compus. E muitos deixo ainda, em memória de como algum tempo conseguiu passar por obra póstuma do padre Francisco Manuel este poemeto, que na primeira edição de 1826 trazia no rosto as iniciais de F. E.: monograma com que o autor puerilmente se encobriu por medo das críticas, e do que era um pouco mais sério, a censura armada do paternal governo absoluto, que, se já não tinha a inquisição, tinha ainda as suas academias e literatos a bradar que o Limoeiro e Cais do Tojo eram a verdadeira lei de repressão dos abusos da Imprensa.

Não se pode negar que era coerente ao menos aquele paternal governo, e que não enganava ninguém.

Cruz Quebrada, Agosto 1848.

DONA BRANCA

CANTO PRIMEIRO

I

Áureos numes de Ascreu, ficções risonhas
 Da culta Grécia amável, crença linda
 De Vénus bela, Vénus mãe de Amores
 Brincões, travessos; – do magano Jove,
 Que do sétimo céu atrás das moças
 Vem andar a correr por este mundo,
 Já níveo touro, já dourada chuva,
 Já quanto mais lhe apraz; – de Baco alegre,
 Do louro Apolo, e das formosas nove
 Castas irmãs que nos vergéis do Pindo
 Tecem aos sons da lira eternos carmes;
 Gentil religião, teu culto abjuro,
 Tuas aras profanas renuncio:
 Professei outra fé, sigo outro rito,
 para novo altar meus hinos canto,

II

Não rias, bom filósofo Duarte,
 Da minha conversão, sincera é ela: ¹
 Disse adeus às ficções do paganismo,
 E cristão vate cristãos versos faço.
 – Irão meus versos ao retiro místico,
 Adonde te escondeste, procurar-te;
 E ao levantar da névoa matutina
 Te hão-de acordar para contar-te a história
 Dos bons tempos que foram. – Ouve, escuta
 O alaúde romântico, ouve as coplas
 Po amigo trovador: à nossa terra
 Vamos, amigo, vamos co'estes sonhos
 Embalar as saudades, e dar folga
 As ânsias de alma co'as ficções do engenho.

III

«Em hora boa saia a nova esposa
 Por caminho de flores! Saia a bela,
 A casta filha de Sião sagrada
 Para os paços magníficos do esposo!
 Choremos nós, que ela se vai, choremos,
 Que nos deixa e se vai: outro rebanho
 A apascentar caminha em prados novos;

¹ Veja a nota a este verso, no fim.

De outras ovelhas cuidará solícita,
 Que não de nós: sua coroa mística
 Outras mãos tecerão da rosa agreste,
 Do lírio das campinas para a frente
 Da pastora sagrada: o bago santo
 Doutro redil defenderá a entrada.
 Em hora boa saia a nova esposa
 Por caminho de flores! Saia a bela,
 A casta filha de Sião sagrada
 Para os paços magníficos do esposo!»

IV

Aberta estava a porta do mosteiro,
 E as virgens do Senhor este cantavam
 Hino de saudosa despedida
 A sua jovem prelada que ora as deixa.
 Formosa e em viço de florentes anos
 A real Branca, de Lorrão senhora,
 Ali despiu do século as grandezas
 Na solidão do claustro: o nobre Afonso
 Viu com lágrimas pias – não de mágoa,
 Trocar a linda filha a régia púrpura
 Pela estamenha austera. Moça e bela
 O báculo empunhou, e o regeu digna
 De seu santo mister. A mais subido,
 Mais alto grau na hierarquia a chama
 Agora seu avô, essoutro Afonso,
 O sábio, o imperador, o rei poeta
 Que as musas pôs no sólio co'a virtude
 E com elas reinou, rei cavalheiro,
 Poeta português, que em nossa língua,
 Mais estreme da arábica aspereza,
 Mais goda e mais romana, preferia
 Suas régias canções cantar do sólio.
 Como a sangue que é seu, e amada filha
 De Beatriz muito amada, lhe queria
 O bom do imperador à jovem Branca:
 Abadessa a fez de Holgas; a buscá-la
 Vieram seus vassalos; e ora parte
 Em pomposo cortejo a tomar posse
 De seus grandes, riquíssimos domínios.

V

Cavaleiros cinquenta armados de aço,
 Lúcidas cotas, duras malhas vestem:
 Alva cruz nos broquéis; e alvo penacho
 No elmo brilhante flutuando ondeia.
 Alta a viseira está, mas baixos olhos

O respeito lhes põe; não fita ousada
A vista do guerreiro as virgens santas
Que o véu do templo separou do mundo.
Vassalos estes são que as férteis várzeas
De Burgos têm, e de Holgas ao mosteiro
Preito e homenagem dão: custou-lhe armados
A entrar assim por terras portuguesas;
Com muito campeão romperam lanças,
E em pontes e castelos de senhores
Houveram que brigar; nem lhes valeram
Salvos-condutos do valente Afonso,
Que o português cioso não tolera
O rival Castelhana em terra sua.
Mas passaram alfim, e a sua bela,
Real senhora levam. Já flutua
O pendão branco ao vento matutino,
Dá sinal o clarim, viseiras descem,
Lança em punho. – Alva mula, ajazada
Com ricos panos de oiro e finas telas,
Monta a formosa infanta acompanhada
De suas damas. Soeiro e Lopo a seguem;
Soeiro e Lopo, venerandos padres,
Digno exemplar em letras e virtudes
Dos filhos de Bernardo; a consciência
Têm a seu cargo da gentil princesa;
E bula especial do santo padre
Para acudir ao caso mais difícil.
Destes de exame, destes que faziam
Ao próprio Camisão suar a testa,
Que nem o agudo Busembau sonhara
Nem o Larraga lhe metera o dente.
Mestre Gilvaz que em Pádua fez prodígios
E a Galeno e Averróis deu sota e basto,
Em gorda, ruça mula – e não de físico,
De nédia que é – pesado de aforismos,
Grave caminha junto aos reverendos.
Nuno, valente e guapo borda-d'água,
Taful de escaramuças e ciladas
Contra arraianos, do Leonês e Mouro
Temido como o duende que os persegue,
Nuno, mancebo esperto, e cavaleiro
De nobres partes, por el-rei mandado
A infanta fora acompanhá-la a Holgas,
Como escudeiro seu. – a Tão belo pajem
A senhora tão moça não cumpria a,
Rosnava lá consigo frei Soeiro;
Mas o mal que lhe quer, pelo respeito
De quem o manda, declarar não ousa-
Seguem mordomos, escudeiros, moços,
Que, uns duzentos ao todo, cavalgando

Vão em marcha vistosa às margens lindas
Do suavíssimo e plácido Mondego.

VI

Raro é o véu, alva a touca, e transparecem,
Pelo véu raro e pela touca alvíssima,
As tranças loiras como o Sol que nasce
Detrás do outeiro, como os raios dele
Luzem quando ligeira os cobre nuvem
Diáfana no céu. Quem há-de os olhos
Debuxar! Como o azul do firmamento
Em noite pura? – Não, que são mais lindos.
Como a safira em relicário santo
A luz das tochas adorada em torno
Em devota função? – Ah! que outro brilho,
Outra luz têm; e a devoção que inspiram,
– Bentas relíquias, perdoai-me o verso –
É mais fervente. Oh! saem desses olhos
Lânguido-azuis umas suaves chamas,
Um quase eflúvio de alma, que transpira,
Que vem do coração, que doce mana,
E o ar, e o peito que o respira, embebe.
Seio... imagine-o amor c'o olho atrevido
Do perspicaz desejo. Amor... que disse!
Amor! virgem do altar não sabe amores.
Longe, atrevido cobiçar profano;
É vedado esse pomo: ai do que o toca!
Vela o esposo do Céu, ao Céu pertence,
Admire-o a Terra; mas além é crime
Passar da admiração. Branca, a formosa,
A linda Branca, sangue real de Afonso,
Tão bela, tão gentil, fez de suas graças,
De seus encantos sacrifício às aras.

VII

Leda caminha a nobre comitiva;
Mas o Sol, que declina, lhe pôs termo
Ao viajar: fadiga sente a jovem
Princesa a tanto andar não costumada.
É mister de buscar poisada cómoda
Para a noite. – Onde? a luz já vai mingando;
Nem tarda o manto a se cobrir das trevas
Órfão do dia o céu. Dobrar o passo,
Que a poucas léguas jaz convento rico
De monges negros.
– «Monges negros!» – disse
Frei Soeiro com gesto de desprezo:
«Pernoitar sua alteza em tal mosteiro!

Senhora, grande santo foi São Bento,
 (Meu padre São Bernardo me perdoe!)
 Mas para tão fidalga companhia,
 Para vós, real senhora, sobretudo,
 Dos monges brancos honra, flor e nata,
 Tal poisada buscar!... De nossa regra
 O mais santo preceito e venerável,
 Querereis infringi-lo? Antes mil vezes
 Os votos todos três. E vossa alteza
 Me desculpe, porém uma só noite
 Sem o cumprir!... Não chega a tanto a bula
 Do santíssimo padre: eu por mim digo,
 E frei Lopo, que aí 'stá que me desminta;
 Mas absolver não posso esse pecado!»

VIII

«Que é, padre-mestre?» disse a infanta: «eu tremo
 De vos ouvir. Antes aqui na terra
 Dura dormir, e ao relento frio,
 Que tamanho pecado cometermos.
 Porém qual é, dizei-me, esse pecado,
 E que regra da ordem nos proíbe
 De ir poisar ao mosteiro de São Bento?
 Têm esses padres fama de virtude;
 E não sei que lhes falta...»
 – «O que lhes falta?»
 Bradou com voz austera e tão medonho
 Frei Soeiro, que a princesa de aterrada
 Estremeceu na sela... e se não fora
 O pajem que lhe acode a segurá-la,
 Da excomunhão, que viu sobre a cabeça,
 Fulminada caíra...
 – «O que lhes falta?»
 Repetiu, sem curar do mal que a aflige,
 O abstinente bernardo enfurecido:
 «O que lhes falta? o que?... falta a *Tremenda*.» ²

IX

Ríramos hoje nós, degenerados,
 Tíbios fiéis, da enfática resposta
 Do rígido Soeiro; o tal magano
 Haveria de espírito filósofo,
 Que ímpio mofasse do zeloso padre,
 E lhe ousasse dizer: «Fora Bernardo!»
 Porém naqueles tempos de fé viva,
 Fm que ao mais leve incrédulo respiro
 Tremenda excomunhão tapava a boca,

² Veja a nota a este verso, no fim.

E em caso de mais polpa, um bom milagre...
 – Tempo santo, que nós não mais veremos;
 Maldita seja a ruim filosofia! –
 Naqueles tempos de saudosa história,
 Que responder a um venerando padre
 Confessor – confessor de sua alteza?

X

Indecisa parou a comitiva;
 E, os olhos fitos nos dois santos filhos
 De São Bernardo, moços, escudeiros,
 Cavaleiros, a própria infanta, aguardam
 A decisão do caso de consciência,
 Que porventura a todos os condena
 A dormir ao relento, e mais sem ceia.

XI

Sem cear! – Este negro pensamento
 De asas pesadas esvoaça na alma
 Ao teólogo austero, anda, desanda,
 Com todas as ideias se lhe entrava;
 E a qualquer solução, que lhe desponta
 No difícil problema, este se agrega
 Corolário fatal: sem ceia! – A parte
 Os dois graves juízes se retiram
 A conferenciar, e a voz primeira
 Que uníssonos soltaram foi: «Sem ceia!»
 «Sem ceia, padre-mestre!»
 – «E sem Tremenda
 Caríssimo!»
 – «Assim é; porém mais vale
 Pouco que nada.»
 – «E a regra?»
 – «A regra... O caso
 Intrincado é.»
 – «E tão árduo, que o não viram
 Igual ainda os casuístas todos.»
 – «Caso é este, meu padre, que um capítulo
 Não viera a cabo em decidi-lo ao justo.»
 – «Capítulo dizeis!... A ser eu papa,
 A concílio chamara a cristandade:
 E nem assim.»
 – «Mas padre, se mandássemos
 Alguém adiante a ver se concertava
 O caso co'esses negros monges? Negros
 Sejam eles!»
 – «Que raio de luz esse!
 Inspirou-vos o Céu, ou São Bernardo.

Sim, padre, sim, vá vossa claridade,
 E convenha com eles sobre o modo
 De se cumprir a nossa santa regra.
 Nós iremos entanto a passo lento
 'Té que resposta da missão nos venha.»

XII

Assim se decidiu o grave caso
 De consciência; e assim a Deus prouvera
 Se decidissem todos. – Deu de esporas
 A nédia mula o sábio conselheiro;
 E informada a princesa e seu cortejo
 De acórdão tão prudente, a passo tomam
 O caminho do próximo convento.

XIII

Levam tempo disputas, e as fradescas
 Mais que nenhuma. Escassa a luz incerta
 Do crepúsculo ténue, dúbias cores
 Ao vicejar dos campos dava ainda,
 Ao lourejo das messes, e ao verde-alvo
 Dos férteis olivais que a estrada bordam.
 Por entre eles ao longo ao longo enfiados,
 Ia a abacial coorte caminhando;
 E na vasta planície, onde começam
 A pesar raras as nocturnas sombras,
 Os olhos com delícia se estendiam.
 Fecha a maga, saudosa perspectiva
 Ao cabo lá, cerrada cordilheira
 De outeiros, cujo verde tachonado
 Co'a palidez das urzes que desmaiam
 No ardor do Sírío, ainda o véu das trevas
 Permite distinguir. Um só mais calvo,
 Negro e todo de sólido granito
 Nesse animado quadro parecia
 Em cena tão vivaz quase esqueleto
 De monte, e contraposta imagem fúnebre
 Da morte, a tanto luxo e flor de vida.
 Como ataúde egípcio que entre os brindes
 E prazer dos festins vem travar gostos
 Co'a lembrança – terrível! – do futuro.

XIV

Escarpado de duras penedias,
 Isolado, só, árido, e de pontas
 De vivo seixo agudas eriçado
 Estava o cerro: como em mar de areias,

Insolúvel teorema a sábios, se ergue
 A obra dos Faraós. – Iam vagando
 Pelo variado aspecto deste quadro
 Os olhos dos viandantes... quando súbito
 No alto do escuro monte uma luz clara
 Surdiu, desaparece, outra vez brilha.
 E some-se... a luzir volve tranquila:
 Como um fanal que em costa mal segura
 Ao prudente baixel do perigo avisa.

XV

Maravilhou a todos o espectáculo
 Inesperado: a timorata infanta
 Cuida já ver de mouras encantadas,
 De feiticeiras más, de lobisomes
 Toda a caterva em peso a vir sobre ela;
 E não ousava rezar baixo o credo,
 Nem *vade retro Satanas!* que dizem
 Nem sempre coisas más se vão com rezas,
 E às vezes é pior, porque se assanham.

XVI

«Que será?» disse enfim um rumor surdo
 De vozes dos que trémulos pararam,
 E observam com terror a luz estranha,
 – «Deus nos acuda! n baixo diz a infanta,
 – «E o padre São Bernardo antes de tudo»:
 Frei Soeiro emendou.
 – «Certo me espanta»,
 Volve Dom Nuno, o pajem da princesa:
 «Certo me espanta este sinal estranho,
 Que por velas³ de moiros o tomara
 Noutra paragem. Bem travado co'eles
 Anda o mestre Dom Paio, que os deixasse
 Passar do Algarve aqui. Até vos digo
 Que este é o próprio sinal que usa em seu campo
 Aben-Afan.»
 – «Aben-Afan!» repetem
 Em coro a comitiva espavorida
 Com frígido terror. O mais tremendo,
 E mais temido, acérrimo inimigo
 Que tinha Portugal, era esse mouro
 Pelos tempos de então. Valente, ousado
 Era ele, e senhor de grandes terras:
 Todo o Algarve de aquém o reconhece
 Corno a príncipe e rei temido e alto.
 Suas galés inúmeras infestam

³ Veja a nota a este verso, no fim.

Entre as colunas de Hércules os mares.
 Em vão com seus ardidos cavaleiros
 Dom Paio, o mestre de Santiago o aperta:
 Que do Queimado Algarve nos castelos,
 Firmes inda nas lanças muçulmanas,
 Profanas luas brilham. – Como as sete
 Áureas torres no escudo lusitano
 De em torno às santas Quinas se juntaram?
 Como a nobre Tavira abriu suas portas
 Ao português? Como ao singelo título
 De rei de Portugal o aumento veio
De aquém e de além-mar, que outros tão nobres
 Trouxe depois?... Já nobres, tristes hoje
 Que só memórias tristes nos recordam
 Do tão caro ganhado, e tão barato
 Perdido...

XVII

– «Moiros são, dizeis, Dom Nuno?»
 Ao seu pajem a infanta pergunta.
 – «Real senhora, talvez não... É certo
 Que este sinal... Mas...»
 – «E que monte é aquele
 Tão negro onde ele está?»
 – «É o Monteagudo,
 Senhora, nomeado nestes sítios
 Pelo seu ermitão que ali vivia
 Inda há pouco, e não sei se é morto ou vivo;
 Mas há bem tempo que o seu branco alforge
 Não tem vindo a pedir pelas aldeias
 Como vinha antes sempre; e eram disputas
 A quem mais lho encheria entre as cachopas
 E lavradeiras todas destas terras.
 Têm-lhe uma devoção...»
 – «Não me recordo
 De o ver: e aqui tão perto do mosteiro
 Lá iria alguma vez. Como se chama?»
 – «Hugo... Frei Hugo é: e contam dele
 Histórias de pasmar; de que foi moiro
 Ou com moiros vivera largos anos
 No Algarve; e era parente ou grande amigo
 De um Garcia Rodrigues que lá anda,
 Mercador muito rico e nomeado,
 Homem de prol por certo e cristão velho.
 Mas Frei Hugo não sei...»
 – «Pois quê?...»
 – «É fama
 Que a rainha do Algarve, esta que é morta,
 A mãe de Aben-Afan, a convertera

Frei Hugo à fé de Cristo, e que a princesa
 Oriana à nascença baptizada
 Fora logo... mas dizem... É uma história...»
 – «Que eu quero saber, que me interessa.
 Dizem o quê?»
 – «Que a tal rainha moira
 Tinha uns feitiços e uns tais olhos negros,
 Que o frade, com ser frade...»
 – «Basta, basta:
 Parece-me que sei já toda a história.»
 – «Pois sim. E que daí, arrependido
 Quando lhe ela morreu, veio a estes sítios
 Em vez de ir ao convento, e em Monteagudo
 Fez essa ermida, e em cruas penitências
 De cilício e jejuns consome a vida.»
 – «Coitado! Deus se doa de sua alma!
 E agora estou pensando que me lembra
 De ter visto em Lorvão, na nossa igreja
 Um ermitão rezando tão contrito,
 Tão devoto. Quem sabe se era ele?
 Mas se ó morto, dizeis...»
 – «Talvez não seja.»
 – «Ou seria sua alma que anda em penas...
 Frei Lopo, dir-me-eis três missas negras
 Por uma alma que está no Purgatório
 E eu quero despenar...»

XVIII

Mal proferira
 As piedosas palavras a princesa,
 Surde, como visão de espectro ou sombra,
 De armas negras armado um cavaleiro
 E em corcel também negro – quais os rege
 A noute em carro de ébano. Passando,
 Atravessou impávido as fileiras
 Dos castelhanos, que tomados súbito,
 Como de espasmo frio, nem ousaram
 A fazer-lhe a pergunta costumada
 De «*Por quem, cavaleiro?*» – Ia já longe,
 Quando acordados a bradar começam:
 «*Por quem, por quem?*» – Mas ele, sem volver-se
 Nem apressar o passo majestoso,
 Em português tornou: «Real, real
 «Por branca rosa, flor de Portugal!»
 Deu de esporas e a rápido galope
 Desapareceu. Tranquilos foram todos
 Co'a resposta, e contentes – que de amigo,
 Certo era: só dom Nuno lá dizia
 Entre dentes baixinho: «Amigo!... Embora.

Porém, ã fé, cavalo e cavaleiro,
Tão cristãos eles são, como eu sou mouro.»

XIX

Andando vão caminho do mosteiro,
E andando a noite mais e mais desdobra
Seu véu negro de estrelas recamado,
Que, ausente, a Lua sós no céu deixava
Alvas brilhar. – Qual o festivo bando
De donzelas louças no prado à solta
Em horas de recreio, e longe de olhos
Sempre alerta, ligeiras danças formam,
Travam jogos brincões; sorri-lh'o esmalte
Po campo, e as flores tão gentis como elas.

XX

Mas já cuidadoso o rígido Soeiro
Co'a delonga do enviado reverendo,
Começa de assombrar-se-lhe a consciência
Na ideia de quebrar o mandamento
Cardeal dos preceitos bernardescos.
Já entre a comitiva mal disposta
A aceder aos escrúpulos de frade
Murmuravam alguns; e só continha
O respeito da infanta, que assanhada
Não rompesse a questão entre os dois máximos
Poderes que este mundo entre si regem...

XXI

Eia! cobrai alentos, ânios fortes,
Que, vedes, Lopo traz a medicina
Para escrúpulos, fomes, e temores
De mal passadas noites, magras ceias
E o mais que agora em vossas almas pesa.
– «Tremenda, padre: e viva São Bernardo!»
Gritava já de longe, esbaforido
Do galope em que vem. «Viva a tremenda!»
Soeiro volve; e vivas lhe respondem
Da companhia alegre co'a mensagem.
Dobra-se o passo; cada qual se apressa,
Com olhos e alma no tinelo ⁴ bento.
Branca, a formosa Branca de anos tenros
À tutoria monacal afeita,
E sem vontade sua onde é senhora,
Vai onde a levam, e rezando sempre,
Começa uma novena e três rosários

⁴ Refeitório.

Que nos p'rigos da estrada prometera,
A não sei quantos santos milagrosos,
Se à poisada esta noite a salvo chega.

XXII

Correi, correi, ó nobres cavaleiros,
Correi, correi, São Bento vos espera
Com farta ceia e regaladas camas.
Porém, como os escrúpulos cessaram
Do rígido Soeiro? como pôde
O destro enviado congregar dif'renças
De monges brancos e de negros monges?
– «Fácil não foi; travada houve disputa;
E a não ser o abade, homem prudente,
Que o bago regedor meteu em meio
Da renhida contenda, hoje ao sereno
Ficaras linda Branca delicada;
E de tuas faces as purpúreas rosas
Amanhã desbotadas não dariam
Inveja e zelos aos rubis da aurora.
Esses olhos tão puros, donde mana
Doce arroio de luz celeste e meiga,
Olhos, por quem amor dera o seu trono,
Dera um céu de prazer e de ventura,
Se outro céu, se outro amor já não tomara
Para si todo, todo esse tesouro;
Esses olhos pesados do relento,
Morna a luz, sem fulgor, do novo dia
Não brilhariam matutinos raios:
Qual sói brilhar no céu a estrela de alva,
Precursora do Sol – tão radiante,
Tão majestosa não, porém mais bela.

XXIII

Eis os repiques nas sonoras grimpas:
Eis as tochas, e os cânticos: – «Bem-vinda
A filha de Sião, bem-vinda seja
A progénie dos reis, a casta esposa
Eleita do Senhor. São os seus olhos
Como os da pomba quando em terno arrulho
Anseia...» – Os padres bentos o cantavam,
Não sou eu que o inventei: – e outras mais cousas,
Excitantes imagens das delícias
Conjugais de alma: hino exemplar e santo,
Extraído do *Cântico dos Cânticos*.

CANTO SEGUNDO

I

Oh formosura! oh doce encanto de olhos,
 Enlevo de alma, para quê no mundo
 Te debuxou a mão da Natureza?
 Que vieste fazer do Céu à Terra
 Ornato de anjos, divinal revérbero
 Da face do Criador? – A luz da estrela
 No firmamento azul, o alvor da Lua
 Frouxo-brilhante, e belo como a face
 Da virgem que suspira por amores
 Vagos, que em peito infante lhe despontam;
 O sorrir meigo da rosada aurora
 Que vem o dia anunciar com flores
 Roxas, colhidas nos jardins do oriente:
 E o Sol, orbe de luz no céu, radiante,
 Olho, imagem de Deus, clarão e vida,
 Ser, existência propagando eterno
 Por inúmeros orbes suspendidos
 No espaço... oh! formosuras são condignas
 Do edifício magnífico do mundo.
 De tais encantos adornou sua obra
 A mão que tudo fez. – A majestosa
 Arquitectura do orbe foi traçada
 Assim, num grande rasgo de beleza
 Simples, sublime e grave como a ideia
 Que o concebeu no seio à eternidade.

II

Mas, homem, tu misérrimo dos entes
 Que se arrastam no espaço circunscrito
 De um dos mínimos globos do universo,
 Insecto de um só dia, que nasceste,
 Para continuar o elo da vida
 Na cadeia dos seres!... que apontaste
 Num ângulo da cena resplendente
 Para vê-la, e... morrer; homem, quem pode
 Compreender teu fado misterioso
 Nos destinos do mundo! E como aprovou
 À natureza -liberal, e avara
 Contigo, já mesquinha, generosa,
 Já rica em dons, já pobre em faculdades,
 Que te deu, te negou, e assim te há feito
 O mais raro fenómeno da Terra,
 Incompreensível, único – homem, como
 Desta sorte lhe aprovou à natureza

De ajuntar em teu rosto a formosura
Toda pelo universo repartida!
Como tu, vidro obscuro e quebradiço,
Em ti só concentraste o prisma inteiro
Das belezas no mundo repartidas!
ou zombas dele, ou alto é teu segredo
Acerca do homem, criadora Essência.

III

E então da espécie na porção mais débil,
Mais frágil foi cair todo esse raio
De formosura! Então para compêndio
De belezas e encantos, escolhida
Foi a mulher! – De quem o cofre rico
De mimos e de graças, confiaram!
Nossos prazeres todos, nossos gostos,
Consolações, alívio em mágoa, amparo
Na infância, encanto em juventude, e arrimo
Na velhice, de ti, mulher, nos partem:
Concede-los tu só, ou no-los negas.
Negas, e quantas vezes! – Mas tiranos
Não somos nós, injustos, opressores?
De quantas privações, de quais tormentos
Lhe não travamos duros a existência!
Que sórdidos haréns, que vis eunucos
Tem o Oriente, sepulcros tristes de oiro,
Onde geme a virtude, e amor corrido
Cede a brutal desejo o facho e a venda!
– Culpas, Europa, o muçulmano bárbaro?
E os teus cárceres negros e traidores,
Onde à inocência cândida, à piedade
Arma pérfido bonzo o laço astuto,
Laço, que, eterno, a vida, os gozos dela,
A ventura, o prazer dum nó separa? ⁵
Corta sem dó – cruéis! – e até cerceia
O derradeiro bem dum desgraçado,
A esperança? – Esperança! nem um viso,
Nem um só raio seu penetra os ferros
Da escravidão que só tem fim co'a vida;
Nem um só raio seu vai benfazejo
Aquecer corações gelados, mortos!
Mortos, mas palpitando no sepulcro,
A que baixaram vivos. – Homem bárbaro,
Ingrato e desleal, qual é o seu crime?

IV

Escrúpulos, adrede fomentados

⁵ Veja a nota a este verso, no fim.

Por ignorância interesseira e baixa,
 Quanta vitima cega hão conduzido
 Ao altar profanado de holocaustos
 Tão sanguinários, crus! A pátria, amigos,
 Casa paterna, maternais carícias,
 Doces futuros dum esposo amável,
 De meigos filhos, santos gozos de alma,
 Dados de Deus – e tudo abandonado
 Pela ímpia crença de que a Deus não prazem,
 Que impureza os deturpa, o vício os mancha,
 E só do claustro para o Céu há estrada.
 Dogma fatal, perverso, injurioso
 À divindade! – Oh! vítima inocente,
 Formosa Branca, de tal erro foste.
 Devota, pia, timorata e fraca,
 Temeste o mundo, escolho de virtude,
 E, sem o conhecer, fugiste do mundo.
 P'rigos, cachopos tem o mar da vida,
 Tredos baixos, procelas tempestuosas:
 Mas o nauta que tímido largasse
 O baixel que o conduz à pátria cara,
 E dos riscos das ondas aterrado
 Fosse em algoso, íngreme cachopo,
 Só, no meio dos mares acolher-se,
 Onde nem doce esp'rança de almo porto,
 Nem conforto da vida, nem uns longes
 De melhor sorte, mas só ermo triste,
 Mas só a vasta solidão do oceano...
 Prudente o chamarias ? – Ai virtude,
 Que homens, que leis dos homens te conhecem?

V

Trazei, filhos de Bento, as succulentas,
 Largas postas do nítido cevado;
 Correi devotamente ao dormitório,
 E em grosso pingue do toucinho gordo
 Me afogai os escrúpulos bernardos.
 – Foi lauta a ceia e vasta, perus trinta,
 Por cabeça os leitões, adens sem conto.
 Não manjares opíparos, não brandas
 Delicadezas de esquisito gosto,
 Mas fartura, abundância ilimitada
 À portuguesa velha. – Comeu pouco,
 De extenuada, a mui formosa infanta;
 Mas por ela e por si, por um convento
 Comeram os dois padres confessores.
 Nem tu, mestre Gilvaz, em tal aperto
 De tentações, pudeste recordar-te
 Do fatal *omnis indigestio mala*:

Texto que em teu sistema te confunde,
 Único em toda a vasta medicina,
 Que interpretá-lo bem não conseguiram
 Tuas doudas vigílias. – Já repletos
 Com tão frugal repasto ao leito foram,
 E no primeiro sono em paz descansam.

VI

E ora de cruz alçada, e ceruf'rários,
 Em procissão coristas se encaminham
 Com ingente marmita ao dormitório
 Onde jazem os hóspedes bernardos.
 Supinos jazem, e jazendo roncam,
 Mas ao devoto cheiro da *tremenda*,
 E ao conhecido canto acordam presto.
 E assim a procissão andando entoava:

CORO

Sus, erguei-vos, irmãos, que esta é a hora,
 Esta é a hora tremenda e sagrada:
 Vinde, vinde fazer penitência,
 Levantai-vos, que a hora é chegada.

UMA VOZ

Macerai essa carne rebelde
 Co'este gordo, tremendo bocado;
 Sonhos maus, tentações do demónio,
 Fique tudo em toucinho afogado.

CORO

Sus, erguei-vos, irmãos, que esta é a hora,
 Esta é a hora tremenda e sagrada;
 Vinde, vinde fazer penitência,
 Levantai-vos, que a hora é chegada.

UMA VOZ

Louvor seja ao glorioso Bernardo,
 Que tão santo instituto vos deu:
 Sem *tremenda* quem pode salvar-se?
 Com *tremenda* ninguém se perdeu.

CORO

Sus, erguei-vos, irmãos, que esta é a hora,
 Esta é a hora tremenda e sagrada;

Vinde, vinde fazer penitência,
Levantai-vos, que a hora é chegada.

VII

Co este hino monacal anunciavam
Os irmãos bentos aos irmãos bernardos
A respeitável hora da *tremenda*:
Uso antigo, sagrado, inalterável
De monges brancos, e hoje por não vista
Exemplar tolerância permitido
Nos claustros pretos, não sem muito escândalo
Dos padres-graves rígidos da ordem,
Que altamente em capítulo altercaram,
Assinaram seu voto em separado,
E protestaram n'acta. Mas o abade,
Mais tolerante ou mais cortesão que eles,
Relaxou, em respeito da princesa,
A monástica, austera antipatia,
E a liberdade franqueou de culto,
Por esta noite só, em seus domínios.
– «E que nos faz a nós que os bons bernardos
Comam toucinho, ou não? argumentava
O filósofo abade; «há hi pecado,
Ou ofensa de Deus?» – «Quê, padre abade!»
Torna inflamado em zelo um reverendo:
«O quê? Indif'rentismo em tais matérias
É dos pecados todos o mais grave.
O que nos faz a nós que comam porco
E os Judeus, o que importa que o não comam?
Mas para esses há boas fogueiras;
E então estes...» – «Basta, padre: a ordem!
Por santa obediência vo-lo mando.»
E decidiu-se que a *tremenda* fosse
Pontualmente repartida aos hóspedes
Com todo o ritual prescrito e usado
Entre os gordos bernardi-brancos monges.

VIII

A procissão fora direita à porta
Da abadessa gentil; mas tão cansada
Se achava da viagem, que impossível
Lhe era cumprir co'este preceito santo
Da regra. Meiga voz disse de dentro:
«Dispensai-me hoje, que... não posso.»
– «Como?
Não posso!» brada em cuecas acudindo
Gorda, cachaci-pançuda figura
Que da fronteira cela a correr veio:

«Não posso! o quê? Não chega a tanto a bula
 Dispensar! Com dispensas vai perdida
 A Igreja, e as ordens. Dispensar no caso
 Mais grave, no preceito mais restrito
 De nossa regra! Não, senhora minha:
 Heis-de tomá-la, ou não sou eu frei Soeiro.»
 E atacava, dizendo, as descosidas
 Bragas, que enfiou à pressa arrebatado
 De zelo e rigidez.
 – «Esta só noite,
 Esta só por merca e por piedade.»
 Volve a sonora voz dentro da cela:
 «Todo me dói o corpo fatigado,
 Meu santo patriarca São Bernardo,
 Bem sabes tu se eu posso!»
 – «Embora, embora Mais aceita será a penitência,
 Quanto mais custe. Vamos; vossa alteza,
 Gomo prelada que é, deve ao exemplo
 Sacrificar seu cómodo e vontades.
 Só assim se mantém a disciplina
 Da ordem.»
 – «Mas...»
 – «Ver-me-ei pois obrigado
 A fulminar da excomunhão os raios.»
 – «Excomunhão!... não, não: eu abro, eu abro.
 Misericórdia! não, reverendíssimo,
 Oh! não me excomungueis: um porco vivo
 Comerei antes... antes.»
 Uma idosa,
 Bem-apeçoada. dona abriu a porta;
 E o rígido Soeiro, inda em cuecas,
 Ponderoso facão na destra empunha,
 E em manta enorme atassalhando um naco
 Tal, que a só vista dele afugentara
 Sinagogas inteiras, triunfante
 Do alto poder de sua autoridade,
 Com voz solene e gravo pronuncia;
 – «Aproximai-vos, abadessa de Holgas.»
 E a tímida inocente a passo lento,
 Ao bruto sacrifício se encaminha.
 Cos lindos olhos mede o desmedido,
 Bronco pedaço que o brutal bernardo
 Para boca tão breve ousou talhar-lhe;
 E c'um gesto de mágoa tão aflita
 Mas tão formosa, tão encantadora,
 Que abraza compaixão em brônzeos peitos,
 Peitos de tigres – que não fossem frades,
 À repugnante, enjoosa penitência,
 Resignada e humilde se oferece.

IX

Cena era digna do pincel flamengo,
 Da natural simpleza ingénuo filho,
 Esta que na alma agora me debuxa
 O aceso imaginar... Finta-me o escuro
 Fundo do quadro com um longo e fúnebre
 Escasso-alumiado dormitório.
 Põe-me ai, do painel na luz primeira
 Tímida e jovem, cândida beldade
 Com alvas, longas roupas, e o véu alvo
 Erguido, que descobre a face angélica,
 Onde a amargura – não de paixões vivas
 Que o rosto convulsivas desfiguram,
 Mas a que o gesto juvenil risonho
 Contraí à vista do pedante mestre
 Brandindo austero a férula temida.
 Essa, essa angústia de inocência, altera
 A suavidade das feições divinas.
 Diante dela, n cómica figura
 Do fradalhão bojudo, encarniçado,
 Co'as grossas, curvas e cevadas formas
 Transparecendo das ligeiras cuecas;
 Na mão, tremenda posta de toucinho,
 Que rindo mostra com prazer maligno
 À timorata virgem. – Grupos negros,
 Brancos de monges, de diversas cores,
 Cavaleiros armados de armas brancas,
 Brancas sobrepelizes de coristas,
 Em derredor com arte colocados...
 Não fora, se tal quadro executasse
 Não fora, entre os milhares de prodígios
 Dessa escola imortal, o menos belo.

X

Novo actor no meu quadro – nova, digo,
 Figura, pois que falo a língua de arte;
 Ou então novo actor, porém na cena:
 Mestre Gilvaz, que acode ao arruído,
 Despertando dum sonho afadigado,
 Em que se viu, qual Tântalo *inter dapes*,
 De pastéis, de perus, de trouxas de ovos
 Cercado em torno... e a cada mão que estende,
 A cada ávida boca que escancara,
 Um lívido aforismo em feia forma
 De alado espectro, co'asa de morcego
 Lho arreda acinte, e o cansa, o atormenta.
 Tal o doutor de Sancho, no banquete
 Da insula bendita, sem piedade,

Um depós de outro, os almejados pratos
 Ao faminto escudeiro denegava.
 – Acordou do terrível pesadelo,
 À bulha da *tremenda*, e mal lembrado
 Da verdadeira causa do alvoroço,
 Que a tais desoras o sossego quebra
 Da habitação monástica, aturdido
 Ao sítio corre onde o arruído escuta.

XI

Estavas, linda Branca, nesse instante
 Resignada à enjoativa penitência
 Que a teu sebento confessor, tão doce,
 Tão deliciosa e branda parecia.
 Eis bom messer Gilvaz entra esfregando
 As enviscadas pálpebras, e rouco,
 Bocejando em hiatos tremendíssimos,
 De rebulício tanto inquire a causa.
 Viu-o a infauta, e cobrando em seu desmaio
 Um alento de esp'rança, os meigos olhos
 Com súplice expressão volve ao galeno:
 E – «Mestre Gil, oh! mestre Gil», exclama:
 «Valei-me por quem sois. Ai! não, não posso.
 Mestre Gil vós sabeis que fraco eu tenho
 O estômago, desde a última doença,
 Que aquelas dez garrafas, trinta pílulas,
 Tisanas, infusões, purgantes, tónicos,
 E não sei que outros mais doutos remédios
 Vosso muito saber me receitara,
 Au acudi-me, senão desta morro.»

XII

Os olhos magistrais de novo esfrega
 Inda tonto de sono e mal desperto,
 Chega à princesa, e quase por instinto
 Da doutoral natura, a mão estende,
 E ao níveo pulso gravemente a aplica.
 «Febre», disse: «febrícula; está duro,
 Intermitente, vivo, e com seu tanto
 De... Vejamos a língua. E de apetite
 Como vamos? Funções segregatícias
 Em regra? Bom: o caso é de importância,
 Mas não de p'rigo: a *historia morbi* é simples,
 E a capitulação *tyronum minimo*
Perquam facilis. Posto que nos diga
 O grande mestre, o sabedor dos sábios;
Ars longa, vita brevis; invertido,
 Com o favor de Deus, já muitas vezes,

Tenho o duto aforismo: vida loriga
 Com arte breve. E assim hei-de emendá-lo
 Na primeira edição *correctior auctior*:
Ubi ars brevior, erit longior vita.
 E que saiam a campo esses doutores
 Da mula ruça; a pé firme os espero
 C'um silogismo *em bárbara*, outro *ad hominem*,
 E três cornudos, bífidos dilemas
 Que lhe hão-de estopetar as cabeleiras,
 E fazer comer terra a faculdade,
 Ignorantões hei-de encová-los.»
 – «Vede
 Que é urgente..»
 – «Se é urgente!... Ah biltres,
 Sevandijas de borla, vis insectos!
 Pretender ensinar-me, a mim, ao mestre
 Gilvaz, doutor pela alma academia
 De Pádua, que três dias sucessivos
 Sustentei a pé firme as minhas teses,
 E esgrimi c'os primeiros disputantes
 De Bolonha e de Paris! A mim, birbantes,
 A mim!...» E no ardor da dialéctica,
 Com pés e mãos falava, e combatia
 Imaginários zoilos, atrevidos,
 Petulantes, ignaros aristarcos,
 Que, ás lançadas de vivos argumentos,
 Desmontava do arção; prostrava em terra
 Na escolástica arena estatelados.
 Embalde o implora, o chama a gentil Branca,
 E a circunstante turba às gargalhadas
 Lhe responde aos sonâmbulos discursos
 Que não entende: mais e mais irado
 Lhes torna: «Ignorantões, a mim, birbantes!»
 Não esquecendo assim, nem quando em sonhos,
 Da faculdade a natural modéstia.

XIII

Frei Soeiro, entanto, co'a *tremenda* em punho,
 Insta; Branca suspira, e encara o *doctor*;
 A fradalhada ri; Gilvaz redobra
 De entusiasmo; o confessor declama;
 E em gritaria tal ninguém se entende.
 Quando um leigo a correr esbaforido
 Vem a gritar: «Misericórdia! acudam...
 Misericórdia! Moiros no convento.»
 – «Moiros!» repete uníssona a caterva;
 E os berros de Soeiro, os argumentos
 De Gilvaz, as risadas dos coristas,
 Tudo parou num gélido silêncio.

Como n'harpa festiva os sons alegres
 Do trovador que feriu seta imiga,
 Quando animava co'as canções divinas
 As danças dos zagais no flóreo prado:
 Mas o cruel archeiro de alta torre
 O mirou certo ao coração, e fria
 Pára a mão, que as vibrou, sonoras cordas.

XIV

Moiros!... Com olhos fixos e pasmados,
 De susto e medo atónitos se encaram
 Uns aos outros, e como que perguntam
 Em seu mudo falar: «o que faremos?»
 Dos cavaleiros a mor parte dorme;
 E os que velavam co'a função nocturna
 Da orgia monacal, tomados súbito
 De terror imprevisto, acovardados,
 Sem ânimo, sem força, irresolutos,
 Em pavor frio como os outros gelam.
 «Que faremos?» – «Às armas!» gritou Nuno!
 «Ânimo! às armas, e segui-me todos,
 Que eu...» – Não bem proferira estas palavras
 Tremendo *Alá* soou pelas abóbadas
 Agudas do comprido dormitório,
 E os alfanges nas trevas cintilaram.
 Mal aclaradas das nocturnas lâmpadas,
 Luziram finas pedras nos doirados
 Broches de alvos turbantes. – *Alá* soa...
 E os frades, o doutor e os cavaleiros
 Se viram num instante sobre os peitos
 Apontadas as duras cimitarras,
 Cru error de cristãos. – Nem um suspiro,
 Nem um ai: mãos atrás, e um nó valente
 De rijo esparto. – Nuno só, que em tanta
 Desordem conservou cordura e alma,
 Das mãos do frade toma a cruz que guiava
 A procissão burlesca, e a golpes vivos
 Co'a bandeira de fé a infiéis combate.
 Sobre ele alfanges cento a golpes chovem,
 Se descarregam ponderosas achas,
 Mas o intrépido Nuno a um lado e outro
 Fere, estrui, defende-se, e derruba
 Inerme e só ao ismaelita armado.
 Não lhe comporta o generoso peito
 Perder, sem disputar, a liberdade,
 E antes a vida, que a honra, barateia.
 Caminho se abre entre as cerradas turmas
 Das moiriscas espadas... Espantado
 De tanto esforço, e como que vencido

Dum poder sup'rior, recua o moiro;
 E o intrépido mancebo, defendendo-se,
 Retirando-se, enfim a escada alcança.
 C'um desesp'rado golpe e furibundo
 Aterra os que mais próximos o seguem;
 A pulos desce, atravessou a crasta,
 – Como sulco de luz na tempestade,
 Que as nuvens rasga, e some-se – na cerca
 Entre árvores e o escuro desaparece.
 – «Deixai-o», disse entre os infiéis um deles
 Que o nobre ad'man, o rico dos vestidos,
 E o respeito que os outros lhe catavam
 Seu chefe mostra ser: «quem tão valente
 Assim defende a liberdade e a vida,
 É digno de as gozar: ninguém o siga.»

XV

Quem é este inimigo generoso,
 Que alma tão nobre em peito infiel encerra?
 Quem é este guerreiro muçulmano,
 Que tão gentil, tão majestoso brilha
 Nas pitorescas árabes alfaias
 Que o talhe heróico, o altivo porte, a graça
 Esbelta, de marcial beleza arreiam?
 Branca em torno da fronte em tresdobradas
 Voltas o cinge estofa resplendente
 Como a neve nos picos anuviados
 Da serra das Estrelas. Puras virgens
 A deduziram em lidados fusos,
 De Alvor nos verdes plainos, e a teceram
 Ao som das namoradas cantilenas
 Dos romances do oriente, que as memórias
 Contam de avós nas terras apartadas,
 Onde vieram ao reclamo tredo
 Do vingativo pai pela ofendida
 Honra da loira virgem. – Encurvadas
 Em demilunar círculo rebrilham
 A esmeralda da cor dos verdes campos
 E a safira que o azul do céu reflecte,
 E as ametistas roxas como a humilde
 Violeta modesta, que se esconde
 Do Sol criador na flórea Primavera.
 Olhos negros – tão negros como as tranças
 Que, ao destoucar-se, a noite esparze longas
 Pelas ebúrneas costas – vivo lume,
 E o fogo da progénie do deserto
 Do rosto baço, com tochas, lançaram
 Acesas no aguçado minarete
 À hora das preces, na mesquita. Baço,

Baço é o rosto – que o sol crestou as faces,
 Há longas gerações, da raça ativa
 Dos filhos do ermo – porém belo, e cheio
 De animada expressão; e o vivo realçam
 Carmim das faces crespos fios de ébano.
 Que em anéis romanescos lhe dividem
 O bem fendido, nítido bigode,
 Forra-lhe o peito cota de aço fino
 Entalhada em lavor custoso de oiro.
 Longo, pesado e curvo, o alfange pende-lhe
 Fiel à esquerda: a morte se há postado
 Nos gumes desse alfange, e daí colhe
 Ampla ceifa de vidas. Quantas lágrimas
 De viúvas, de órfãos nesses feros gumes
 Corrido têm, sem lhe embotar os fios,
 Sem lhe embaciar a lâmina brilhante!

XVI

E este era o chefe da infiel coorte,
 Que o santo asilo a profanar se atreve
 Da monacal virtude. Preso o abade
 Co resto de seus monges que dormiam,
 Com os mais castelhanos cavaleiros,
 A quem grilhões pesados despertaram
 Do brando sono, todos manietados,
 Excepto Nuno, quantos habitavam
 O mosteiro essa noite malfadada,
 Ao vencedor seus campeões os trazem.

XVII

E do ti, linda Branca, de ti, bela,
 Mimosa dama tenra e delicada,
 Ai! de ti com horror meu canto foge.
 Cortada a voz nas cordas do alaúde
 Teu destino cruel dizer não ousa.
 Virgem botão, que ao sol desabrochavas
 Em jardim de virtudes, ai! colheu-te
 Grosseira mão do salteador dos bosques,
 Quem te defenderá? Tua virtude?
 Céus! a cândida rosa da inocência
 Faltam-lhe espinhos que do vício a guardem.
 Irás, filha de reis, sangue de Afonso,
 Ramo augusto dessa árvore frondosa
 Que germinou nos campos da vitória,
 E co'as raízes no sanguento Ourique
 Topeta os astros da estelada esfera,
 Irás pois tu, que os tálamos doirados
 Dos príncipes da Terra desprezaste,

E repoisavas gemedora pomba
 Nívea no seio do celeste amado,
 Irás de imundo harém vitima abjecta,
 A prazeres infames, e ao capricho
 De bárbaro senhor jazer escrava?

XVIII

Correi, lágrimas tristes, deslaçai-vos
 Do coração, onde pesais tenazes,
 Dolorosos soluços; ânsias cruas,
 Sai, terríveis aperturas de alma,
 Vinde em mares de pranto aos olhos turvos,
 Espalhai-vos em nuvens de suspiros,
 Desafogai-lhe o peito comprimido:
 Para um só coração é muita mágoa.
 – Chora, linda princesa, o teu destino,
 Sobre teus dias malfadados chora;
 Essa flor de beleza, essa virgínea
 Candura de inocência... Oh!...
 Mas na face
 Da real donzela que expressão eu vejo?
 É aflição, é dor? Não. – Quê! sem medo,
 Sem horror encarar o gesto impuro
 Do inimigo da fé! – Que olhar tão doce,
 Que lhe ela lança! Creras que um encanto
 Acintoso de oculto malandrino
 Lhe desvairou o coração e os olhos,
 Que aos do moiro gentil rendidos tendem,
 Qual tende, por incógnito feitiço,
 Do norte ao pólo a namorada agulha.
 Não há sorriso nos vermelhos lábios,
 Não há meiguice nos brilhantes olhos,
 Mas há não sei que pensamento lânguido
 A ressumbrar de toda essa figura
 Angélica, divina, que o desprezo
 Junto, que as santas iras não souberam
 Onde, em tanta beleza, debuxar-se,
 Ele o jovem traidor, ele o conhece:
 E o que não adivinham cobiçosas
 Vistas de gentil moço? o que não sabem
 Ler nos de virgem olhos de mancebo?

XIX

Quem se ajoelhou ante a real infanta?
 O belo moiro foi. Quem lhe protesta
 Respeito e vassalagem? Tu, formoso
 Neto de Agar. – Como o escutaste, ó bela
 Filha de Afonso? – Murmurando as cordas

Da minha cetra... não, cristã vergonha
 Não a ousam dizer. As néveas asas
 O anjo guardador desprende, e foge
 Para o Céu donde veio; a triste nova
 Leva ao pastor duma perdida ovelha.
 Perdida! Sim: à torpe voz do moiro,
 Às impuras palavras... Branca, a filha
 Dos reis da Terra, e do celeste esposa,
 Branca sorriu, corou.. e a sorrir volve.
 O atrevido imprimiu ósculo ardente
 Na mão de neve, que se entrega ao beijo,
 E – vergonha fatal de Céus e Terra! –
 Parece no contacto envenenado
 Estremecer-lhe co'a impressão lasciva,
 E no deleite infando entorpecer-lhe
 Alma, sentidos, coração, e a... honra!
 – Tal em cheiroso banho áspide amigo
 Voluptuoso suicida aplica às veias;
 Tal perde a vida em lânguido letargo,
 Que, não transe de morte, mas tranquilo
 Adormecer de vida, e sossegado
 Antes dirás repouso da existência.

XX

Um brado o moiro deu: os seus o entendem,
 Partem. – Voai, voai, correi ligeiros
 Co'a rica jóia que levais roubada;
 Correi, que atrás de vós vingança corre.
 De extermínio e de morte vejo armadas
 Lusas falanges, denodadas hostes...
 – Oh! defende-os, amor; pune-os, virtude.
 E que merecem eles? – O castigo.
 Mas castigar amor! O Céu tem raios,
 E a crime tal nunca os mandou à Terra.

CANTO TERCEIRO

I

Que monta a razão frígida, e o pesado Cálculo de medidos pensamentos
 Pela bitola compassada, estreita
 Dessa filosofia austera e seca,
 Seva tirana de alma que em tão brando
 Sonho nos acordou de ilusões doces?
 Fantasias embora... mas tão lindas,
 Tão deleitosas! mas reais prazeres,
 Bens, verdadeiros bens, que os nós gozávamos,
 E satisfeitos de sonhar dormíamos.
 Despertos que encontramos? Nossos olhos,
 Descerrados à luz, que vêem, que acharam?

II

Triste realidade da existência,
 Esqueleto da vida descarnado,
 Que és tu sem as ficções que a embelezavam?
 Ficaste como a várzea requeimada
 Do ardor do muito sol, sem flor, sem relva,
 Árida, feia. Mas o sol é vida,
 É a luz criadora do Universo...
 Sim; mas nem tanta luz que cegue os olhos,
 Nem tanto sol que nos desseque o prado.
 Razão, que és de alma o sol, gira em nossa alma,
 Dá-nos dia e clarão ao pensamento;
 Mas de teu carro a ardidos faetontes
 Nas inespertas mãos não ponhas rédeas:
 Tocha que foi de luz, será de incêndio
 Facho terrível – e o calor de vida
 Labareda vulcânica de morte.

III

Oh! magas ilusões, oh? contos lindos,
 Que às longas noites de comprido Inverno
 Nossos avós felizes entretínheis
 Ao pé do amigo lar, ao crebro estalo
 Da assaltante castanha, e apetitoso
 Cheiro do grosso lombo, que volvendo
 Pinga e rechia sobre a brasa viva?...
 Pimponices de andantes cavaleiros
 Capazes de brigar c'o mundo em peso,
 Malandrinices de Merlim barbudo,
 Travessuras de lépidos duendes,
 E vós, formosas moiras encantadas,

Na noite de São João ao pé da fonte
 Áureas tranças com pentes de oiro fino
 Descuidadas penteando – enquanto o orvalho
 Nas esparsas madeixas arrocia
 E os lúcidos anéis de perlas touca...
 Oh! magas ilusões, porque não posso
 Crer-vos eu co'a fé viva doutra idade,
 Em que de boca aberta e sem respiro,
 Sem pestanejo um só, de olhos e orelhas
 No *Castelo* escutava a boa Brígida ⁶
 Suas longas histórias recontando
 De almas brancas trepadas por figueiras,
 De espertas bruxas de unto besuntadas
 Já pelas chaminés fazendo vísperes,
 Já indo, às dúzias, em casquinha de ovo
 À Índia de passeio numa noite...
 E ai! se o galo cantou, que à fatal hora
 Encantos quebram, e o poder lhe acaba.

IV

Não gosto de Irminsulfs, nem de Teutates,
 Nem das outras teogónicas prosápias
 De rúnica ascendência. As alvas barbas
 Do padre Ossian (Macferson foi seu nome)
 Tão prezadas do douto Cesarotti,
 Tão favorita de Alexandre corso,
 Não me encantam a mim, não me embelecem,
 Como aos outros cantores alameda
 Que a nossos doces climas transplantaram
 Esses gelos do norte, esses brilhantes
 Caramelos dos topos das montanhas...
 Do sol do meio-dia aos raios vivos,
 Parvos! se lhes derretem; a brancura
 Perdem co'a nitidez, e se convertem
 De lúcidos cristais, em água chilra.

V

Em beldades varia a Natureza
 Pelos países do orbe; varia a siga
 Em suas formas gentis a arte que a imita.
 Vês essa dama de doiradas tranças
 Nas sempre verdes, arrelvadas margens
 Do frígido Tamisa passeando?

⁶ Pequena quinta que foi da minha casa, na qual passei os primeiros anos da infância, e ouvia as histórias da boa Brígida, velha criada que tinha todo o jeito e traça de bruxa, e era cronista-mor de feitiços e milagres.

Vês? da mimosa face alva de neve
 Transparecem-lhe as rosas, um suspiro
 Concentrado no íntimo do peito
 Lhe anseia o coração; talvez a morte
 Lhe cerceou dos gozos da existência
 A amizade, ou amor num caro objecto.
 Magoada, mas sem lágrimas – aflita,
 Mas sem as convulsões que a dor expressam
 No desespero, no delírio de alma,
 Que só tuas praias vêem, teus bosques ouvem,
 Vicejante Pamiso, Tejo aurífero,
 Manso Guadalquivir e flavo Tibre.
 Vê-la? seus olhos cor do céu resplendem.
 Mas como o céu resplende anuviado
 De vapor leve e raro. – Essa beleza,
 Essa dor, esses campos, todo o quadro,
 harmonizam co'a própria natureza,
 Mas dá que inábil mão teu painel pinte,
 Que os olhos negros, vivos, cintilantes
 Da formosura austral lhe desse ignaro;
 Que nesses lábios, onde treme a furto
 Sufocado soluço, debuxasse
 Desafogada a der em pranto acerbo,
 Em suspiros, gemidos agudísimos
 Que vão ferir o céu com agras queixas:
 Que essas tranças tão lindas, que são de oiro,
 Sem arte não, mas com singelo alinho
 N'alva frente enastradas, lhas tingisse
 Da cor que pós a noite nos ondados
 Cabelos das donzelas portuguesas,
 E em feições que revelam pouco de alma,
 (Que a alma nesses países regelados
 Toda no coração, não vem às faces)
 Expressasse, com arte monstruosa,
 As paixões, cujo incêndio em nossos climas
 É labareda que cintila, estala,
 E em chama abrasadora aos céus se eleva,
 Mas nas regiões do norte é fogo lento,
 Quer amortecido à vista arde e consome
 Não chameja, não brilha, mas intenso,
 Oculto lavra, e no íntimo devora...
 A este meu quadro, *credite Pisones*
 Semelha a parte máxima dos quadros
 Que assoalham por'i trovistas mores
 Nessa feira da ladra de consoantes,
 Que não encaixam cavalgar pescoço
 Em humana cabeça, mas caveira
 Burrical orelhuda em corpo de homem.

E eu em críticas, eu poeta humilde,
 Cujo ignorado nome à sombra dorme
 Do nada protector a que me abrigo,
 Que não tenho, não quero, não procuro
 Nem Mecenas a quem dedicar odes,
 Nem Augustos de quem *pechinchar* tenças,
 A dar preceitos eu!.. Perdão vos peço,
 Laureados habitantes desse monte,
 Onde c'o vosso Pégaso, irmão de armas,
 (Armas terríveis que jogais tão mestres!)
 Pela divina relva andais pastando,
 E à sacra fonte ides beber com ele:
 Perdoai-me, que eu volto ao meu assunto,
 E a cavalos e a vós, e à mais companhia
 Quadrupedante deixo em paz no Pindo;
 Em paz – e às moscas – que assim vai o mundo.

VII

Vivam as fadas, seus encantos vivam!
 Nossas lindas ficções, nossa engenhosa
 Mitologia nacional e própria
 Tome enfim o lugar que lhe usurparam
 Na lusitana antiga poesia
 De suas vivas feições, de sua ingénua
 Natural formosura despojada
 Por gregos deuses, por espectros druídicos,
 E com postiças, emprestadas galas
 Arreada sem primor, rica sem arte.

VIII

Qual a inocente virgem das florestas,
 Que as lindas tranças de grinalda simples
 Da mosqueta selvagem adornava,
 Bela, tão bela como a luz que nasce
 Alva no raiar dum puro dia
 Do flóreo Abril; se habitador ocioso,
 De corrupta cidade em tal brancura
 De singeleza pós nódoa de vicio,
 E maculou c'o hálito pestífero
 Esse lírio que foi glória do prado,
 Então brocados, então panes de oiro,
 Bordadas telas, cortesões donaires,
 Pelo perdido ornato da inocência,
 Se esforçam – preço vil! – de lhos dar novos.
 Mas ah! sob essa pompa os não afeitos
 Membros definham, e nas faces pálidas
 Arrebique impostor não supre a rosa,

Nem os diamantes, que na frente brilham,
Emprestam luz aos olhos 'mortecidos.

IX

Mas se há pais, se há clima onde pareçam
As ilusões de nossa prisca idade
Reais nascer da própria Natureza,
E co'a verdade unir-se tão estreitas,
Que as não distinguirás – teus verdes bosques,
Teus palmares, teus áridos desertos,
Tuas rocas ermas, mas sós areias,
Aquém, além de várgeas que vicejam,
De cristalinas águas marchetadas,
Ardente Algarve, são: tu não cantado
Tequi de nossos vates, em meus versos
Não insensíveis às belezas tuas,
Verás por ti um brado erguer-se à fama,

X

No mar que Europa de África divide,
Entra, como a explorar o seio às ondas,
O sáxeo promontório que de Sagres
Tem hoje nome. Na moderna história
Dos povos do Universo, porventura
Não há hi ponto do orbe que assim lembre
Tanto feito de glória e de heroísmo;
Nem há padrão erguido por mãos de homens,
De alto custo e labor, que outra recorde
Época tal aos séculos e idades.
Dali Henrique aos astros perguntava
Da eternidade a estrada: e novos mundos,
Novos climas e céus lhe apareciam.
Dali os curvos lenhos desprenderam
Primeiro o voo audaz a ignotos mares.
Ali o berço foi da lusa glória...
Crera-lo hoje sepulcral moimento
Dessa glória defunta. Ruínas tristes,
Esbroados pardeiros – oh vergonha!
São as torres de Henrique. Afasta os olhos,
Viandante, não vejas esse opróbrio
Da nação que a primeira foi no mundo
Em nobrezas – outrora... hoje – em miséria.

XI

Dai se estende, ao longo pela costa,
Fértil porém inculto, agreste plaino.
Jamais pesado boi guiou arado,

Ou conduziu charrua égua ligeira
 Por tão bravia terra; inteira creras
 Guarda da criação a virgindade.
 Mas seu aspecto não árido e bruto,
 Não selvagem parece. Ali não moram
 Lanosos cardos, sarças espinhosas;
 Nem coroada de abrolhos eriçados,
 Como em domínio seu, sobre a calçada,
 Amarelenta relva se divisa
 Seca esterilidade passeando.
 De viço e fresquidão verdeja o prado,
 E aqui, ali, tufados ramilhetes
 Do recendente amargo rosmaninho
 Do alecrim flóreo azul seu doce aroma
 Com a brisa do mar na terra exalam.
 Formosos pães cobertos de verdura,
 Outeiros de palmeiras coroados,
 Montes ao longe, alvos areais a um lado,
 Onde o pródigo insecto, auxiliando
 Trabalhos de arte e forças da natura,
 A sacarina flor no botão pica,
 E às carregadas árvores aumenta
 O dulcíssimo peso. – Lá num alto,
 Entre árvores espessas e copadas,
 Entre gigantes palmas – dobradiças
 Olaias que os floridos ramos curvara
 Descaídos, qual dama delicada
 Os lindos braços num desmaio lânguido
 De mimosa descai – roxos sicômoros,
 E a laranjeira que matiza os pomos
 De oiro co'a argêntea flor – entre este luxo
 De vicejo e fragrância – meio vista,
 Meio encoberta de ramagem espessa,
 Maravilhosa fábrica se erguia
 De palácio, onde quanto o rico Oriente
 Vem de brilho e de gemas resplandece.

XII

Ligeira e leve é a forma: quase aéreo
 Paço o creras de fada enamorada,
 Que o erguem com palavras misteriosas -
 Numa escondida nuvem, para estância
 De gentil cavaleiro que há roubado
 A amores de princesas. – Com sorriso
 Desdenhoso observara a arquitectura
 Desse estranho edifício, o aluno rígido
 Da antiguidade clássica: nem jónio,
 Nem dório, nem itálico, nem misto,
 De nenhuma ordem é; menos lhe viras

Os góticos florões, os recortados,
 Ou o grave da saxónica rudeza.
 Não lhe descobrira o próprio Volney
 Caldeu vestígio ou núbico rastejo:
 Nem tu, famoso Jones, conseguiras
 De lhe dar científico interesse
 Por índico, indostão, mogol, ou pérsico.
 Nada disso é, e todavia é belo,
 Em que lhe pez a sábios, mestres de arte,
 Doutores antiquários, *dilettanti*,
Virtuosi, *amateurs* e professores.
 – Disputa *sine fine* travariam
 Sobre ele as duas bélicas falanges
 Que ora na arena literária pugnam,
 E aos grasnantes jornais dão tema eterno
 Para encher as políticas lacunas.
 Já se vê que de *clássicos*, *românticos*,
 Guelfos das letras, gibelinos da arte,
 Falar entendo: paz seja com eles,
 Assim como c'os outros disputantes
 Deste disputativo por essência,
 Inquieto mundo, aonde todos ralham
 E ninguém tem razão. – Eu por mim deixo
 Jogar as cristas a essa gente toda.
 Para mim só desejo a paz de espírito,
 A consciência limpa, e as frugais sopas
 Ganhas com suor honrado. Esta ventura
 Gozo eu, mercê de Deus, pesar de ingratos..

XIII

E a minha história, e o meu lindo palácio?
 Malditas reflexões! Torno ao meu conto;
 E quem quiser achar a margarita,
 Como o pinto da fábula esgravate.
 – Era pois o tal paço o mais formoso
 Que se viu nunca; em pedras preciosas
 Todo encravado, todo reluzente
 De oiro e diamantes. Única unia grade,
 Também de oiro maciço, as portas fecha
 Do paço e dos jardins: velam à entrada
 Dois enormes leões, que noite e dia
 Solicites a guardam, nem se afoita
 Mortal nenhum ao limiar terrível.
 Certo é porém que às vezes fatigados
 Os leões adormecem: mas quem sabe
 Quando eles dormem? – Muitos, outro tempo,
 Vendo-os de olhos fechados, se atreveram
 A entrar a porta, e foram devorados
 Pelas terríveis feras que dormidas

Nesse instante supunham. Encantado
 É este paço; e os leões de encanto
 Os olhos, quando dormem, arregalam,

XIV

Quem o soubera! – Um só naqueles tempos
 Sabia este segredo encantadiço;
 Do Algarve de aquém-mar era o rei jovem,
 O belo Aben-Afan. Rumor havia
 Entre o povo que um dia andando à caça,
 Co'esses formosos paços deparara,
 E eu fosse acaso, ou certo conhecesse
 Quando os leões dormiam, penetrara
 Sem p'rigo algum pelos jardins defesos;
 E de condição que é ousado, e amigo
 De aventuras correr, entrara ardido
 No palácio e nas salas marchetadas,
 Que dizem todos ser, de pedras finas
 Com brilhantes recamos de oiro e seda.
 Do que ele lá passou ninguém o sabe;
 Mas sabe-se porém que sete dias
 E sete noites demorou nos paços,
 E ao sétimo volveu triste e pensoso,
 Pálido, melancólico, falando
 Amiúde. Por vezes, quando em sonhos,
 Ou quando solitário passeando
 Do alcáçar nos eirados, alta noite,
 Ou no alvor da manhã, ignotos nomes
 Murmura estremecendo; e ora em batalhas,
 Ora em reines, vitórias e conquistas
 Discorre, e com o alfange denudado
 Meio mundo ameaça... ora afinando
 O moirisco alaúde, em saudosos
 Requebros, namoradas queixas solta,
 Com que parece dar alívio a mágoas
 Quem em segredo no íntimo devoram.

XV

Desde então o terrível inimigo
 Dos Portugueses, hoje em guerra viva
 A fogo, ferro e sangue os segue e acossa,
 Entra por suas terras, leva a morte,
 O pranto e a confusão por toda a parte;
 E, sem causa amanhã subitamente
 Ao vencido inimigo a paz implora,
 E em ócio vergonhoso inteiras luas
 Passa, como embebido nas aéreas,
 Vagas ideias que lhe agitam alma.

XVI

Quase vai a fechar segunda Egira
 O circulo lunar, desde que o mestre
 De Santiago, ousado cavaleiro,
 E o mais valente português que a espada
 Jamais cruzou c'o maometano alfange,
 Pelas terras do Algarve se afoitara
 Em correrias com seus nobres freires:
 Já era Caccia, preço oferecido
 Por Estômbar e Alvor antes ganhadas,
 Os pendões da conquista tremulavam:
 E Aben-Afan com pouca resistência
 Indiferente os vê talar seus campos,
 Tomar suas vilas, e arvorar a roxa
 Cruz da Espada nas torres e castelos,
 Que de seu peito são. Ferve-lhe o sangue
 Co'a afronta aos indignados adalides...
 Dele não curam já, sua lei defendem,
 Por suas terras acodem. Trava a guerra
 A mais e mais, com fúria entre os de Cristo
 E o muçulmano; mas o rei mancebo
 Da antiga Silves no doirado alcáçar
 Só, pensativo tristes dias passa.

XVII

Lá despertou agora.. e silencioso
 Ei-lo que à pressa, à pressa as armas veste...
 É noite, é noite escura, e o céu tão negro,
 Que nem estrela tem. Abre-te, porta,
 Porta de Azóia, ao teu senhor. Seguido
 Ei-lo vai de seus fortes cavaleiros,
 Os mais fiéis e os mais latimos dele,
 Costumados, da infância, a acompanhá-lo
 Em suas aventuras. Onde, aonde,
 Rei do Algarve, onde vás assim montado
 No teu corcel querido, cujas pretas
 Clinas se enrançam corri listões de púrpura?
 Onde assim vás de teus fiéis cercado,
 E a tais desoras? Surpr'ender o imigo
 Em cilada ardilosa? A dar socorro
 A sitiado castelo mal defeso,
 Ou de violento golpe entrar nas tendas
 Dos cristãos, e acabar co'a raça ímpia
 Dos jurados imigos do Crescente?
 – Quem sabe aonde! Véu impenetrável
 Do misterioso príncipe os desígnios
 Encobre a todos Contra os Portugueses

Não foi ele, que as luas maometanas,
 Diante a roxa espada vacilando
 De Santiago, seu fulgor perderam;
 E o mestre, da vitória precedido,
 Já de Tavira às portas se apresenta.

XVIII

Já mais do que metade decorrera
 A lua de seu giro, o ninguém sabe
 De Aben-Afan. Por onde o traz seu fado?
 Oh! negra sina entrou nessa família
 C'os feitiços da mãe! Ela, descrida
 Nazarena morreu. A filha, a bela,
 A discreta Oriana, desde o berço
 Nas ímpias águas dos cristãos banhada
 Por esse Hugo traidor que a mãe perdera,
 Nunca o rosto volveu à santa Caaba,
 Nem jurou num só Deus e em seu profeta:
 E fugiu dentre os seus, e amaldiçoada
 Lá se foi a adorar estranhos deuses
 Em terras de infiéis. Se a última esp'rança
 Do Algarve, esse rei moço, tão querido,
 Tão leal, tão gentil, tão cavaleiro,
 Também assim, também por maus feitiços
 Renegará da fé do Corão santo?
 E a antiga coroa destes remos,
 Já tão vastos, aos pés ambiciosos
 Arrojará desses monarcas de ontem?
 Esses reis portugueses em má hora
 Vindos a Espanha, confusão, ruína,
 Perdição de Ismael!... Oh! impossível:
 Grande é Deus, e Maomet é seu profeta,
 E Aben-Afan seu servo. Ânimo e avante!
 Que ele a nós voltará. Sua espada é nossa,
 Seu coração por nós, e Alá por todos.

XIX

Assim os adalides, deplorando
 A falta de seu rei, se consolavam,
 Co'estas esp'ranças fingem alentar-se:
 Fingem, que o pobre reino dos Algarves
 Aos pés dos cavaleiros de Santiago
 Passo a passo fundia. Ganhar tempo,
 Demorar, esperar só lhes cumpria
 Já de puro cansados, a Dom Paio
 Tréguas propõem; ele por breves dias
 O pedido favor lhes concedia.

XX

Mas que falange é essa de guerreiros
 Que vão, longe do mar, nos corcéis férvidos
 Correndo à brida solta? Um que se eleva
 Sobre os outros – qual se ergue no deserto
 A palmeira coroada sobre a grama
 Que à raiz se lhe açoita – e que montado
 Num formoso andaluz da cor da noite
 A comitiva bélica precede,
 Quem é ele? Será o rei do Algarve?
 Aben-Afan será? E essa beldade
 Que de arção leva e que sustém nos braços?
 Onde a conduz, e donde a traz roubada?
 Roubada a traz!... Mas no formoso gesto
 Da bela não se pinta o desespero
 Cruel da dor; sua nívea frente ingénua
 Poisa no seio do gentil guerreiro,
 E seus olhos do puro azul da esfera
 Volve, de quando em quando, aos olhos negros
 Do que a leva nos braços. Não aflito,
 Não é convulso o olhar, mas triste e lânguido:
 Porém, se amor ou mágoa lho embrandece,
 Quem poderá saber?... Suas longas vestes
 Alvas de neve, sua touca airosa
 Como de cristã virgem dedicada
 Aos altares, parecem. – Mas na frente
 Dos que a levam resplende a maura lua
 No enroscado turbante!... Já do outeiro,
 Onde o esplêndido paço se divisa
 A costa sobem, à doirada grade
 Se aproximam... abriu-se per si mesma,
 Como encantada que é, e os Leões fulvos
 A juba sacudindo, franca entrada
 Ao guerreiro gentil e à bela deixam.
 Mas quando os outros ao limiar vedado
 Ousam de se afoitar, as portas fecham-se
 Com terrível fragor, os leões rugem,
 E os corcéis espantados, eriçando
 De horror as crinas, voltam, e sem freio,
 Sem governo, com fúria partem, voam,
 E em pulverosa nuvem desaparecem.

XXI

Agora oculta mão tomou as rédeas
 Do formoso ginete, e o leva às fartas
 Cavalarices, que reluzem de oiro,
 E são mais ricas do que salas régias
 Em paços de monarcas opulentos.

Agora, dando a mão à bola dama,
 O cavaleiro sobe os degraus lúcidos,
 Escadas de diamantes que juncavam
 Mais lindas flores do que a linda rosa,
 Mais fragrantes que o óleo precioso
 Dos vergéis do Tibote. Agora, entrando
 Por galeria longa, tais prodígios,
 Tais maravilhas que seus olhos viram,
 Não ousarão meus versos descrevê-las.
 Mas ao cabo, de sólido carbúnc'lo
 Fechada porta jaz; lê-se em arábigo
 No limiar da porta este leiteiro:

AO REI SEM REINO
 A ESPOSA SEM MARIDO
 ABEN-AFAN! AQUI JAZ O TEU FADO:
 PENSA! PENSA OUTRA VEZ ANTES DE ENTRARES

Ferem os olhos do guerreiro as letras
 Fatídicas; e a mão, que ora aportava
 A delicada mão da linda dama,
 Largou-a e frouxa cai: mudo e co'rosto
 No chão, parece meditar profundo
 Em penosas ideias concentrando.

XXII

– «Sim, resolvi, clamou, e a mão da bela
 De novo toma, ao coração a leva,
 E Resolvi! clamou: perca-se tudo...
 Oh! tudo, tudo... e seja Branca minha!».

– Abre-se a porta, e o jovem par é dentro.

CANTO QUARTO

I

Forravam ricas sedas o aposento: No aveludado, pêsico tapete
 Brando desliza o pé; caçoulas de oiro
 Exalam os arábigos perfumes;
 Em vasos transparentes de alabastro
 Vicejam raras, matizadas flores.
 Tíbia luz, temperada para amantes,
 Frouxa alumia, e dá realce ao encanto
 De tão mago deleite que hi respira.
 Como um trono de amor jazia ao lado
 Fofo sofá, que a plácido repouso
 (Se não a doce agitação) convida.
 Entrava nesta estância o cavaleiro
 Com a formosa dama: ele inflamado
 De quanto amor, quanto desejo acende
 O deus dos corações em jovens peitos;
 Ela... como levada de um feitiço
 A que não pode resistir, não sabe.

II

Convidava o sofá, insta a fadiga,
 E a bela reclinou-se – não deitada,
 Não assentada, mas nessa indizível
 E dúbia posição que toda é graças,
 Desalinho, requebro, enlevo de olhos
 E talismã de lúbricos suspiros.
 Oh! suspirar, suspira o cavaleiro,
 Que a seus pés jaz, que as néveas mãos lhe aperta,
 E que lhas beija com ardentes lábios,
 Por onde alma em delírio se evapora.
 Ela também... ela também suspira,
 E nos olhos azuis alveja a lágrima
 Precursora do lânguido delíquio,
 Em que adormece a virgindade – e expira,
 Como expira inocente passarinho
 N'asa escondendo a lânguida cabeça.
 Dos olhos do mancebo fuzilava
 O raio do prazer; vivas faíscas
 Saltavam a atear a chama ardente
 No altar que ao sacrifício se prepara.

III

Os vestidos da bela são grosseira
 Estamenha, e o toucado um só véu liso:

Mas que diamantes, mas que telas de oiro
 Tranças tão lindas, corpo tão formoso
 Encobriram jamais? – Uma cruz pende-lhe
 Entre o seio que trémulo palpita.
 Uma cruz!... oh sacrílega beldade,
 Não vejo eu reluzir moirisca lua
 No turbante que envolve a baça frente
 De teu cego amador?... Mas ai fraqueza
 Fatal de nossos míseros sentidos,
 Que não vê mais que amor quem amor sente!

IV

Não falavam os dois, não; as palavras
 Das linguagens dos homens são mesquinhas,
 São pobres de expressões, quando alma inteira
 Rompe do coração e acode aos lábios.
 Não falavam, mas diz tudo o silêncio,
 Diz mais que as falas; mudos se percebem,
 Mudos se entendem, mudos se respondem,
 Nem tem mor eloquência a natureza,
 Que a mudez, que o silêncio dos amantes.

V

Porém rompeu-se alfim: uma voz doce,
 Lânguida como a frente da papoula
 Que pende o ardor do Sol, meiga e suave
 Como o sussurro da aura matutina
 Entre as flores do orvalho rociadas,
 Uma voz disse: – «Oh! tem de mim piedade,
 Oh! de minha fraqueza não abuses.
 Sei que te ame, conheço que impossível
 Me é não te amar; mas meu amor é crime,
 Mas esta cruz... ». E a cruz chegou aos lábios,
 E os lábios a beijá-la não ousaram.
 «Oh! se ao menos sequer tu a adoraras,
 Se convertido à fé, comigo eterna
 Penitência fizesses deste crime
 Que ambos, ai de mim! ambos cometemos...
 Ai! não pudera ser crime tamanho
 O que ganhasse uma alma como a tua
 Para a fé verdadeira.»
 Um ai profundo
 Do mais intimo peito lhe responde,
 E estas vozes o seguem:
 – «Que disseste,
 Oh! filha dos cristãos, que me hás proposto!
 Eu que tudo perdi para alcançar-te,
 Que abandonei por ti quanto homens prezam,

Quanto por valioso tem o mundo!
 Inda exiges de mim mais sacrifícios
 Desertar do meu culto e meus altares,
 Renegar do meu Deus!»
 – «Teu Deus é falso.»
 – «Falso o meu Deus! E o teu é verdadeiro!
 Quantos deuses há pois na Natureza?
 Eu adoro o que fez este Universo,
 O que nos ares suspendeu magnífico
 Esses orbes de luz que nos aclaram,
 Que provê, nas areias do deserto,
 De orvalho ao sequioso viandante,
 Que tanto acende o Sol, derrama a chuva
 Para os cedros que se erguem sobre o Líbano,
 Como para a rasteira, humilde grama
 Que vegeta nos piamos arenosos;
 O Deus que me criou, que no teu rosto
 Pós o traslado da beleza etérea...
 Este, este é o meu Deus: e falso é ele?»

VI

Os teólogos sabem mil respostas,
 Para sofismas tais; porém aos olhos
 Do ignorante são verdades puras
 Que sua pobre fé débil não ousa,
 Nem sabe combater: ⁷ calou-se a bela,
 Mas suspirou, e com profunda mágoa,
 Lhe pende o rosto sobre níveo seio,
 E nas formosas mãos formoso o esconde;
 As lágrimas que os olhos lhe arrasavam
 Por entre os róseos dedos deslizando,
 A gota e gota caem no regaço;
 E debulhada em pranto assim parece
 Alvo lírio do prado em cujo cálix
 Chorou a aurora ao despontar do dia.

VII

– «Oh! como te amei eu? Como há nascido
 Este amor no meu seio? Separados
 Por um abisme, que entre nós cavaram
 Todas do céu e terra as potestades,
 Quem nos uniu assim, que força?...»
 – «A minha»
 Disse uma voz solene e retumbante,
 Que estremeceu nos tímidos ouvidos
 Da donzela cristã, como estremece
 O som do bronze condutor da morte

⁷ Veja a nota a este verso, no fim.

Na orelha do pastor que o seu rebanho
 Pasce longe do campo das batalhas,
 E acorda ao estampido inesperado
 Que os ecos das montanhas lhe repetem.
 – «Uniu-vos o meu poder» a voz dizia:
 «A quem submissos os destinos cedem,
 E obedece a própria Natureza.»

VIII

Mais vivo aroma os vasos recenderam
 Animou-se nas flores cor mais bela,
 E uma longínqua música suave
 Se ouviu com harmonias tão aéreas,
 Tão doces e arrobadas de deleite,
 Que aos dois amantes alma se estendia
 À larga pelo peito de escutá-la.
 Aproximou-se pouco e pouco a mágica
 Melodia suavíssima: uma nuvem
 Se condensou opaca no aposento;
 A música cessou, tudo é silêncio,
 Mas, breve, estes sonoros hinos se ouvem
 Ao saudoso som de acordes harpas:

I

Desabrocha, alva flor, linda murta,
 Desabrocha, que amor te bafeja:
 Já tua folha lustrosa viceja,
 Já vermelhos botões vêm a abrir.
 Mas no loiro, onde o sangue negreja,
 Salpicado dos golpes da espada,
 Seque a folha, definhe esmirrada:
 Foi a glória vencida de amor.

II

Filha, filha do sangue real,
 Real é teu amante; não chores.
 Rosa Branca, flor de Portugal,
 Brilha, brilha do Algarve entre as flores.
 Apressai-vos, que o tempo não poisa,
 Foge a vida nas asas do vento,
 Chega a inerte, descai fria loisa...
 Tudo acaba no triste moimento.

III

Bem-fadada, mal-fadada,
 O mancebo e a donzela!
 Em que pese a Santiago,
 Santiago de Compostela!
 Fugir do dia aziago,

E do frade do condão,
 E mais fugir dos orvalhos
 Da noite de São João!
 Que se quebra o encantamento
 Ao pino da meia-noite;
 Ao cantar do galo preto
 Se acaba o contentamento.
 Bem-fadada, mal-fadada,
 O mancebo e a donzela!
 Em que pese a Santiago,
 Santiago de Compostela!

IX

Às derradeiras notas deste canto
 Se adelgava pouco e pouco a nuvem,
 'Té que rara de todo se dissolve,
 E um resplendor de luz na estância brilha,
 Que mais que humana coisa se amestrava.
 Alados génios e ligeiras fadas
 Abrem cortejo em dança compassada
 A uma que parece alta rainha
 De todo o império do ar. Túnica longa
 De transparente azul-celeste envolve
 Mal recatadas formas, que revela
 Em parte: e quanto há belo no Universo
 É menos belo que essas magas formas.
 Alvo de neve um cinto dá realce
 Ao torneio do corpo e à cor da veste.
 Sua estatura mais que humana se ergue
 Em gentil proporção; fora excessiva
 Em beldades da terra, mas aumenta
 O sobrenatural dessa beldade
 Que de mais altas regiões descende.
 Flexível, curta vara tem na destra,
 E um simples diadema de alvas penas
 Lhe c'roa a frente. O rosto... oh! quem lhe há visto?
 Nenhum olho mortal: um véu espesso,
 Um véu que não ergueu mão de homem vivo,
 Nem erguerá jamais, lhe cobre o rosto.

X

Era Alma, a formosa fada Afina,
 A rainha dos génios, e a senhora
 Desses paços magníficos. – Num êxtase
 De pasmo e admiração era a donzela.
 E a fada assim falou:
 – «Tudo perdeste,
 Filho de Agar... na terra tudo, tudo:

Mas, se te basta amor, um céu te fica
 Desde o dia em que pus na tua escolha
 As venturas de amor e as da fortuna,
 Tua livre eleição tenho aguardado;
 E fiel à promessa que te hei feito,
 A cumprirei a risca. – *Rei do Algarve*,
 – Te disse eu quando a este meu palácio
 Te conduziu o fado – *tu procuras*
A ventura na Terra: eu ta prometo;
Mas tem limites o meu poder na sorte;
É forçoso escolher. No orbe que habitas,
Felicidade inteira os fados negam.
Toma estes dois ramos encantados
Com mágicas palavras, guarda-os Sempre;
Neles de teu futuro pus a sorte,
E ora tos dou, e em tuas mãos a ponho.
De loiro é um, colhido à luz escassa
Do crepúsculo pálido da noite
Co'a mão direita, e salpicado n'árvore
De sangue de homem morto na batalha.
De murta é outro, ao pino da meia-noite,
Em dia de São João ao luar colhido,
Rociado de orvalhos, de formosas
Lágrimas de donzelas borrifado
Três vezes três, com três suspiros de alma
E cada uma das três. Abotoados
Ambos estão e em viço; mas as flores
Só as verás desabrochar num deles,
Quando no outro esmirrado e ressequido
Folha e botão cair. Foles a estes paços
Então, que o teu destino está cumprido,
E o encanto quebrado. – «Assim te eu disse,
 Filho de Agar. Voltaste pois: os ramos
 Do teu fado onde estão? qual deles seco,
 Qual florido me trazes?»
 De seu peito
 Tira dois ramos o gentil mancebo,
 E c'um gesto de alegre sobressalto:
 – «Florece a murta,» diz te Branca é minha.»

XI

A fada lhe tornou: – «Florece a murta,
 Florece a murta, sim, e Branca é tua;
 Mas seca o loiro, e a tua glória é extinta,
 O teu trono caiu, cessou teu reino,
 A tua raça é proscrita, os teus altares
 Fulmina o raio. Vence um deus estranho,
 Vence o Deus dos cristãos, e Alá sucumbe.»
 Emudeceu a fada; o rosto belo

Do príncipe destinge esmorecido
 Descorçoamento... após, vergonha o cora;
 E em variada sezaõ sua alma anseia.

XII

Já na formosa e cândida donzela,
 Que extática esta cena contemplava,
 Os olhos crava, e todo o amor do peito
 Nessa vista se expande, se dilata,
 E a agitação do espírito lhe acalma.
 – «E pois escolhi» clamou, e toma
 A mão da virgem: «o meu fado é este,
 Esta a minha ventura, a minha glória.
 Oh! neste coração reine eu somente
 E o trono dos Califas não invejo,
 Nem o ceptro de Omar. Naquele peito
 Impere ou só, e o império do Universo
 Disputem entre si os reis da Terra.»

XIII

– «Reinas», solene a fada lhe responde:
 Reinas, imperas: Branca é tua, adora-te.»
 Eu no seu coração pus tua imagem,
 E a teus olhos rendi seu virgem peito
 No momento em que a viste. Branca é tua;
 E só a perderás, se alucinado,
 Teu florecido ramo abandonares,
 E o deixares secar. Então não pode
 Guardar-ta o meu poder. O encanto é este;
 E o encanto que eu fiz quebrar não posso.»

XIV

E inclinando à princesa, a misteriosa
 Vara de seu poder, em tom suave
 De celeste doçura: – «Filha» disse:
 «Filha do rei cristão, este é teu paço:
 Eu vo-lo cedo, amantes venturosos.
 Nenhum olho mortal pode este alcáçar
 Doravante avistar, nem homem pode
 Vivo na terra penetrar seus muros.
 De nada receeis, gozai tranquilos
 As delicias de amor. O vosso mínimo
 Desejo, no momento em que o formardes,
 Vereis cumprido: dai rédeas folgadas
 À imaginação; riquezas, festas,
 Adornos e manjares – quanto encobrem
 As entranhas da terra, quanto as águas

Têm no fundo dos mares sepultado,
 Tudo ante vós será no próprio instante
 Que o desejardes. Porém ai! se o ramo
 Da murta definhar... ai! se o desejo
 Te pede ver florido o seco loiro!
 Oh! ai de ti, filho de Agar: não pode
 valer-te o meu condão!» – Nestas palavras
 Fez leve aceno co'a varinha, e súbito
 A formosa visão desaparece.

XV

Ficaram sós os dois amantes. Cheia
 De espanto ainda e admiração, olhava
 Para o seu roubador a linda Branca
 Com os olhos onde toda se lhe pinta
 A confusão do espirito. – «Oh! explica-me»
 Lhe disse alfin: «explica-me este enigma,
 Esta visão, e os misteriosos ditos
 Da fada, e as profecias que te há feito
 De teu perdido reino. Porque modo
 Me conheceste, como – e este mistério
 Por mais oculto o tenho – como pôde
 Assim meu coração ao teu render-se?
 Como entre nossas almas, que nascidas
 Foram para odiar-se e aborrecer-se,
 Tão doce amor travou tão fortes laços?»

XVI

Ao dizer isto, os olhos derretia
 Da namorada virgem o delíquio
 De apaixonado amor: a mão de neve
 Sobre a querida mão poisou do amado,
 Languidamente a face lhe pendia
 Para o seio agitado, e um suspiro
 Sussurrou desmaiado à flor dos lábios:
 – Como quando nas águas cristalinas
 A viração da tarde brando encrespa
 A lisa superfície. – Não cabia
 No peito a Aben-Afan tão grossa enchente
 De delícia, de gozo: acumulado
 No coração tanto prazer dobrava-lhe
 As pulsações incertas e apressadas.
 Da formosa cristã tomou nas suas
 As delicadas mãos, e convulsivo
 Lhas aperta; acres beijos as devoram,
 Voara das mãos às faces... e das faces
 Descem – ao seio não, que a virgem bela
 Do lúbrico desmaio acorda o pejo,

E ao atrevido moiro não consente
O véu tenaz erguer desse fechado
Sacrário do pudor e formosura.

XVII

Cedeu o amante aos rogos da modéstia:
E é tão grato ceder quando a certeza
Da vitória de perto nos acena!
Cedeu! poucos momentos, que retardam
O gozo do prazer, mais vivo o tornam.

XVIII

Contou-lhe então como perdido, um dia,
Na caça, deparara co'estes paços
Da fada Alma, e entrara, sela que ousassem
Opor-se-lhe os leões, que à porta os guardam.
Que os jardins encantados discorrera,
Vira o brilhante alcáçar, e admirando,
Uma por uma, tantas maravilhas
Longo tempo estivera, até que a fada
Lhe aparecera tal como hoje a vira.
E os dois místicos ramos lhe entregara,
Onde encerrado estava o seu destino.

XIX

– «Assim foi» continuou dizendo o moiro:
«Assim fadada foi a minha sorte;
E eu descuidado entrei, cheio de esp'ranças
Pela vida que alegre se me abria
Diante de ruim, como horizonte puro
Sem nuvens, sem negrume. Em breve ao trono
Subi de meus passados; e o diadema
Tão pesado! na frente descuidosa
Não me avexava, que minha alma, livre
De paixões, se espraiaava toda ao largo
Pelo mar da existência não picado
Das tempestades que no peito humano
Alevantam desejos, pensamentos,
Cobiças, ambições – solturas de alma
Em que se não cravou fixa uma ideia.

XX

«E essa tinha eu constante: os meus fadados
Ramos todos os dias contemplava,
E verdes sempre, mas sem flor, os via.
Começou a enfadar-me esta incerteza,

Este vago tardar, de meu destino,
 E solitário, só no mel' retiro
 Dias, noites passei, luas inteiras,
 Suspirando sem causa de tristeza,
 Melancólico, e quase aborrecido
 Da vida, que tão cheia de prazeres
 Se me antolhava, e que ora tão insípida
 Me apareceu. Travaram nisto as guerras
 Entre os cristãos e os meus: nossas fronteiras
 Pacíficas até ali, entrou o mestre
 De Santiago; e hórrido teatro
 Se fizeram de guerra sanguinária,
 Que não desafiámos. Sois vós outros,
 Portugueses, imigos do descanso
 E delícias da paz, viveis no fogo
 Ardente das batalhas, como vive
 No fogo a salamandra. Acudi presto
 Ao reclamo da guerra; e o meu alfange,
 Sabem-no os teus se corta por arneses
 De cristãos cavaleiros. Duvidosa
 Vacilou a fortuna entre o estandarte
 Da roxa Cruz, e entre as doiradas luas.
 Dom Paio, que assolara nossos campos,
 Entrara nossas vilas precedido
 Da vitória, parou sua marcha rápida,
 E tropeçou na estrada da conquista,
 Que tão fácil e plana se lhe abria.

XXI

«C'o exemplo de seu rei cobraram ânimo
 Os povos; e a antiga independência
 O Algarve sustentou. De nossas terras
 Rechaçado o inimigo, me ocupava
 Em guarnecer as praças arruinadas,
 Outras edificar, e preparar-me
 Contra nova invasão, que eu certa a tinha
 De tão inquietos, buliçosos ânimos.

XXII

«Por estes tempos, minha mãe, que há muito
 Separara de mim a crença estranha
 Que abraçou, e em que fora já nascida
 Minha única irmã...»
 – «Cristãs são ambas!»
 Branca alegre exclamou: «Tua mãe? que esp'rança!
 E uma irmã tens? Oh! como será bela!
 E como a hei-de amar eu!
 Os olhos tristes

Pôs no chão o mancebo, e suspirando
 Funda tristeza do íntimo do peito:
 – «Cristã foi minha mãe... Já não existe.
 E Oriana, minha irmã, que eu amei tanto,
 Ai! também para mim é morta.»
 – «Morta!»
 – «Sim, morreu para mim... morta é de todo.»

XXIII

Pensativo ficou por longo tempo...
 E continuou depois – «Fatal me há sido
 Sempre a tua lei. Desgostos, malquerenças,
 Dissensões entre os meus semeou funestas,
 E abalou as ruínas já pendentes
 Deste resto de império que em má hora
 Herdei de meus passados. Convertida
 À fé de Cristo minha mãe que eu tanto
 Adorava... oh! deixou-me aqui nesta alma
 Dúvidas... Ai! que duvidar é o grande
 Atormentar da vida. Pressentidos
 Meus vassalos da fé que vacilava
 Em meu ânimo, froixo esmorecia
 O amor nelas. Pelejar constante
 É a nossa existência nesta terra
 De Espanha, desque a tenda aqui plantámos
 Os filhos do deserto. Espada e lança,
 Se as poisarmos um dia, é a nossa morte.
 E os meus, remissos na perpétua lida
 Cansavam já. Desceu à sepultura
 Minha mãe; e Oriana, que em segredo
 Sua lei guardava, um dia de má estreia,
 Vil servo a denunciou à plebe irada.
 Amotinaram-se, e a meu próprio alcáçar
 Vieram insultar-me, a mim e a ela...
 E chegaram, de ousados, os infames
 A cuspir na memória venerada
 De minha mãe! – A afronta foi lavada
 Com os rios de sangue que correram...

XXIV

«Mas o sangue era meu, e costumado
 A verter-se por mim na árdua defesa
 Do mal seguro reino... Eu combatido
 De remorsos, tristeza e desalento,
 Me encerrei dias, meses, só, entregue
 A um vago, melancólico desejo
 De pôr termo a esta vida amargurada.
 Oriana por vezes fez rogar-me

Que a ouvisse, que a atendesse. Não quis vê-la,
Nem ela nem ninguém. E desgraçada,
Vendo-se a causa de pesar tamanho,
Resolveu de fugir. Poucas palavras
Escritas me deixou... muitas as lágrimas
Que sobre elas chorou. Era já tarde.
Quando o soube, corri por toda a parte,
Alvorotei castelos e cidades,
Devassei as fronteiras portuguesas,
Montes, vales andei... foi tudo embalde.
A algum mosteiro vosso, em terras longes,
Pôde chegar por certo. Eu despeitado
Jurei então a Deus e ao seu profeta,
Jurei... Como cumpri meu juramento!
Guerra eterna, ódio eterno aos do Evangelho
Que tudo me roubavam. Minhas armas
Jurei não despir mais, nem tirar freio
A meus cavalos, nem dormir a abrigo
De telha em povoado. – E longo tempo
Este foi meu viver: vida de cólera,
De agitado despeito!... que em meu sangue,
Que no meu coração outra não tinha.»

CANTO QUINTO

I

Donde virá que, em nós prendendo a vida
de alma

A outra vida, sentimos dentro

A precisão forçosa de contarmos
O que foi até ali nossa existência?
Do lhe dizer quão mal perdida e gasta
Longe dela... sem ela a consumimos?
Não no sei: mas que o digam quantos amam,
Digam se não é assim quantos amaram.

II

E Branca devorava essas palavras
Em que o moiro sua vida lhe contava;
Devorava-as com ânsia deliciosa:
Que é divino prazer – se não vêm zelos
Cravar seu ferro na querida história,
É celeste prazer ouvir contá-la.
Goza tu, bela infanta, ouve e não temas;
Esse homem nunca amou, e toda inteira
A virgindade de sua alma é tua.

III

Aben-Afao, tomando nas mãos ambas
As da princesa, assim continuava
Sua apaixonada história. – «Quem, oh Branca,
Quem me diria então, quando o meu peito
Todo em sanha e furor de guerra ardia,
Que tão breve mudado o meu destino,
E eu tão outro ia ser, todo eu? Escuta.
Lima noite quebrado de fadiga
Adormeci: era ventosa a noite
De Outono; e as folhas secas que caíam
Sobre a tenda em que estava, o silvo agudo
Dos despregados ventos me embalavam
Num sono mal tranquilo, mas pesado
De quebramento e lassidão. Dormia,
Dormia eu, mas escutava o ruído
Dos furacões e o som da tempestade:
De meus sentidos todos só desperto
O ouvido, que velava, os reflectia
Na alma como rugir de brutas feras,
Sibilos de dragões, uivos de tigres,
Cânticos de demónios malfazejos,
De génios maus – descompassadas vozes

De mortos ressurgidos n'hora aziaga,
 E em banquete de horror sobre um sepulcro
 Embriagando-se em sangue de parentes,
 De amigos... talvez filhos, que ao berço
 Deixaram quando a morte os tomou súbito.⁸

IV

«O coração no peito comprimido
 Me ansiava aflito, e o sangue acumulado
 Sobre ele, me pesava como a barra
 Do feno sobre o peito ao criminoso.
 Não era sonho este, era um estado
 Indefinível; mas não durou muito,
 Nem, a durar, lhe resistira a vida.
 Senti coar-me um bálsamo suave
 Pelas veias, e o sangue dilatar-se
 Brandamente por elas: solto e livre
 O coração bateu; e a fantasia
 Se descobriu da cerração medonha
 Que a enegrecia. – Leves, leves formas
 Diáfanas, ligeiras como os ares,
 Me giravam num quadro transparente
 De incerta cor, mas belo, mas tão mago,
 Tão delicioso como fresca aurora
 Por estiva manhã. Vagas e frouxas
 As formas eram, logo mais sensíveis
 Se revelaram, pouco e pouco aumentam,
 E um paraíso, um céu diante de mim era.

V

«Oh! como descrever-to! Um céu de glória,
 Um transparente azul, de estrelas belas
 Marchetado – mil anjos de asas brancas
 De estela em estela alegres revoavam,
 Lírios de alvura cândida espalhando
 Pelo ar embalsamado de fragrância.
 Ima virgem, trajando roupas simples
 Que em pureza e candura resplendiam,
 Uma virgem no meio deste encanto
 Aparecer a vi como a rainha
 Desse paraíso, como a divindade
 A quem os anjos todos se humilhavam
 E sobre quem seus lírios e boninas
 Com amor jubilosos desparziam.

VI

⁸ Alusão aos vampiros. Veja-se nota a este verso, no fim.

«Sentia arrobar-se-me a existência,
 E o coração voar-me, como os anjos,
 Para a celeste virgem. De seu peito
 Uma cruz resplendente lhe pendia,
 E essa cruz... essa cruz, como inimigo
 Talismã, afastava da donzela
 Meu coração que embalde forcejava
 De aproximar-se a tanta formosura.
 Ela, a virgem, uns olhos compassivos
 Punha em mim, e um sorriso parecia
 De seus divinos lábios consolar-me,
 E ao coração, que já desanimava,
 Alentá-lo de esp'ranças. – Mas a força
 Do talismã vencia, a cruz terrível
 Dardejava faíscas rutilantes,
 Como a espada de fogo que fulmina
 Nas mãos do guardador do Éden defeso.

VII

«Eu suspirava, a angústia me oprimia,
 E co'esta agitação se dissiparam
 A celeste visão, o sonho. Acordo,
 Acordo, mas metade da existência
 Não acordou em mim; ficou no sonho
 A máxima porção da minha vida;
 Ficou-me o coração após da virgem
 Correndo embalde. *Embalde, exclamo, embalde...*
E não, mais a verei, nunca mais... nunca!

VIII

«Apenas a arraiada ténue vinha
 Alvorecendo então no roxo Oriente;
 Secreta inspiração – não sei quê de alma
 Que sente sem a ajuda dos sentidos,
 E parece no intimo do homem
 Ser coisa alheia ou mais que a humanidade,
 Me fez pensar nos encantados ramos.
 Brilhou-me de ante os olhos a esperança,
 Como um clarão de vida: corro a eles,
 Observo-os... oh! no loiro ressequidas
 Se esmirravam as folhas – mas na murta
 Os botões, como pérolas do Oriente
 Em tranças de sereias alvejavam;
 E já n'alguns leve sinal de abrirem
 Se divisava: – como em curvas praias
 Ao subir da maré pintadas conchas
 A medo o rico esmalte descobrindo.

IX

«De alegria, de júbilo insensato,
 O arraial despertei; tendas se levam,
 Ordens à pressa dou, a Silves torno.
 Quebro, esqueço o tremendo juramento
 Que inda há pouco dizera tão solene,
 E só no meu alcáçar longo tempo
 Medito, e mil projectos desvairados,
 A qual mais vago, a qual mais louco, formo
 Sobre o meu sonho, os ramos e o destino,
 Que Alma me fadara tão ditoso.

X

«De lidar em lidar, enfim um dia,
 Levado assim de impulso repentino,
 Deixo a cidade só, e confiando
 À minha estrela o dirigir-me os passos,
 Rédeas solto ao cavalo, e sigo a estrada
 Que ele de si tomou. Certo caminho
 Foi das fronteiras, correu noite e dia
 Às margens do Guadiana, e pelas terras
 Da Andaluzia entrou; a Estremadura
 Castelhana atravessa, a por fim chega
 A um vale formosíssimo, assombrado
 De enzinhas altas; era já na Beira,
 No coração da Beira portuguesa;
 Aí parou. O Sol ao extremo ocaso
 Como num mar de luzes se afogava,
 Mas no resto do céu já raras trevas
 A estender-se começam: voz e esporas
 Emprego... não se move o corcel, fixo
 No solo qual se fora brônzea estátua
 Em pedestal de mármore cravada.
 Longo tempo insisti: cerrada a noite
 Era já, desmontei; e num rochedo
 Vizinho me assentei. Aí na mente
 A estranhez da aventura e do meu fado
 Entre mil pensamentos revolvía.

XI

«Aquele sítio... O sítio inda hoje o viste;
 É aquele escuro monte, agudo e negro
 Donde um fanal nas trevas reluzia...»
 – «Oh! bem mo disse o coração pressago!»
 Branca lhe torna: «A luz que ali brilhava
 Era tua? era a luz que estes meus olhos
 Havia de cegar!... E o coroei negro

E o cavaleiro que por nós passava
 Em mistério e terror?»
 – «Eu era, Branca.»
 – «E tu por mim bradaste: Real, Real?»
 – «Por quem senão por ti? Pressago dizes
 Teu coração, e ainda mo perguntas?»

XII

Aqui a narração se interrompia
 Com esse interromper de namorados,
 Que são beijos e beijos, longos, longos,
 Prolixos, quais os dá, a quem bem conta
 Suas histórias, fascinada ouvinte.
 – «Se eu soubesse contar como o meu moiro!
 Quê!... Voltemos a ele e à sua história,
 Como ele a ia contando.
 – «Acaba disse
 Branca enfim: e estavas assentado...»
 – «Estava, sim» Aben-Afan prossegue:
 «No rochedo, pensando em meu destino,
 Quando uma luz bruxuleando escassa
 Por entre os ramos de viçoso olmedo
 Não longe descobri. Certo que humana
 Habitação será... Aproximei-me
 Na intenção de pedir por essa noite
 Gasalhado, aguardar o desencanto
 Do meu coroei, ou em diversos trajes,
 Que a peso de ouro e jóias hi comprasse,
 A pé seguir a incerta romaria
 De meu peregrinar misterioso.

XIII

Chego; pequena ermida solitária
 Estava entre o arvoredor: a luz saía
 Pelas físgas da porta mal fechada.
 Entrei; um santo horror de meus sentidos
 Se apoderou: – forravam toda a estância
 Ossos de homem, caveiras – brancas umas
 Do tempo, outras ainda mal cobertas
 A pedaços de pele ressequida,
 De eriçados cabelos. Uma tumba
 Negra jazia ao lado, e uma cruz tosca
 No chão cravada: dessa cruz pendia
 Lâmpada que a luz fúnebre desparze
 Nestes objectos fúnebres.

XIV

– «Absorto
 Contemplava o terrível monumento
 Dos triunfos da morte, quando um fraco
 Som quase extinto ouvi de voz cerrada
 Dizer: – *Filho das trevas, tu procuras
 A claridade; achá-la-ás; mas guarda-te:
 Abrasa a luz a miúdo.*
 – *Quem me fala?*
 Tornei eu, *quem aqui nesta gelada
 Habitação de mortos me conhece?*
 – *Um que é já no limiar da eternidade,
 Um moribundo. Segue o teu destino,
 Aben-Afan: outrora obedeciam-me
 Os espíritos do ar, e poderia
 Mostrar-to... mas é tarde: sinto a hora
 Derradeira soar-me... expiro... fecha-me
 Os olhos... oeste o meu burel... e segue
 Avante... em Portugal... é perto... A morte
 O colheu; roucos sons balbuciou inda,
 E num arranco lhe fugiu a vida.*

XV

«Combatido de vários pensamentos
 Passei a noite junto de cadáver
 Mas alfim decidido e resoluto
 A correr todo o meu destino às cegas:
*Aceite-se o legado, disse eu, vista-se
 O burel do santão,⁹ e avante à sorte!*
 C'o primeiro crepúsculo da aurora
 Já, em vez de turbante, me cobria
 Capuz agudo a frente. Um nome escrito
 Entre as pregas do saio achei... Que espanto!
 Hugo, o nome fatal do nazareno
 Que em nossas terras disfarçado entrara,
 Que o respeitado alcáçar devassando
 De meus antepassados, a discórdia
 Semeara entre os meus! Se era ele e morto?...
 Se estava em meu destino que em seus trajos
 Disfarçado eu agora, penetrasse
 Pelo miais recatado, o mais zelado
 Dos cristãos?... Sorte! – À sorte e à ventura!

XVI

«Sai da ermida e a caminhar me deite.
 De noite o meu corcel desaparecera:
 E eu, sem saber de estrada, sem vereda
 Seguia mais que a do acaso, fui andando,

⁹ Veja a nota a este verso, no fim.

Andando, até que junto de um mosteiro
 Grandioso e de fábrica soberba
 Me achei. Que sons divinos que saiam
 De seus muros! Era um cantar celeste,
 Vozes tão doces, como vozes de anjos
 No alto das montanhas celebrando
 As grandezas de Alá. – Todo enlevado
 No mago encantamento dessas vozes,
 Do templo estive à porta: franqueá-la
 Não ousava... e a vontade mo pedia,
 Mas retinham-me escrúpulos. Ao cabo
 Disse eu: Que importam nomes? Deus é o mesmo:
 Cristo ¹⁰ e Maomet foram profetas,
 Mas Deus é o mesmo Deus. – Entrei na igreja.

XVII

«Era um coro de cândidas donzelas,
 Que alternadas o cântico solene
 Entoavam. Sentia-me eu tomado
 Da religiosa e santa majestade
 Que enchia o templo. Os olhos repousava
 Com prazer inocente nessas virgens
 Que por Deus renunciaram a prazeres,
 A delicias da Terra, quando súbito
 Lá no fundo do templo a porta se abre
 E uma virgem entrou: seu ar, seu gesto
 A mostrava entre as outras a primeira,
 E entre elas parecia tão brilhante,
 Gomo em capela de jasmins a rosa,
 Ou como o lírio n'hástea debruçado
 Sobre o campe arrelvado de violetas.

XVIII

«Deu-me rebate o coração no peito:
 Era essa imagem a que eu vira em sonhos,
 Essa, essa própria; a mesma cruz brilhava
 Em seu peito... Perdi razão, sentidos,
 Num êxtase de gozo indefinível
 Cal como em delíquio. – Longo espaço
 Devia de durar, que só no templo
 Acordando me achei: findara toda
 A cerimónia, e as virgens retiraram-se.
 Saí então, e soube que e convento
 Era Lorrvão, e...»
 – «Tu» interrompendo-o,
 Branca lhe diz: «tu eras o eremita
 Que em nossa igreja ùa manhã entrava

¹⁰ É discorrer dum maometano.

E que tão enlevado parecia
 Na oração?»
 – «Era eu mesmo.»
 – «Oh Deus! e eu própria
 Com quanta devoção te contemplava!
 Tão jovem, eu dizia, e tão deixado
 Do mundo já!... Mas tu o ermitão eras?»

XIX

– «Eu sim, que extasiado em teu semblante
 Ai perdi o coração e a vida;
 Aí nesse momento se cumpriram
 Os meus destinos todos, O fadado
 Ramo consulto: florescia o mirto.
 Céus! clamei, é quebrado o meu encanto!
 Mas que fazer! A noite veio; a um próximo
 Olival me levava incerto passo,
 E na soidão, minha alma se entranhava
 Em pensamentos vagos, em projectos
 Mais vagos... Um corcel vejo pascendo
 Embridado, e moirisca sela tinha;
 Era o meu fiel Adir; chamei-o, corre
 A mim alegre, estende-se abaixando
 O alto costado, como convidando-me
 A montá-lo. – Hesitei... mas dirigido
 Por oculto poder não é meu fado?
 Montei, partimos; trouxe-me a estes paços.
 Não vi Alma, mas teu nome, o sítio
 Onde te encontraria em teu caminho
 Para Castela, como libertar-te
 De teus brutais dervixes deveria,
 Tudo li numa tarja transparente
 De jaspe em letras doiro. Outra vez parto
 Cos mais fiéis dos meus, fui emboscar-me
 Detrás desse escarpado, negro monte
 Onde o morto ermitão tinha encontrado,
 Onde viste o fanal, que era a atalaia
 Para os meus que dispersos rodeavam
 Os caminhos de em torno. Ali me viste:
 E dali, passo a passo, te seguimos
 Sem dar alarma aos teus, – Sabes o resto;
 E já teu coração me há perdoado,
 Branca... Pois quê? Não perdoaste? Dize.»

XX

Os braços da donzela se enlaçaram,
 Como um festão de cândidas boninas,
 Em torno ao colo do gentil mancebo.

– O profeta, se a vira nesse instante,
Emendara o Corão, e não vedara
A um anjo tal do Paraíso a entrada.

CANTO SEXTO

I

Toca o sino a completas, era noite
 Manto co'a roxa cruz sobre a armadura
 Reluzente, e ao coro se encaminham
 De Santiago es nobres cavaleiros.
 As espadas, terror do mauro Algarve,
 Depõem junto do altar, e vão devotes
 Ante o Deus dos exércitos prostrar-se
 Em humilde oração. Há poucas horas
 Guerreiros na batalha, agora símplies,
 Silenciosos, austeros cenobitas
 Rezam em coro – amanhã, quem sabe?
 Correrão aventuras namoradas,
 E nos braços de lânguida beldade
 Cumprirão o terceiro mandamento
 Da muito nobre e respeitável ordem
 Da andante, singular cavalaria.

Em Cacela: seu branco sobrevestem

II

Oh! quem vê hoje na ponteada casa
 De aperaltada, esguia casaquinha
 Brilhar a mesma cruz, símbolo de honra,
 De patriotismo e glória, que pendera
 De áureo colar em peitos de aço duro,
 Peitos que sem pavor por entre selvas
 De lanças, de azagaias se arrojavam;
 Quem as vê hoje, a cruz santa de Cristo,
 Pendão de glória que guiou no Oriente
 Castro, Albuquerque e Vasco – a roxa Espada
 Se Santiago que arvorou as Quinas
 Nos castelos do Algarve – penduradas
 Pelas librés da infância e da injustiça...
 Quem de sua nobre origem cogitando,
 Ousará de dizer: «São cavaleiros,
 São portugueses cavaleiros esses?»

III

Tremulava a bandeira de Santiago
 Nos muros de Cacela, que vencida
 Aos fortes cavaleiros se rendera.
 Mas Tavira resiste: fatigados
 Os de Cristo e Maomet formaram tréguas
 E da guerra contínua repoisavam.
 Já grã parte do Algarve sucumbira

Às armas de Dom Paio e dos seus freires,
Depois que Aben-Afan de seu alcáçar,
– Sem se saber adonde – se ausentara.

IV

Tavira a forte, Silves a marítima,
firmes porém sustentam porfiosas
Ao moiro rei a vacilante c'roa,
As principais então, e as mais famosas
Em valor e riquezas essas eram
Por todo o aquém dos áridos Algarves.

V

Findara o coro: a hora do repasto
Num fresco eirado, à Lua, passeando,
Os cenobitas campeões aguardam.
De batalhas e cercos falam velhos,
Das justas e torneios do bom tempo
Que foi; moços de amores e caçadas,
De aventuras, e coisas que mais prazem
À idade em que viceja a flor da vida,
E folga o coração no peito à larga.

VI

Era assunto entre os jovens mais querido
Esse prazer de reis, essa arte nobre
Que Altanaria chamam, guerra própria
De ave com ave: não este covarde
Jogar da besta, do arcabuz, do arco
Para indefeso surpreender no ramo,
No descuidado voo o passarinho.

VII

– «Sabei «disse Dom Álvaro, «senhores,
Que os meus falcões, por certo os mais manhosos
De el-rei de Leão não têm que ver com eles,
Pena é que em terras nossas não há caça
Com que entreter o tempo destas tréguas,
Senão veríeis».
– «Grã desejo tenho
De o ver» Mem do Vale respondia:
«Que as minhas aves até'gora as creio,
Em que pese a Dom Álvaro, as melhores
Que hei visto em vida minha. Mas, senhores,
Coisa vos direi eu que vos agrade,
Pois cavaleiros sois: p'rigoso é o caso,

Mas de gosto será, Sabei que em Antas
 É a caça melhor de todo o Algarve:
 Mister é de passarmos por Tavira;
 Mas em paz, como estamos, de impedir-nos
 Não ousarão os moiros: e se ousassem....»
 – «Tanto melhor, que sua perda fora»
 Volvem à uma os jovens cavaleiros:
 «Vamos, e amanhã já.»
 Foram-se ao mestre
 E do que hão concertado lhe dão parte.

VIII

Cem prudência Dom Paio e bom aviso
 Lhes ponderou da empresa es contratempos:
 Quanto ciosos eram de suas terras,
 E mulheres os moiros. – «Nem por isso»
 Acrescentou sorrindo o grave Paio:
 «Lhes quero eu mal, que há hi formosas damas,
 E a ver tais cavaleiros costumadas
 Não estão elas». Rindo agradeceram
 O cumprimento ao mestre; e pois lhe dava
 Cuidado a sua ideia, prometiam
 Irem de paz e guerra bem armados
 Para quanto cumprisse... que era excesso
 De prudência, diziam. Atrever-se
 Com seis de Santiago, os pobres moiros
 Do Algarve!... quem havia de pensá-lo?

IX

Mas grave e pensativo lhes tornava
 Dera Paio: – «Não é bom folgar, mancebos,
 Co'as agonias últimas de um povo.
 No derradeiro aperto, muitas vezes,
 Afoga o que zombou de o ver prostrado,
 Tréguas temos c'os moiros: mas o povo,
 Descontente de ver seu rei sumido
 No alcáçar de Silves, descuidando
 Reino, vassalos e a família própria,
 Que a irmã se fez cristã... e é fama entre eles
 Que lha roubámos nós – o povo em bandos
 Anda à solta, sem lei, por essas terras,
 Tomai tento; que a plebe enfurecida
 De guerra leal estilos não conhece
 Nem os cata a ninguém.»
 Tudo prometem
 Os jovens a seu mestre; e pressurosos
 Assim no alvor do dia se partiram
 Com suas aves e armas, cavalgando

Ema andaluzes, relinchões ginetes.

X

Seis eram os mancebos; e tão guapos,
Tão gentis cavaleiros não vestiram
Nunca em terras de Espanha arnês de guerra.
C'o denodo e despejo dessa idade,
Em que os perigos são delícia e brinco,
Caminho vão direitos de Tavira;
A ponte passam a veloz galope,
E às frescas margens da ribeira plácida,
Onde Antas jaz, alegres começavam
Suas aves a soltar, seguir-lhe os voos,
E a entreter-se em folguedos inocentes,
Disputas joviais, e outros singelos
Passatempos de alegre confiança.

XI

Mas o Diabo, que jamais não dorme
Quando vê gente moça em bom caminho,
E que não pára sem fazer das suas,
E os meter em camisas de onze varas,
O Diabo se deu aos diabos todos
De ver seis rapazes tão bem postos,
Tão galhardos e belos, de sua regra
Cumpridores fiéis, e mais honestos
Que o mais honesto monge de Tebaida.

XII

Ora, sabido é que o tal amigo
Lucifer, Belzebu, Satanás, Diabo,
Demónio, ou como quer que é sua graça
Na minha terra as beatas o designam
C'o extravagante nome de *Baetas*;
Nome a quem nunca pude achar o furo
Da etimologia; e desafio
O carmelita autor do dicionário
Que traduziu – triztriz – pratos quebrados,
Desse tamanhas voltas ao miolo
Como as que eu dei para encontrar com ele,
– O Diabo pois, que enfim este é seu nome,
Tanto fez, que até santos de Tebaida
Com suas tentações voltou do avesso,
E se meteu sem medo à queima-roupa
Com cilícios, jejuns e água benta.
Como lhe havemos de escapar nós outros,
Pobres e miseráveis pecadores!

XIII

E como pôde entrar este inimigo
 Jurado da adamítica progénie
 Os austeros limites da Tebaida?
 – Com moças: moças são coisa do Diabo,
 Se é que o Diabo não são elas mesmas:
 Que em quanto para mim, Deus me perdoe,
 Por tais as tenho, às tentações malignas,
 Que sinto cá por dentro quando as vejo,
 E me dão tais vontades... Abrenúncio!
 O Diabo elas são, ou elas dele.

XIV

Pois o pai da malícia, que bem sabe
 O poder de tais armas perigosas,
 Assentou de apanhar numa das suas
 Os jovens caçadores: vai, e enfia-se
 – Que é mestre nisso, e não lhe custa nada
 Estender-se, agachar-se, encarquilhar-se,
 Acaçapar-se curto e pequenino
 Como um mosquito ao alto alevantar-se
 Como a torre dos Clérigos ¹¹ – enfia-se
 No papo dum falcão dos da caçada,
 E o falcão que ficou, come lá dizem,
 C'o Diabo no corpo, larga o paio,
 E desanda a voar por esses ares.
 Voou, voou 'té que estacou mui longo,
 E se pôs a pairar como quem mira
 A caça, e a fita bem para empolgá-la.

XV

Acertou que o falcão dos dois gabados
 De Dom Álvaro era. – «Estranho voo»
 Mem do Vaie lhe disse: «é o da vossa ave:
 Nunca vi um falcão voar dessa arte.»
 – «Credo, senhor» Dom Álvaro lhe torna:
 «Que é fina caça a que ele paira agora,
 E até não há hi ave em toda Espanha
 Que a tal avente, e tanta.»
 – «Ir-lhe-ei no encalce»,
 Volve o outro, – «Ide embora, porém crede-me
 Que a miam somente e não a outro, a entrega.»

XVI

¹¹ Torre formosíssima no Porto.

Mem do Vale picou, e por um trilho
 Agreste e rude, entre árvores e mato
 Mete o corcel fragueiro, e costumado
 A mais agros caminhos. – Já chegava
 A um vale estreito, que em redor fechavam
 Íngremes, escarpadas serranias
 Tão áridas, tão secas e escalvadas,
 Quanto era amena, vicejante e bela
 A várzea que à abrigada lhes ficava.

XVII

Um arroio sinuoso corta o vale
 Despenhado do cume alto da seria
 Com ruído, em catarata pitoresca,
 Onde em brilhantes prismas concentrando
 O matutino Sol seus raios puros,
 Aí nas cores de Íris se extremava.
 A relva de boninas esmaltada
 Amorosos perfumes recendia;
 E aquém, além festões de verdes balsas
 Prendiam com seus ramos enlaçados,
 Às viçosas figueiras. Ramilhetes
 De murta em flor brotavam pelo prado,
 E na doirada areia da ribeira
 Viçava o tenro, dobradiço arbusto
 Que em nossas praias semeou de perlas
 Para enlevo da infância a Natureza,
 Oh! idade feliz em que as eu via,
 As alvas camarinhas resplendendo
 No límpido sairão, e as cobiçava
 Essas perlas mais finas a meus olhos
 Do que as da bela egípcia, mal pudica!

XVIII

Sobre este ameno, delicioso vale
 Paira a prumo o falcão: mas extasiado
 Co'as belezas do sítio, o cavaleiro,
 Na maravilha que lhe encanta os olhos
 Pensava só, nem ao falcão já atendo.
 Quando súbito a ave – qual se vira
 Saltar lebre fugaz de espessa moita –
 Desce veloz, e atrás de árvores densas
 À vista se escondeu, desaparece.
 Vê-la baixar, e correr pronto ao poiso
 Que lha ocultava – foi um só momento.

XIX

Fácil era a entrada da espessura
Por um lado onde as árvores falecera.
Entra, e a caça que viu... Tenteio em balde
As cordas do romântico alaúde
Que os génios das montanhas me afinaram
Para os singelos sons desalinhados
De meu simples cantar; falham-me as notas,
Desafina a canção. Que verso pode
Descrever es segredos da floresta
Do Almargem! onde encantos estupendos,
Nocturnas festas celebrar-se-ão visto
Às fadas e aos espíritos da noite!...

XX

Ali... ali jamais pé de homem vivo
Depois do pôr de Sol entrar não ousa;
E só do alto da serra o pegureiro
Viu luzinhas – sinal certo de bruxas –
A surdir e a esconder-se a um lado e outro,
Saltando como estrelas namoradas
Que via o grego antojador de favas
Ao brando som de harmónicas esferas
Bailar no azul do céu as tripecinhas...
Ou perdido viandante arrepiado
De medo, ouviu confusas gargalhadas,
Estranhos cantos e gemidos fúnebres!

CANTO SÉTIMO

I

Aqui do engenho, aqui da arte sublime
 Aqui daqueles versos descuidados,
 Daquele donairoso seu capricho
 Que damas belas, monges impotentes,
 Andantes cavaleiros e duendes,
 Fadas e malandrins encantadores,
 Tudo enreda na vaga, solta dança
 De seus divinos feiticeiros cantos.
 Oh! quem pudera, quem soubera agora
 Tecer, com ele, o enrevesado fio
 Dessas lindas mentiras que enleavam
 A curteza bestial de um nobre duque!
 Pérolas... e que pérolas! deitaste,
 Meu pobre Ariosto, ao coroado cerdo.

Do teu cantor, Angélica formosa!

II

Mas não. Livre de mais, lascivo é o canto
 Que as venturas nos conta do Medoro
 E os furores de Orlando. Eu, pudibundo,
 Austero vate, salmear só quero
 Em coro de donzelas inocentes,
 E acender minha lâmpada na lâmpada
 Das virgens sábias que poupar souberam
 Para a vinda do esposo o santo azeite.
 Simples é meu canto, meu contar singelo,
 Dar-me-ão as mães a ler às filhas! ¹²

III

Jaz sobre a relva, à deleitosa sombra
 Do espesso arvoredado adormecida
 Jovem beldade. – Se anjos, divagando
 Acaso pela terra, adormeceram
 Algum'ora em recinto delicioso
 Que lhes fez recordar do Éden os bosques,
 Seu formoso dormir como este fora,

IV

Alva, ligeira túnica apertava
 Pelo meio do corpo delicado
 Cinta de verde cor; doiradas tranças,
 Sem mais ornato que o gracioso oxidado

¹² La mère en permettra la lecture à sa fille.

De seus próprios anéis, se debruçavam
 Por ombros, em que a força do alvo quebra
 Ligeira cor de desbotada rosa,
 Seus olhos!... com as pálpebras escuras
 Fechado tem o sono esse tesouro
 De brilho e do inocência. Mas nos lábios
 A inocência sorri. A um lado jaz-lhe
 Pequeno livro. O atônito guerreiro
 No rapto dos sentidos alheados
 Longo tempo ficou absorto, mudo,
 Como a quem maravilha tem cortado
 Com a razão metade da existência.

V

Que livro será este? Abre, e redobra
 Seu pasmo: de orações e rezas santas
 Era um livro cristão, iluminado
 Das vivas cores, de oiro reluzente
 Com que a arte bizantina debuxava
 No bento pergaminho essas imagens
 Sem vida, sem acção, e que resplendem
 De um brilho, de um matiz que é o desespero
 Do moderno pintar. – Mas esse livro
 Aqui, mas essa dama tão formosa
 Que o dia na soidão desse deserto...
 Mas tudo isto... é mistério incompreensível.

VI

E o *Agnus Dei* que pende ao lindo colo
 Da bela, e c'o sereno movimento
 Do seio brandamente se agitava?
 Não há que duvidar: é cristã virgem
 E em terras de moiros! – Oh! roubada
 Foi decerto; e a seus bárbaros deleites,
 Seus infames prazeres a reservam
 Nalgum castelo próximo. – Sem dúvida.

VII

Mas como neste sítio adormecida?
 Baldam ai de todo as conjecturas.
 Fugiu talvez... acaso comunica
 Os bosques ai com parte mais escusa
 Do parque, ou cerca de moiriscos paços,
 Onde escrava a retêm... Cristã é ela.
 E eu cristão cavaleiro, que hei jurado
 De defender a fé e a formosura,
 Devo... o que? – Libertá-la desses grifos,

Dos monstros que a inocência se preparam
A devorar-lhe crus... devo, oh! sim devo.

VIII

Destarte reflectia o cavaleiro,
E levado de zelo – ardente zelo
Da fé... Travesso doente me sussurra
No ouvido menos puro sentimento.
Vai-te, espírito mau, não te acredito;
Era boa a intenção: que faz ao ponto
Se profanete ¹³, acaso, algum desejo
Na tenção se ingeriu? Vasos de barro
Somos nós, quebradiços e achacados;
E raro, a obra melhor do homem mais justo,
O oiro mais puro da virtude humana
De liga vil seu tanto não encerra.
– Levado pois *da fé*: «Salvá-la» clama
«Salvá-la é força, e já». – Mas, se a desperta,
Se receosa a tímida virtude
Dessa dama, fugir assim não ousa
Sozinha com um jovem cavaleiro?
Saberá convencê-la. – E se no entanto
Perdido o tempo?... Oh Deus! urge o perigo,
Cumprе deliberar... Toma-a nos braços,
Salta na sela, e parte, corre, voa.

IX

No papo do falcão raivava o Diabo,
Vendo tão mal sair-lhe o stratagem,
E que o laço, onde creu ter apanhado
A virtude de santo cavaleiro,
Nova c'roa de glória lhe viçava
Na honesta frente, – Em tão escura sombra,
Tal formosura.. ocasião tão bela!...
Capacitar-se o Diabo não podia
Que tanta força houvesse num mancebo,
Que resistisse a tal. – Mas onde a leva
Ele agora? – Sabido é que o Diabo,
Que tudo sabe, só futuro ignora,
Deu a voar, e segue pelos ares
O jovem par no rápido galope.

X

Nos braços apertando o doce peso,
Corria o cavalo, e lhe batia
O coração. – Sorriu de ouvir-lhe o Diabo

¹³ Diminutivo necessário.

Tão apressado, e disse lá consigo:
 – Tu que bates assim, má tenção levas
 No entanto a donzela, mal desperta
 Do sono ainda, que pensar não sabe
 Do estranho sucesso que a acordara:
 Se vela ou sonha, se anjos a conduzem
 Às regiões do céu, ou se o maligno
 Espírito a arrebatava às profundezas
 Do abismo, duvidosa, nem se atreve
 A abrir os lindos olhos: e tremendo,
 Encolhendo-se toda, mui baixinho
 Ao bento anjo rezava da sua guarda.

XI

Porém alfim curiosidade vence
 Afinal sempre em feminino peito.
 Quem a leva roubada? anjo, ou demónio?
 Ver-lhe a cara deseja. E se ele é negro?...
 Credo! – Mas pouco a pouco vai abrindo
 O cantinho do olho. Alta a viseira
 O mancebo levava; e o belo rosto
 – Que belo era e gentil – se descobria
 Entre as luzentes armas de aço fino,
 E sob o elmo emplumado – qual nos pintam
 O triunfante arcanjo aos pés calcando
 Revel esp'rito que venceu nos piamos
 Do céu em regular, campal batalha,

XII

Ao encarar com tão formoso gesto
 O medo todo lhe fugiu do seio;
 E a grata persuasão que em corpo e alma
 A leva ao céu um anjo tão bonito,
 Certeza foi que de prazer celeste
 Lhe inunda o coração. – Mas será sonho?
 Nunca ele acabe sonho que é tão belo.
 Com medo de acordar, seus lindos olhos
 Fogem da luz do dia e só se entr'abrem
 Para gozar da angélica presença
 Do roubador gentil. – Enquanto o jovem
 Sente o doce calor do brando corpo
 Os membros repassar-lhe e dar rebate
 Ao sangue, que agitado já circula,
 E em seu tropel e espirito envolvendo,
 Sensações menos puras, logo ideias
 Pecaminosas... feios pensamentos,
 E ao cabo tentações.. – Já não sorria,
 Mas dava pulo o Diabo de contente.

XIII

Eis ao subir de pedregosa encosta
 Agra e difícil, do alto da montanha
 Vozes mil a gritar: – Ei-los vão, ei-los!
 O roubador infiel ei-lo e a princesa.
 Acudi, acudi, vingai no infame
 Nossas injúrias todas». – E redobra
 O alarido das vozes tumultuárias;
 E gritando corriam, e descendo
 Dos lados todos, breve tem cercado
 O cavaleiro multidão de moiros
 Que em fúria cresce, e em torno se amontoa.

XIV

É povo mal armado e descomposto,
 Gente soez, e sem valor nem brio,
 Mas forte pelo número, e terrível
 Na fanática sanha que os excita.
 Embalde o cavaleiro o corcel volta,
 Embalde tenta de descer de novo,
 E salvar-se na fuga: a turba imensa
 De toda a parte acode. Atropelados
 Do fogoso cavalo, a muitos prostra;
 Mas outros, e outros vêm: ceder é força.

XV

Ceder! um português, e um cavaleiro!
 Oh! que pesado então lhe foi o leve,
 O doce peso que a seu peito aperta!
 Que fará? Lança e escudo lhe falecem.
 Mas ceder! isso não: co'a esquerda abraça,
 Defende a linda dama que estremece;
 A destra brande a espada formidável,
 A cujos golpes o infiel desmaia;
 E caem como espigas em calmosa
 Sesta de Estio aos golpes do ceifeiro,

XVI

E a bela! – Oh despertada alfim do sonho,
 Suas magas ilusões se desvanecem.
 Cruel realidade! Quem é ele?
 Como a roubou, e aonde, onde é que a leva?
 Porque assim a perseguem esses moiros?
 Oh! isso entende, isso conhece a triste,
 Claros os gritos são. Mau fado a espera

Se em suas mãos cair. Oh Deus que susto!
 Com o seu roubador, seu cavaleiro,
 Seu defensor... Ou como há-de chamar-lhe?...
 Se abraça, e esconde o rosto delicado
 No seio áspero e férreo da armadura.
 Mas é já tarde, já reconhecida
 Foi da turba infiel, – «Oriana!» bradam:
 «Oriana!» soa em torno. Co'este nome
 Cresce a raiva, o furor nos combatentes,
 A quem resiste impávido um só homem.

XVII

«Oriana» repetindo, embravecidos
 Investem; mas o nome que os incita,
 Como se fora mágica palavra,
 Respeito lhes inspira: os golpes vibrara,
 E no meio do golpe a mão descai-lhes,
 E o peito deixa aos botes desarmado
 Da espada do cristão. – Já da matança,
 Já de tanto ferir lhe afroixa o braço;
 E as forças pouco a pouco a falecer-lhe...

XVIII

Tem pois de sucumbir. Pereça embora;
 Embora... Mas à fúria desses bárbaros
 Abandonar a vítima inocente
 Que ele insensato ao sacrifício trouxe!
 Uma virgem cristã! Céus! e tão bela!
 Jamais. – Resta-lhe a esp'rança derradeira
 De chamar pelos sócios que lhe acudam:
 Se o ouvirem, poderão valer-lhe
 E ajudá-lo a salvar a desgraçada
 O corno toca; os sons repete ao longe
 O eco das montanhas. Já o ouviram,
 E o usado som de Mem reconheceram
 Os sócios que, não longe, começavam
 A sentir o alarido da peleja.
 O passo dobram: ei-los... oh ventura!
 São a milhares a moirisca turba;
 Mas seis de Santiago! – Avante! e rompem.
 Santiago e avante? – Em roda estão do amigo.
 Vidas como estas caro são vendidas;
 E tarde, se a perderem, a vitória
 Só coroará os lívidos cadáveres
 Do vencedor, a quem se deu mau grado.

XIX

O inimigo recua. Secos troncos
 De figueiras, que ai jazem, encastelam
 Uns; enquanto outros à lançada viva
 Seu trabalho defendem. Já completa
 É a tranqueira, e a tempo; que os cavalos
 De cansaço e feridas se abatiam.
 A suas frágeis muralhas se acolheram,
 E da turba que os cerca se defendem,
 Como leões à boca de seu antro
 Pelos filhos e esposa combatendo.

XX

Ai da formosa, incógnita donzela!
 Que ao deslaçar os braços delicados
 Do corpo do mancebo, os lindos olhos
 Cheios de amor e lágrimas levanta
 Para o céu, para ele, e: «Adeus lhe disse:
 «Adeus! Que breve foi, e que amargado
 O prazer deste abraço!» –Ai cruas vozes,
 Tão meigas, tão cruéis! abriu-se-lhe alma
 Ao jovem; e a paixão, que lhe escondiam
 Suas quimeras vãs, toda lhe avulta:
 Co'esse golpe de morte lhe rebenta
 O amor 'té ali no coração oculto.
 Oh transe! amor travando o braço à morte!
 A eternidade em meio da ventura!

XXI

Os olhos do mancebo se enturvaram,
 O sangue que vertiam mil feridas,
 Parou. Já nesse instante a última vida
 Do coração fugia... Suspendeu-lha
 Co'a força do prazer, da dor o excesso,
 Qual soem suspender opostos ventos
 Ao lume de água, em cabo proceloso
 A soçobrada nau. – Anjo da morte
 Porque retiras a asa cor da noite,
 Que lhe estendias sobre a frente lívida?
 Doce é morrer assim; mas todo o cálix
 Do passamento, 'té às fezes negras,
 Bebê-lo! – cruel és, anjo terrível.

XXII

De novo jorra o sangue das feridas,
 E exânime clamou. – «Oh Deus!» seus lábios
 Descorados na face da donzela
 Osculo imprimem, o primeiro – e o último!

A virgem não corou: solene, e augusto
 É o extremo da vida; não há pejos
 Na despedida às portas do sepulcro.

XXIII

– «E quem és tu, incógnita beldade?»
 – «Eu?» volve a virgem: «eu? Sangue inimigo
 Teu e da cruz nas minhas veias gira;
 Sangue de reis... sangue fatal! Raiou-me
 A fé por entre as trevas de seus erros:
 Minha mãe foi cristã, e a água sem mancha
 Do baptismo banhou meu corpo infante.
 Este é o crime que a plebe amotinada
 Persegue em mim. A seu rancor fugida
 Tinha vindo acoitar-me nestes bosques
 Onde um velho ermitão, por caridade,
 Em sua rústica choça dava abrigo
 À irmã de Aben-Afan.»
 – «Tu, irmão dele!
 E eu fui que te perdi... Ai! fui eu, triste.»
 Torna a espada, e com ímpeto que mostra
 Forças maiores já do que as da terra,
 E sem mais proferir, dá sobre os moiros
 Com fúria tal, que inúmeros lhe caem
 Aos pés dum bote só. Porém foi esse
 De Sansão moribundo extremo esforço:
 Sobre o montão das vitimas que imola,
 O sacrificador exangue acurva;
 Sem vida cai. Não o vingueis, amigos
 Não caiu bravo em campo de batalha
 Mais gloriosa queda; não deis lágrimas
 A quem só derramou em vida e morte
 Sangue inimigo e seu. Mem não existe:
 Folgai, filhos de Agar, sobre e seu túmulo.

XXIV

Olhos formosos que lhe a morte destes,
 Chorai vós, sim, chorai!... Mas tanta perda
 Ignora ainda a bela causa dela,
 Não o viste cair, gentil Oriana,
 Que no meio dos fortes cavaleiros,
 No chão prostrada, súplice invocavas
 Ao Céu perdão, do Céu misericórdia,
 E gemes, como a rola solitária
 Sobre o lascado ramo do pinheiro,
 Quando os ventos do Outono tempestuoso
 Da emigração a quadra lhe anunciam:
 Ai! caçador cruel lhe há morto o esposo,

E seu terno arrulhar o chama ainda.

XXV

Com a morte de Mem coragem ganham
Os infiéis, e afroixa nos de Cristo
O ânimo não, mas esse mais que humano
Esforço gigantesco, entusiasmo,
Que não só p'rigos sem pavor arrosta,
Mas a infalível perda, a morte certa,
Sem lhe atentar no horror, com gosto encara.
Lassos de combater, de sangue exaustos,
Que a jorros corre dos golpeados membros,
Os que fortes exércitos venceram,
E são terror de belicosas hostes,
Ante unia vil, desordenada turba
De alvorotada plebe já sucumbem,

XXVI

Eis a correr do alto da montanha
De rédea larga vem um cavaleiro
Ancião, de longas barbas venerandas,
Nem armado, nem seu trajar indica
Linhagem nobre; mas nobreza de alma
Brilha em suas feições. Ao chegar perto
Dos combatentes, moderara o passo.
E grave se aproxima do tumulto
Com semblante sereno, Erguendo a destra:
– «Suspendei» disse: «suspendei as armas;
Escutai-me um instante.»
A inesperada
Fala do velho à sanha da peleja
O furor suspendeu: pára o combate;
E curiosos da causa que o ali trouxe,
Atentos moiros e cristãos o atendem.

XXVII

«Ilustres cavaleiros, escutai-me,
Filhos de Agar, ouvi-me: injusta guerra
Fazeis todos: o sangue desparzido
Neste dia fatal ao céu bradando
Está vingança e todo há recaído
Sobre minha cabeça. Eu a princesa
Oriana dos reais paços de Tavira
Na fuga auxiliei, ao respeitado
Bosque de Almargem a levei, e em guarda
A um eremita santo a dei eu mesmo.
Mas essa que buscais há tanto tempo,

Mas essa, por quem hoje heis combatido,
 Não é ~à vossa, não: Oriana, a bela,
 A real Oriana aos erros e mentiras
 De vossa falsa lei jamais deu culto.
 Cristã é, cristã foi desde a primeira
 Hora da vida.»
 – «Ela, cristã!» exclamam
 A maura turba com horror e espanto.

XXVIII

– «Sim, cristã sou» lhes diz, alevantando-se
 A princesa gentil; e no ar, no gesto
 Lhe brilhava um esplendor de majestade,
 Que, entre essa multidão de homens armados,
 Sanguentos, golpeados, parecia
 Anjo de paz que vem de ordem do Eterno
 O cru flagelo suspender da guerra.
 – «Sim, cristã sou, e o Deus só verdadeiro,
 Que à sua santa luz abriu os olhos
 De minha mãe, que em sua glória é hoje,
 Constância me dará para o martírio,
 Para alcançar a imarcessível palma
 Que me espera do Céu. Vinde; essas armas
 Para meu peito dirigi; tormentos
 Inventai] novos; tudo com delícia
 Receberei de vós, com prazer de alma;
 Tudo... Piedoso Deus! que hei visto!» – Pára-lhe
 A voz e a vida; cai: no gesto lívido
 Véu de morte se estende. A malfadada
 No cadáver de Mem, que jaz por terra,
 Fixara acaso os olhos descuidados,
 E do golpe fatal, que inda ignorava,
 Repentino ferida, à dor sucumbe.

XXIX

Álvaro e os mais cristãos, que a viram súbito
 Desmaiar e cair – não suspeitosos
 Da causa de seu mal, alucinados
 Em tanta confusão – de tredo golpe
 Por maometano archeiro a crêem ferida.
 De horror e indignação furiosos bramam;
 E Álvaro lhes clamou: – «Amigos, eia!
 Este resto de sangue que inda gira
 Em nossas veias, pouco é, porém corra
 Português 'té à gota derradeira.
 Que nos sobra de vida! Escassas horas:
 Séculos fossem elas, à vingança
 De crime tanto e tal votadas sejam.

Santiago, e avante! nossa é a vitória,
E triunfantes nos receba a morte.»

XXX

As fogosas palavras do mancebo
Nos corações que apenas palpitavam
Exangues, semimortos, vida e fogo
De entusiasmo infundem. Quais rompentes
Leões, investem contra o moiro, em fúria.
A jorros corre o sangue; a vozearia
Dos combatentes, gritos dos feridos,
E o arrancar dos moribundos forma
Consonância medonha. Acostumado
Não era à guerra o venerando velho
Que, esperando salvar os cavaleiros
À custa de sua vida, ali viera.
Conhece todo o Algarve o nome e a fama
De Garcia Rodrigues, o mais rico
E honrado mercador daquelas eras,
Que em seu tráfico honesto, recovando
Entre os moiros do Algarve e as portuguesas
Terras vizinhas, grande acumulara
Haver de oiro e riquezas. Protegido
Da defunta rainha, e íntimo sempre
De frei Hugo, quando este disfarçado
Nos hábitos e modos de moirisma
No palácio de Silves demorava,
Tão prudente e avisado andara sempre
Que nunca aos muçulmanos fora odioso.
Depois, morta a rainha, e Hugo partido
A fazer-se ermitão em Monteagudo,
Continuara em seu trato, a ir ao paço
Vender suas mercancias costumadas.
Co'a princesa Oriana ali falava,
E em grande segredo lhe trazia
Livros, rezas cristãs, bentas relíquias
E outras consolações que a confortavam
No desamparo e susto em que vivia.

XXXI

No próprio dia a Silves era vindo
Que em torrentes de sangue se afogara
O tumulto da plebe amotinada
Contra Oriana; e vendo-a resolvida
A fugir para sempre as ímpias terras
Dos inimigos da sua fé – deixara
A mercantil, habitual prudência;
Com grande risco de fazenda e vida

Ele próprio, uma noite bem fadada,
 A levou nas recovas escondida
 Que o não sonhou ninguém. Passou as portas
 Da alcáçova, e passou as da cidade,
 Escapando a perigos infinitos,
 Que só pensá-los faz tremer. Andando
 A bom andar, chegou àquele bosque
 Do Almargem, e o seu furto precioso
 Deu a guardar a um santo velho monge
 Que ali vivia em solitário hospício
 Dos lá da serra de Ossa dependente.
 Ali a vinha ver o bom Garcia
 Sempre quando passava em seu continuo
 Usual peregrinar. Caminho agora
 Ia de Alvor, quando escutou o ruído
 E a causa soube do fatal combate,
 Que a apaziguar correu... em vão. «Salvá-los
 É impossível!... Pois» disse ele morra-se
 Como homem também». – Empunha a espada
 E sobre os moiros deu como homem que era.

XXXII

Novas entanto da fatal peleja
 A Cacela chegaram. Parte à pressa
 Vos seus o mestre, esperançado ainda
 De socorrer os nobres combatentes.
 Tavira passa; os moiros aterrados
 Do furor com que vem, passá-lo deixam.
 Chega... Ai!... tarde. Já lívidos cadáveres
 Sobre montões dos que imolou seu ferro
 Jazem os sete heróis. Troféus de entorno
 Seus inimigos lhes são, que os precederam,
 E às regiões baixaram do sepulcro
 A anunciar do vencedor a vida.

XXXIII

Mas os moiros do campo da batalha,
 Em vendo o mestre vir, se retiraram
 Açodados c'o medo da vingança.
 E ele, a quem no peito ânsia rebrama
 De punir tão cruel aleivosia,
 Os preciosos despojos recolhendo
 Dos nobres cavaleiros e do honrado
 Mercador, no alcance vai dos moiros,
 Que em vão fogem. Cruento sacrifício
 As sombras dos heróis ali recebem:
 Milhares caem. De Tavira às portas
 Acossados os leva; e as portas, que abre

Para acolher os seus o muçulmano,
Ao mestre foram triunfal entrada
Na capital do subjugado reino.

XXXIV

Do Algarve a capital cede a Dom Paio.
Mas em Silves o rei no forte alcáçar
Crêem todos; e acabar co infame jugo
Dos infiéis em terras portuguesas
Jurara o mestre. Bem guardada e forte
Deixa Tavira, e sobre a antiga Silves
Vai com a flor dos seus ébrios de glória.

CANTO OITAVO

I

Ai de ti, Silves, de tuas nobres torres,
 Às espadas terríveis de Santiago?
 Já derredor dos muros, que de lanças,
 De frechas, de besteiros se coroam,
 Suas tendas assentou, suas azes posta
 O invencível mestre. Já trabucos
 Assestam, catapultas vêm de rojo,
 Máquinas, lígneas torres; e se dobram
 Acobertados couros, protectores
 De escaladas e assaltos. Mas de dentro
 Dos muros os cercados se apercebem
 Para a defesa: ardentes alcanzias,
 Duros cantos, ferradas longas varas
 Que os incendiários fachos arremessam
 Às inimigas fábricas. Redobra
 Coragem em uns e outros o perigo,
 Pregam no campo frades indulgências,
 Na cidade os imãs novas promessas
 Fazem de houris e paraísos: folga
 Entanto a morte, e para a ceifa crua
 C'o um pérfido sorriso a fouce afia.

Teu alcáçar tão forte! Quem resiste

II

Dom Paio suas tendas, rodeado
 Dos cavaleiros principais, com eles
 Nos desenhos do assédio praticava,
 E no mais que a seu cargo e posto cumpre.
 Um homem de armas entra, e ao conselho
 Anuncia que ao campo um mensageiro
 Do rei de Portugal nessa hora chega.

III

– «Que novas traz?»
 – «Sabê-lo-eis mui pretos
 Que não tarda convosco; e sua mensagem,
 Diz só a vós dará.»
 – «Embora venha:
 E praza ao Céu que do valente Afonso
 Nos traga alfim tão pedido auxilio.
 Grã mister hemos dele. Cavaleiro
 E generoso é Afonso, a nenhum outro
 De toda a Espanha com mais gosto dera
 Preito do que hei ganhado: mas importa

Que a levarmos ao cabo esta conquista
 Nos ajude ele; senão... reis não faltam;
 Deus proverá, e a nossa espada ao resto.»

IV

O arauto, com solene e gravo passo,
 A Dom Paio caminha, e volteando
 Três vezes no ar o seu bastão doirado,
 Em som lento e pausado assim lhe fala:
 – «Da parte do mui alto e poderoso
 E temido senhor, rei Dom Afonso
 De Portugal e Algarves, a Dom Paio,
 Mestre de Santiago, cavaleiro
 Muito nobre e esforçado, vem Dom Nuno;
 Sua embaixada traz.»
 – «Entrai». Entraram.

V

De suas ricas armas cinzeladas
 Vinha armado Dom Nuno: por de cima
 Da malha sobreveste de oiro e seda
 Orlada com franjões de fina prata,
 Passamanes do mesmo, e sobre o peito
 Bordada a cruz azul, insígnia antiga
 Do reino, e embaixador que o representa,
 Segundo usança é.
 Este, inclinando-se
 Ao mestre, disse então:
 – «Senhor Dom Paio
 El-rei, e meu senhor, que a vós me manda,
 Vos envia saudar, como a quem preza,
 E muito estimo vossas nobres partes,
 E a respeitável Ordem de Sant'Iago,
 Cujo sois digno mestre. Sabei como
 Prouve ao muito alto rei de Leão, Castela,
 De Toledo, de Córdoba e Sevilha,
 Múrcia e Jaen, imperador augusto,
 Sempre feliz, a meu senhor e amo,
 El-rei de Portugal, neste seu reino
 Investi-lo do Algarve; e vos ordena
 Que lhe entregueis castelo e fortalezas
 E lugares o vilas que heis tomado;
 E preito lhe façais e homenagem,
 Como a senhor e rei. E mais vos trago
 Que em marcha com sua gente a estes sítios
 Vem el-rei meu senhor, com tenção firme
 De ajudar-vos na santa empresa vossa
 De libertar suas terras do pesado

Jugo de moiros: no que muito conta
 Convosco e vossos nobres cavaleiros,
 A quem honra e mercês fará condignas.»

VI

– «Venhais embora» o mestre respondia:
 «Sejais bem-vindo vós, e a vossa alegre
 Mensagem que trazeis, senhor Dom Nuno.
 Português sou, e português me prezo
 De ser do coração; e muito folgo
 De entregar nossas praças e castelos
 A rei tal e senhor. Em hora boa
 Venha ele a tomar nossa homenagem,
 E a conquistar o mais que no seu reino
 Ainda infieis lho têm. Com mãos à obra
 Nos achais, cavaleiro; desta Silves,
 Onde o moirisco rei temos cercado,
 O resto da conquista está pendente;
 E... Mas vejo-vos rir!... Não sei que o caso...»

VII

Nuno sorria, e em gestos se expressava
 De quem do mestre aos ditos fé não dera.
 – «Não tomeis, senhor meu, para má parte
 Este sorrir»: contendo-se Dom Nuno
 Lhe tornava : «De Aben-Afan dizeis
 Que o tínheis hi cercado... E sei eu certo
 Que algures ele está, que não em Silves.»
 – «Sabeis?»
 – «Sim, sei.»
 – «Muito sabeis! Contai-me.»

VIII

Nuno então conta ao mestre, que pasmava
 Como, da infanta em companhia, a folgas
 Indo, o rei moiro súbito os tomara.
 E ele só, por estranho caso, a vida
 Salvara e liberdade; – que escondido
 Na cerca do convento, deparando
 Com um moiro, o matara, e em seus vestidos
 À pressa disfarçado, Aben seguira
 'Té a uns formosos paços, onde a infanta
 Só com Aben-Afan entrar puderam,
 E que súbito os paços se sumiram.
 Que certo havia ali encantamento
 Ficou ele; porém lugar e sítio
 Bem o conhece, e tais sinais tem posto,

Que há-de com ele dar. Daí partido
 A el-rei se fora a lhe contar do roubo
 E desacato da real infanta.
 Que de vingar sua honra e a de sua filha
 Jurara Afonso; e a Beatriz, sua esposa,
 Mandara ao pai a lhe pedir do Algarve
 Terras e senhorio, resoluto
 A acabar desta feita co'a vil raça
 De Maomet. Em tudo consentira
 O bom do imperador: e el-rei à pressa
 Vem caminho do Algarve, a invicta espada
 Jurando não depor sem que no sangue
 Do derradeiro moiro a injúria lave.»

IX

– «Mas se encantada a infanta» diz Dom Paio,
 «Co moiro está, que vale guerra e sangue
 Para a cobrar?» – «A tudo se há provido»
 Nuno volveu: com el-rei vem quem sabe,
 E tudo pode em coisas tais de encantos,
 Certo, que nomear tereis ouvido
 Frei Gil de Santarém...»
 – «Frei Gil!.... Oh! valha-nos
 Santiago!» à uma os cavaleiros dizem:
 «Traz consigo esse frade Dom Afonso?»

X

– «E porque não?» Dom Nuno respondia:
 «Sim, traz; mas não sabeis quanto mudado
 Está frei Gil. Do Diabo, a quem vendera
 A alma pelo poder da bruxaria,
 O escrito cobrou que lhe fizera
 De obrigação, lavrado com seu sangue.
 E agora o Diabo, a quem servira escravo,
 Como a senhor o serve; e é maravilha
 Ouvir casos e coisas que se hão feito
 Por sua intervenção. Peça mais fina
 Nunca santo a pregou a fino Diabo,
 Do que o padre frei Gil; fá-lo ir ao coro
 Rezar c'os frades, ouvir missa inteira,
 E confessar-se até.»
 – «Mas quem vê isso?»
 – «Ninguém senão frei Gil: boa era essa!
 Se o vira alguém, forte milagre fora.»¹⁴

XI

¹⁴ Veja a nota a este verso, no fim.

Riram os cavaleiros do bom logro
 Que pregara ao Demónio o santo frade.
 Veja a nota a este verso, no rim.
 E o mestre, encarregando da ordenança
 Do cerco e mais governo que cumpria,
 Ao comendador-mor, se foi, com parte
 Do conselho da ordem, ao caminho
 De Selir, a esperar el-rei Afonso,
 Que para aí direito em marcha vinha.

XII

Já longo o cerco a parecer começa
 Aos sitiantes; rápida a vitória
 'Té ali os precedeu: enfim o auxílio
 Do monarca porá termo ás delongas,
 E acabará c'o império muçulmano
 Nos libertos Algarves. – Se pudessem
 Todavia vencer sem esse auxílio!
 Veda-lho a ausência do esforçado mestre.
 Sem ele aventurar-se a dar assalto
 Não ousarão, nem devem. Surdas minas
 Lavrando vão caladamente entanto
 Com direcção do alcáçar, que o mais forte
 Lanço é da praça toda, e decisivo.

XIII

Segue de perto aos que trabalham, pronta
 A escolha dos mais bravos e atrevidos
 Na subterrânea estrada, que já longa
 Cresceu: prestes estão de peito e de armas
 A qualquer caso, ou contramina os cruze,
 Ou, repentino, a bem guardada estância
 De inimigos os leve seu trabalho.

XIV

O ardido Nuno entre os primeiros sempre
 É na glória e perigos. Voluntário
 Se of'rece a ir na subterrânea empresa.
 Por capitão de todos o puseram
 E a direcção da mina lhe entregaram.
 Trabalhavam um dia, eis – «Vozes sinto»
 Disse parando na obra um dos soldados.
 – «Escutemos: silêncio!» Nuno acode,
 E alerta ouvidos, e calado é tudo,
 Vozes se ouviam, mal distintos ecos,
 Sons abafados, como uns ais perdidos
 De infeliz a quem vivo sepultassem

Nas entranhas da terra, e que em lamentos
Vãos! – conjurasse o horror de seu destino.

XV

– «Manso continuai vosso trabalho»
Diz Nuno: «Descubramos donde nascem
Estes estranhos sons». Vão pouco e pouco,
Leve e leve, minando a terra dura.
Já clara a voz se ouvia: feminino
Era o acento gemedor e aflito,
E como suplicante: crebros golpes
Se ouviam c'os lamentos misturados,
E um rouco murmurar de voz sinistra.
– Suplício, algoz, e vítima parecem.
Tão próximos estão, que se distinguem
As falas já.
– «Piedade!» diz voz trémula:
«Piedade, eu desfaleço, eu morro...»
– «Amigos!»
Bradou Nuno: «à uma os ferros, eia!
Salvemos essa vítima inocente
Da maometana bárbara maldade.
Rompei dum golpe só o estreito espaço».

XVI

Mal dissera, aos alviões nas mãos robustas
Cede a terra, e caindo, patenteia
À vista dos atónitos guerreiros
O lôbrego recinto de medonho
Subterrâneo, horrível calabouço.
Uma lâmpada fúnebre, que ardia
Suspensa em meio, triste luz reflecte,
Clara porém, na profundez do antro.
Em pé espadaúdo moiro como estátua,
De medo e pasmo está; seus olhos fixos,
Seu gesto horrendamente contraído
O pavor, a crueza, o susto, o crime
Alternados debuxa. Tem na destra
O instrumento de bárbaro suplício,
Azorrague sanguento. Junto dele
No chão prostrada ùa mulher... Vergonha
Me abafa os sons nas cordas que estremecem:
A indecorosa posição... pintá-la
Meus versos ousarão?... Em terra os joelhos
Poisava, e em terra a face; co'as mãos ambas
Cobre-a, de pejo – o seio encobrem vestes;
Mas o restante... oh! não as tem mais belas
Nem mais patentes Calipígia Vénus.

As formas imortais que nome e fama
 Dão ao cinzel e mármore divino.
 Matizam crus sinais o alvo dos lírios,
 Como sói no vergel tília roxa
 Entre as cecéns brotar. – Mais se divisa
 Outra flor... Caia o véu sobre o meu quadro.

XVII

Véu de pudor cobriu os olhos castos
 Dos guerreiros cristãos. Seu manto arroja
 Nuno à infeliz, e co'a outra mão travando
 Da barba hirsuta do algoz: – «Malvado!»
 Lhe brada: «mas que vejo! tu! É sonho,
 Ou és tu mesmo? Como nestes hábitos
 Co'esse turbante, infame renegado?
 Eterno Deus!... Vil monstro de maldade,
 Fala: quem é esta inocente vítima
 De teu furor cruel? porque a ferias
 Tão despiado? Fala, ou neste instante
 A merecida morte...»

XVIII

Um suor frio
 Cobria o moiro, os dentes lhe batiam,
 E os membros contraídos lhe estremecem.
 Qual ceifeiro robusto, a quem na messe
 Tomou quartã violenta, co'a mão trémula
 Aperta a foice, e em vão chamar os sócios,
 Bradar procura em vão; no aberto sulco,
 Sobre os feixes de espigas que há colhido,
 Cai oprimido de ânsia e quebramento.

XIX

– «Malvado!» exclama Nuno: «segurai-o,
 Mas não toqueis, por Deus, nessa cabeça
 Ao cutelo votada da justiça.
 E vós, senhora, cobrai força e ânimo,
 Que não estais com bárbaros: respeito
 E piedade achareis. Auxílio e amparo
 Por cavaleiros e cristãos devemos
 As damas; nem nos veda a diferença
 De culto e religião..»
 C'um gesto a dama,
 Em que, apesar do pejo e abatimento.
 Sobressai dignidade e formosura
 De nobreza e virtude, alevantando-se
 Gravemente, o interrompe co'estas vozes:

– «Meu culto e religião, senhor, é o vosso;
Cristã sou, por cristã hei padecido,
E de meu padecer uma só queixa
Tenho elevado ao Céu – que lento e brando
Não me haja dado a suspirada morte.»

XX

– Nobre dama, connosco ao régio Afonso
Vinde; e recebereis honra e justiça,
Qual se vos deve. Nome e sangue ignoro
De tão bela senhora, mas por certo
De alta progénie o tenho.»
– «Em mal! bem alta.»
– «É português?...»
– «Senhor, moiro é meu sangue,
Muçulmanos os meus, cristã eu única.
Não me pergunteis mais; eu vo-lo rogo
Por vossa cruz: levai-me presto ao campo
Onde os socorros que há mister minha alma,
Encontrar possa.»
Pronto, Nuno ordena
Às guardas e vigias o que devem
Em sua ausência fazer, e co'a formosa
Dama e co velho moiro ao campo volve.

XXI

Soavam atabalas e trombetas,
Que tângem menestrelis: todo um triunfo
O arraial parecia. – «Ei-lo que chega,
Ei-lo! Real, real por Dom Afonso
Do Algarve e Portugal!» mil vozes clamam
E do mestre e dos seus acompanhado
O magnânimo Afonso, num formoso
E soberbo andaluz montado, vinha
O campo entrando. Os vivas de alegria,
As saudações do povo e dos soldados
Benigno acolhe: mas profunda mágoa
No rosto impressa traz; ri-lhe nos lábios
Doce afabilidade, que os monarcas
Portugueses outrora distinguia,
Mas a frente pesada de cuidados
Em vão se alisa, as rugas da tristeza
Sob o diadema de oiro se lhe encrespam.

CANTO NONO

I

O estandarte das Quinas tremulava
 No pavilhão real; e essa alegria,
 Que em derredor festiva se agitava
 Na tenda do monarca não penetra:
 Pesado é tudo aí, Seus ricos-homens
 Se compõem no silêncio e na tristeza
 Que da frente do príncipe reflecte.
 A mão no rosto pálido, e c'os olhos
 Fitos no vago, Afonso meditava.
 O que vai por essa alma, ó rei?... Memórias
 De Bolonha serão? Lágrima a lágrima,
 Estás sentindo as da infeliz Matilde
 No coração traidor cair-te agora?
 Se do vendido tálamo... vendido!
 Porque o vendeste, rei; não foi cegueira
 Perdoável de amor, senão cobiça,
 Fria crueza de ambição a tua...
 Se do vendido tálamo as saudades
 Vingadouras talvez vêm perseguir-te?
 Ou se – que é rico de remorsos e amplo
 O teu quinhão de rei – se outro remorso
 Te estará solehando a laje negra
 Que em Toledo a outro rei... teu irmão era!
 Deu estranha piedade por esmola?
 Ai Afonso! E perdeste a filha, e choras
 E acusas os Céus! Os teus são crimes
 Que a divina justiça não espera
 Para os vingar depois na eterna vida,

II

Foi este derradeiro pensamento
 Que por certo o feriu. Turbado, aflito
 Fez sinal que o deixassem. Nobres, pajens,
 Tudo se retirou. – «E que me chamem»,
 Disse «frei Gil». E a frei Gil chamaram;
 E só entrou a el-rei; e a sós são ambos.

III

– «Padre» torvo de aspecto Afonso clama:
 Padre, que heis descoberto? Que esperanças,
 Que novas me trazeis?»
 – «Tem confiança
 Em meu poder, ó rei dos Portugueses

Tua filha verás, vê-la-ás. Mui cedo
 É para se cumprir a grande obra
 Em que empenhadas tenho minhas artes,
 Minha ciência toda.»
 – «Muito há, padre,
 Que o prometeis assim, e... Desculpai-me:
 Sou pai; e nenhum pai nunca amou filha,
 Como eu a minha Branca; nem mais digna
 De amor e de ternura houve outra filha.
 A meu pesar, confesso, que aos altares,
 Inda mal! a cedi. Triste presságio
 Me agourava seu fado.»
 – «Rei, és homem
 E como homem és fraco e miserável.
 Pesa-te o quê? da filha que hás votado
 A um Deus que reino a reino te acrescenta?»
 – «Oh! mas a minha filha, a minha Branca?...»
 – «Tua filha verás: sou eu, Afonso,
 Que to asseguro. Do imundo espírito,
 Que hei forçado a servir-me e obedecer-me,
 A resposta alcancem: não está longe
 A abadessa de Holgas destes sítios.»

IV

– «Aonde, aonde está?» bradou Afonso
 Levando a mão à espada: «Quero eu próprio,
 Eu só por minha mão...»
 – «Tua mão, tua espada,
 A tua cr'oa, o teu ceptro que empenharás,
 Não são nada em mim. Que sois vós outros,
 Reis da Terra, que fora o vosso trono,
 Sem o amparo do altar? Vai perguntá-lo
 À campa de Toledo e aos desonrados
 Ossos de teu irmão...»

V

Acovardado
 Tremia o conde de Bolonha; o forte,
 O ousado Afonso treme, e respeitoso,
 Diante do humilde frade mais humilde,
 Com submissão se inclina.
 Relaxando
 Na asperidão da voz, frei Gil prossegue
 Com mais suavidade: – «Ouve, liberta
 Será Branca por mim; nem longe é o dia.
 Quando o ramo de peste em talha de ouro
 For escondido, quando o bento orvalho
 Estender seu influxo a terras de ímpios,

Quando em noite mais clara do que o dia
 Escurecer o céu sombra de mortos,
 E o galo preto anunciar a hora
 Fatal a encantamentos e à possança
 Dos espíritos do ar, liberta é Branca.
 Nisto confia, ó rei: mas grande e forte
 É o poder que a guarda, grande império
 É o do génio que a retém cativa.
 De confiar-to duvidei 'té'gora;
 Porém força é que o saibas: protegido
 Da rainha das fadas é o jovem
 Roubador de tua filha, Nem violenta
 Em seus torpes abraços está ela:
 Fatal encanto a cega, poderoso
 Feitiço a enamorou...»
 – «Oh Deus! que horrores!
 Meu sangue, a minha filha? Que vergonha
 Me anuncias!... Oh! venha a desgraçada:
 Seu juiz, seu algoz serei eu mesmo!»

VI

– «Não o permita o Céu» Gil o interrompe:
 «Não o permita o Céu: altos decretos
 São do destino eterno; adorar deves,
 E conformar tua vontade humilde
 Com a vontade suma. Penitência
 De seu erro fará; e há-de aplacar-lhe
 A penitência sua as iras justas
 Do esposo e do Céu. Mas a salvá-la,
 A quebrar seu encanto é necessária
 Uma difícil coisa.»
 – «O quê?»
 – «Três gotas Sem ferro havidas, e do sangue próprio
 Do roubador.»
 – «De Aben-Afan? Burlai-vos,
 Padre, zombais de mim? Não me haveis dito
 Que com ela no mesmo encantamento
 Esse pérfido moiro está?»
 – «Sim, disse.»
 – «E então?...»
 Fechando os olhos, e a mirrada
 Mão alçando, murmura com voz trémula
 Frei Gil: – «Perto de nós está seu sangue».

VII

Mal estas vozes pronunciara o frade,
 Da tenda o reposteiro alevantava
 Um cavaleiro: é Nuno, acompanhado

Daquela aflita dama; a el-rei se chega
 Ainda transtornado do despeito
 E indignação: – «Perdoai minha ousadia,
 Rei e senhor», lhe diz: «justiça venho
 E piedade implorar. Horrendo crime,
 Bárbara afronta a Deus e à humanidade,
 Clama por vós, senhor, a grandes brados.
 A queixosa, a ofendida é a bela dama
 Que aqui vedes; o réu... Interrogai-a,
 E dela o sabereis.»
 – «Formosa dama,
 Justiça vos farei; tende bom ânimo.
 E se de vossa afronta é tal o caso,
 Que só a desagrave espada ou lança
 Em raso campo; cavaleiros tenho
 Que por tão bela dama se apresentem
 A defendê-la em cerco ou estacada
 Contra o próprio Amadis. Mas vossos trajes
 À usança moirisca me parecem;
 E vós, senhora, sois?...»
 – «Moiras hei nascido;
 E cristã sou. Mas de meu triste caso
 Vos dirá esse honrado cavaleiro.
 Desculpai-me, senhor; longos discursos
 Meu padecer e mágoas não toleram.»

VIII

Nuno então conta da lavrada mina,
 Do subterrâneo cárcere, e do encontro
 Que aí teve; refere o mais que ouvira
 Dos cavaleiros que ao fatal combate
 De Antas em tardo auxílio haviam ido,
 E esta dama em poder da maura turba,
 Quando fugia, a viram: e sabido
 Tinha dos prisioneiros como a causa
 Do combate ela fora, e como filha
 Era de régio sangue; e convertida
 Sua mãe à fé de Cristo, a baptizara;
 Como por tal dos moiros perseguida,
 O mercador Rodrigues lhe valera
 E a levava ao Almargem, onde oculta
 Estivera em poder do santo monge
 Que demorava ali. Ao depois narra
 De Antas a crua história, e como havendo
 Sucumbido os cristãos na fatal luta,
 Os infiéis a Silves a levaram,
 E num medonho, subterrâneo cárcere,
 Por começo de tratos, a arrojaram.

IX

– «Como foi minha dita libertá-la,
 Já vos disse, senhor Nuno acrescenta:
 «Mas os tormentos crus, mas a impiedosa
 Injúria atroce que um perverso monstro
 Lhe há feito... oh não me atrevo a referi-la.
 Concedei-me, senhor, que ante vós traga
 O réu, e pasmareis de conhecê-lo.»
 – «Ide.»
 – «Perto ele está. Trazei, soldados,
 À presença de el-rei esse malvado.»

X

Os soldados c'o velho moiro entravam;
 El-rei com atenção fixo o contempla...
 – «Aproximai-o» disse: «Um moiro é esse?
 Um moiro, dizeis vós!... É frei Soeiro.»
 – «Um cristão! volve a dama: e um religioso!»
 – «Frei Soeiro! o confessor de minha filha?...
 Miserável! defende-te se podes;
 Treme infiel das penas que te aguardam.
 Porque enormes pecados hás chegado
 A esse estado de infâmia e de miséria?
 Renegar do teu Deus, teus santos votos!
 Como, infeliz, corno chegaste a tanto?»

XI

Atónitos em torno estavam todos,
 E com horror ao renegado frade
 Observa cada qual, atento ouvido
 Para escutá-lo dando. Mas calado,
 Mudo, quedo, c'os olhos esgazeados,
 Como se não ouvira, imóvel fica.

XII

– «Cuidas salvar-te assim?» el-rei prossegue:
 Pensas de me iludir com teu silêncio?
 Soldados, co'as espadas nas bainhas
 Porque as não manche o vil, as duras costas
 Lhe macerai com rija mão. Veremos
 Se lhe passa a mudez». Executada
 Foi a sentença... em vão: nem sinal leve
 Da menor dor amostra; mudo, quedo,
 Imóvel, impassível como dantes.

XIII

Pasma Afonso, e os que vêem todos se espantam,
 Se benzem já. Então de um canto escuro,
 Onde, até ali calada, esta observava
 Cena de maravilha, se aproxima
 Frei Gil, e com um brado tremebundo,
 Erguendo a esquerda mão: – «Fala, eu to ordeno.»
 O criminoso treme, e revolvendo
 Com fúria os olhos, num arranco horrível:
 – «O que queres de mim lhe disse: «mestre?»
 – «És tu frei Soeiro?»
 – «Não.»
 – «Não és frei Soeiro!»
 Quem és tu pois? clamava el-rei pasmado,
 Frei Gil tornou: Responde».
 – «Sou o Diabo.»
 – «Zombas de mim, traidor?»
 – «Não zombo, Afonso:
 Ouve. Escutai-me, todos, em silêncio,
 E não me interrompais, por vossa vida.»

XIV

Da manga o frade tira gravemente
 Curta varinha dobradiça e negra;
 Que três vezes no ar com pausa agita.
 No chão depois um circulo descreve,
 Em torno ignotos caracteres forma.
 Palavras cabalísticas murmura,
 E em silêncio, os braços descaídos,
 Eriçada na fronte a rara grenha,
 Com os olhos fechados, como espectro
 Que se ergue sobre a campa em hora aziaga,
 Extático terrível permanece.

XV

Súbito exclama com acento horrído:
 – «Espírito infernal, anjo das trevas,
 Que ao meu poder, rebelde, hei sujeitado!
 Pelas sublimes artes, e execrandas
 Palavras não sabidas de homem vivo,
 Nem pronunciadas por humanos lábios
 Diante da luz do Sol, eu te esconjuro,
 Imunda criatura, que declares
 O que pretendes desse imundo corpo
 De frei Soeiro? como, e porque causa
 A renegar da fé e de Deus santo,
 Teu e seu criador, o compeliste?
 E para quê, por suas mãos impuras,

Deste à bela Oriana crus tormentos?
 Fala, e verdade, em que te pez, não mintas,
 Ou as fatais palavras do castigo
 Sobre ti, vil criatura, pronuncio.»

VI

Fez-se mais negro o moiro, e assim responde:
 – «Essa Oriana é filha do pecado
 E de nascença minha escrava e dele.
 Mas um tal frade bruxo, meio frade
 E mais que meio bruxo, que na manga
 Trazia os sortilégios co'as relíquias.
 Próprio fradinho o tal da mão furada,
 O teu vivo retrato enfim...»
 – «Adiante!»
 Disse frei Gil, doendo-se da graça.
 Sorriu-se el-rei. E o demo prosseguiu:

XVII

– «O tal frade... frei Hugo era o seu nome:
 Tanto me andou c'a mãe... que fina moira
 Era a mãe!... embruxou, desembuxou-a,
 E deu co'ela cristã. Já era velha
 A esse tempo: e eu perder, não perdi nada.
 Mas estoutra, da infância ma tiraram;
 E picou-se no vivo. Fez-se linda,
 E tão linda, que à força de lisonjas,
 De enfeites, galanteios e requebros,
 – Bruxaria mais forte que nenhuma –
 Estive certo de a apanhar à unha,
 E a tornar a fazer mais minha que antes.
 Roubou-ma um tal tratante de Garcia,
 Mercador que aí jaz em Antas morto...
 E foi-se a tempo, que por nada o pilho
 Numa onzena em que quase, quase o empalmo.

XVIII

Custava-me a perder essa donzela;
 E ao velho ermitão que a tinha em casa
 Tentei, tentei debalde um ano inteiro:
 Debalde, que o mofino, velho e trôpego,
 Não tinha que tentar. – Quando vi juntos
 Em Antas seis tão jovens cavaleiros,
 Assentei de encaixar-me no mais moço
 E mais gentil dos seis. Perto dormia
 Essa Oriana; cuidei que a tinha feita:
 Mas, por mau fado, os cavaleiros todos

Não se esqueceram de levar ao peito
 Aquela coisa que adorais vós todos
 E que nós...»
 – «Vai por diante, e não blasfemes.»

XIX

«Fiquei *desapontado* – como dizem
 Os Ingleses; – não há na vossa língua
 Com que o dizer: e venha ou não o Diabo,
 Tornem-na, que hão mister dessa palavra.
 Num falcão me enganchei, voei de sorte,
 Que o jovem me seguiu 'té junto dela.
 Dormia, e em tão formosa, tão lasciva
 Postura estava, que eu à fé vos juro
 De Diabo que sou... arrependi-me
 De pôr tão fino mel em boca de asno.
 E, não fora eu falcão nesse momento,
 Meu íncubo poder...»
 Corou a bela
 Oriana; e indignado o interrompia
 Frei Gil; – «Espírito imundo, não abuses
 Da liberdade que te dei. Prossegue».

XX

– «Quem tal diria? o parvo do mancebo
 Babado a olhar para ela uma hora inteira...
 E por fim... e por fim... torna-a nos braços,
 E desanda a correr como um danado,
 Para a levar a terra de baptismo,
 E fugir – dizia ele lá consigo –
 Da tentação. Saíram-lhe ao caminho...
 E o resto sabeis vós. Vi-os eu todos
 Os seis e o mercador mui direitinhos
 Ir com sendos palmitos e capelas
 Para o Céu. Eu também me fui direito,
 Mas raivando e sem palmas nem palmitos,
 A Silves onde a moça me levavam.
 Fui dar com três dos meus ali cativos
 Desde a história da noite da Tremenda,
 Em que tanto me ri e ganhei tanto...
 Aquilo sim, que é moça de outra casta,
 Desenganada, não destas piegas
 Que não sabem se querem, se não querem,
 Que estão morrendo por se dar ao Diabo,
 E rezando abrenúncios...»
 – «Conta a história,
 Maldito: as reflexões nós as faremos.»
 – «Melhor do que eu: bem sei. Os tais amigos

Eram Gilvaz, frei Lopo e este Soeiro.

XXI

O médico, judeu no fundo de alma,
 Está visto, custou-me pouca lida
 A dar co'ele outra vez na sinagoga.
 O Lopo, namorei-o de uma velha
 Beata de Mafamede, que o traz gordo,
 Cevado de pilau e de badana;
 Moiro se fez por chocho namorado.
 E a bela voz que tem! é o sino grande
 Da mesquita maior, e chama o povo
 Com tal graça a rezar, que nunca a teve
 Tal a roncar no coro de Alcobaça.
 O Soeiro, esse é velhaco mas ladino;
 Custou-me a haver com ele: quer ser bispo
 Ou geral, quando menos da sua ordem.
 E tinha toda a manha e hipocrisia
 De um frade ambicioso. Foi preciso
 Que o comprasse um vilão fona e sovina,
 Que o metia à atafona, que o moía
 Dia e noite de sovas e trabalho,
 E nem toucinho, seu manjar querido,
 Nem nada mais, bastante a encher-lhe a pança,
 Lhe dava. Renegou por fome o frade;
 Não fui eu que o obriguei: já negra e moira
 A alma tinha, quando eu lhe entrei no corpo,
 Renegou; mas ninguém fez caso dele;
 Moiro ou cristão, ficou sempre *bernardo*
 Meti-me nele, e fez tais diabruras,
 Tais tratos deu a outros cristãos escravos
 Que alguns fez renegar, deu cabo doutros:
 E por zelo da lei tomando-o os moiros,
 Lhe encarregaram da princesa a guarda.
 O mais que fiz, foi tudo bagatela:
 Nada alcancei: ela aí 'stá convosco.
 E eu vou-me embora deste sujo frade,
 Que nunca entrei em corpo tão imundo
 Nem temos lá no Inferno lagartixa
 De mais nojo e fedor que este maldito.»

XXII

– «Ainda não; espera: onde escondeste
 A infanta Dona Branca?»
 – «É outro caso
 Esse de Dona Branca; não sei dela.
 Cheguei a tê-la escrita em meu canhenho:
 Mas tenho certas dúvidas agora.

Anda ai mor poder que o meu.»

– «Alina,

A rainha das fadas?»

– «Sim.»

– «E quando Se lhe acaba o encanto?»

– «À meia-noite,

Em dia de São João.»

– «Com sangue?»

– «Sangue

Solta-me, ou nada mais torno a dizer-te.

Maldito frade! afoga-me de gordo.»

XXIII

– «Vai-te, inimigo, some-te!»

Um estoiro

Medonho retumbou por todo o campo;

E em negro boqueirão se abriu a terra.

Estremeceram todos, e aterrados

Se benzem. – Enxofrado fumo e cheiro

Exala o boqueirão. – Com água benta

Purifica-se o ar; e a terra fecha-se.

XXIV

Frei Soeiro despossesso – como um parvo

Olhava para tudo e bocejando,

Se é hora de jantar pergunta a Nuno.

CANTO DÉCIMO

I

Caro és, prazer, quando remorsos custa!
Quanto mel de seu favo amor espreme
Na taça das delícias, se o tocaram
Lábios impuros, negro fel se torna,
Que embriaguez de morte, e não suave
Devaneio de lânguido repouso,
Na alma agitada convulsivo excita.
– Gozo da vida, amor, tão breve passas!
Males que deixas são tão duradoiros!

II

Branca cedeu a amor. C'os olhos turvos
De ternura e deleite, o adeus extremo
Deu suspirando à virgindade; e morta
De prazer e de amor... caiu nos braços
Do roubador gentil. As horas correm,
Os dias fogem – voa o tempo a amantes:
E num seio de glória adormecidos
Aben-Afan e Branca o mundo esquecem.

III

Eram fins desse mês festivo e belo,
Consagrado a João, santo o mais guapo,
Mais garrido e brincalhão do calendário;
Santo do próprio moiro festejado,
Cujos orvalhos bentos dão saúde,
Ao corpo e alma, cuja noite, amiga
De amor e dos prazeres, tanto encobre
Gosto furtivo, beijo namorado,
E o mais que vai por arraiais, por feiras,
Pelas formosas margens de teus rios,
Muito devota Elísia, quando as moças,
Quando jovens tafuis, pimpões da aldeia,
Na abençoada noite vão devotos
Ao milagroso banho! – Santo amável,
Advogado das límpidas correntes,
Amigo protector das frescas fontes,
Para quem tece de gentis boninas
Recendente grinalda a ruão mimosa
Da donzela inocente! Oh! lindo santo,
Qual há hi renegado iconoclasta,
Metafísico, abstruso protestante,
Que ao ver-te assim gentil c'o surrãozinho

Pastoril de alvas peles, e afagando
O cordeirinho que a teus pés nem bala,
Quem será que tal vista não converta?

IV

E então as agoureiras alcachofras,
Oráculos de amor, e as crepitantes
Fogueiras! – e a torneada, fina perna,
Que se mostra ao saltar, como a descuido...
«Ai mamã, que me viram quase!... Nada!
Não salto mais... Um só, um só». E o medo
De crestar a orla crespada e bem franjada
Do tafule vestido, o ergue mais alto;
E viu-se quase. – quase tudo agora.
Bendito São João, tudo desculpas,
Tão bom que és, e santificas tudo!

V

Era pois a estação formosa do ano,
Em que todo o seu fasto em luxo e galas
Por nossos meigos climas pavoneia,
De rica desperdiçada, a natureza.
O Sol, que tão benéfico despende
Para tanto aderece os raios de oiro,
Em seu zénite às vezes dobra o fogo,
E a calma intensa aos ledos habitantes
De seu país dilecto a miúdo ofende.
Mas então vós, ó sombras deleitosas
Do anoso freixo, do álamo copado,
Que ao pé da porta respeitado cresce,
E há gerações que é venerando abrigo
De pai e filhos no queimoso Estio!
Mas a floresta espessa, que dá coito
No ardor da sesta ao ceifador cansado,
Ao caçador sequioso; e a gruta fresca
Ao pé do rio que salgueiros bordam;
E os regalados pomos saborosos,
Corados – como a face da donzela
Quando ao primeiro amor diz *não* modesta
C'os lábios... porque o *sim* lá ficou na alma;
Ficou, se o não revelam olhos lânguidos,
Que o tem, só para cegos, escondido?

VI

Oh! Cressos de Britânia! oh! que vos vale,
Ricaços lordes, tanto formoso parque,
Tanta gruta, de *libras* sumidouro,

Tão lindas relvas, tão gentis ribeiros?
 Onde a calma que dê valor à sombra?
 Que é do sol que dê preço a tanto esmero
 De arte que em vão lutou co'a Natureza?
 Em vão: – húmida névoa, fumo negro
 Pesam nesse ar; e as urnas incessantes
 Os pluviosos gémeos não descansam,
 Quase fixos no imóvel zodíaco,
 De as emborcar na terra apaulada.
 Meu doce clima, sol da minha terra,
 Quando te verei eu! quando à tua branda
 Réstia me aqueitarei, e ao suspirado
 Limiar da minha porta as vestes húmidas
 Destes gelos do exílio hei-de secá-las!

VII

Abençoado protector de amantes,
 Glorioso São João que tudo alegras,
 Que até descritos moiros te festejam
 E canibais pedreiros te veneram,
 Teu santo dia, tua benta noite
 Suspirada de amor, bem-vinda a todos,
 Tuas brandas orvalhadas, quem as foge?
 Teu sereno saudável, quem o evita?
 Quem teme a vinda de tão fausto dia?
 – Dois amantes. – João santo, advogado
 Não és tu deles? teu amparo amigo
 Negaste-lho? porquê? – Fadas o vedam;
 E no tempo em que fadas e feitiços
 (Antes que a inquisição queimasse as bruxas)
 Imperavam na terra, santo ou santa,
 O mais pintado e milagroso – embalde
 Se oporia ao poder dum bom feitiço.

VIII

A embriaguez de amor e dos prazeres
 Ai! perpétua não é: o belo moiro
 Da formosa abadessa aos lindos braços
 Já tão sedento de prazer não corre.
 Saciedade fatal!... Em vão te esforças,
 Delicado amator, por encobri-la.
 Que amante há hi, que os resfriados ósculos,
 Que o afreixar do aperto nos braços,
 O entibiar das carícias não descubra
 Naquele a cujo amor a vida, a honra,
 Tudo sacrificou, toda se há dado?
 Branca o percebe; mísera! a seus olhos
 Crédito não quer dar: suspiros nascem

No riste peito, que no peito afoga;
 Lágrimas vêm aos olhos, e olhos bebem
 Lágrimas... que as não veja a causa delas.

IX

Oh sexo generoso! e há tal ingrato
 Que traia tanto amor? – Traidor não era
 Aben-Afan: mas vós que haveis amado,
 Dizei-o vós, quando a explosão primeira
 Do facho se exalou, que amor o acende?
 Culpa é do amante se em quieto fogo,
 Mais tranquila a paixão no peito lhe arde?

X

Do Algarve ao rei, de longe em longe, a glória,
 Esquecida 'té ali, lhe dá lampejos
 Na fantasia: acodem, pouco e pouco,
 À memória que surge do letargo
 Em que o deleite a houve – ora do ceptro
 O brilho, o resplendor do diadema...
 Ora a pátria em perigo, ora a vitória
 Cingindo-lhe na frente outro diadema
 Mais refulgente c'os ganhados loiros...
Loiros! – «Ramo fatal do meu destino»
 Exclamou o jovem rei: «emurcheceste,
 Secaste para sempre! Não há glória
 Mais para mim! a inútil existência
 Arrastarei aqui nestes doirados
 Salões em ócio vil e afeminado!
 Ramo fatal! se à custa de meu sangue
 Reverdecer pudesses!... Desgraçado,
 Que preferi! E amor, e Branca?... oh sorte!»

XI

Mal os extremos sons dos lábios rompem,
 O Sol se obscureceu; medonha noite
 Caí sobre o céu, como um funéreo manto
 Sobre a urna cinérea; estala um raio,
 Com vivido lampejo fende as nuvens,
 E hurríssono trovão nos ares brama.
 – «Voto fatal!» estremecendo disse
 O mancebo: seus ramos encantados
 Observa: seco o mirto, verde o loiro...
 Oh vista! – esmoreceu. Sem voz, sem ânimo,
 Entre a morte e a existência suspenso
 Desfalece, caiu. – Sofá ditoso,
 Que outros desmaios há tão pouco viste,

Tálamo de prazer, da dor és hoje.

XII

Branca era longe; triste e solitária
 Pelos vergéis sozinha passeava,
 E pelo mais umbroso da espessura
 Suas mágoas entre as flores escondia.
 Do escurecer do Sol, do trovão súbito
 Assustada, a fugir aos paços vinha,
 Vinha acolher-se onde alma lhe ficara
 E aninhar seu terror no seio amado.
 O coração batia-lhe no peito,
 O respirar violento e apressado
 A sufocava. Uma lembrança acode:
 – «Noite de São João é esta noite!»
 Noite de São João!... E a profecia
 Da fada lhe soou no intimo de alma,
 Como o fúnebre som descompassado
 De sino, ao longe, que por mortos dobra.

XIII

Noite de São João!... Já, mais de meio
 Seu giro o Sol correu. Prazo terrível,
 Quão perto estás! Afreixa o passo, tente
 De o ver, de lhe falar, de recordar-lhe
 Os p'rigos dessa noite que avizinha.
 Mas que perigos são? Não disse a fada
 Que enquanto o ramo florescer da murta,
 Seguro é seu amor, sua ventura?
 Ânimo cobra, novo alento, e voa
 Nas asas da esperança ao doce amado.

XIV

Triste! mal sabes que fatal desejo
 No coração entrou desse que adoras!
 Mal sabes, infeliz, que agouros negros
 Esse ramo de esp'rança te hão murchado,
 – Suas penas c'os sentidos recobrar
 O mancebo real, chegar a sente,
 E à pressa os ramos escondeu no peito;
 O semblante compõe, serena os olhos,
 E da iludida virgem ao encontro
 Vem com tranquilo, sossegado gesto.

XV

Estreitou-os amor em doto abraço

Doce direi?... As lágrimas sofria
 A linda infanta... ele os tormentos todos
 Do Inferno padecia,
 – Ó doce amado,
 Esta noite!...»
 – «Esta noite!...»
 – «Tu receias!
 O quê? Oh! não me encubras; fala.
 Comunicemos nossas mútuas penas,
 Nossos temeres.»
 – «Pois tu temes, Branca?»
 – «Ai desta fatal noite não recordas
 O que nos disse a fada?»
 – «Mas promessas
 Tão seguras nos fez!»
 – «Se os teus desejos
 O seco ramo...»
 – «Branca! não prefiras A sentença fatal.»
 – «De quê?»
 – «Perguntas?
 Queres sabê-lo?... Mísera!... não queiras.»
 – «Que não queira? Porquê?... Só se... Mas dize:
 Se... Mas tu, doce amor não desejaste?...»
 – «Eu desejei... desejo só a morte.»

XVI

No chão os olhos de ambos se cravaram;
 E, de todos os inales do Universo,
 Incerteza, o mais cru, co'as asas fuscas
 Lhe esvoaça dentro dos aflitos peitos.
 Quanto o extremo prazer ou dor extrema
 É maior que a expressão! Silêncio, a fúnebre
 Eloquência da mágoa... com teu sele
 Os descorados lábios lhe cerraste.
 – Entanto o dia se perdeu nas trevas,
 E a receada noite, dobra a dobra,
 Estende sobre a terra o véu de luto.

XVII

Tristes! seus dias de oiro estão fiados;
 E na roca fatal já não há fevra
 Que ripar.. Hora acerba, hora terrível
 Que nenhum antevê, que a todos chega,
 E soa como a tuba derradeira
 Despertando es mortais do último sono.
 Ai! e para isto tantas ânsias... tanto
 Padecer e esperar! E acabar nisto!
 Cortar-se assim este fio *eterno*,

Que prendia no Céu, das mãos dos anjos,
 E prometia de ir além da vida!
 Oh!... Deixá-los, deixá-los... e voltemos
 A outras ilusões, menos formosas
 Não menos vãs, as da ambição, da glória.

XVIII

Dizei-me, ó fadas que inspirais meu canto,
 Espíritos das lóbregas cavernas,
 Que à meia-noite volteais de em torno
 Dos túmulos co'as asas membranosas,
 Dizei-mo vós; com que fatais palavras,
 Porque terríveis ritos se prepara
 No arraial português o formidável
 Encanto em que empenhou suas artes todas
 O sábio Gil, de alta ciência mestre.

XIX

São horas dez; e clara e doce a Lua
 Vai pelo azul do céu, como de gosto,
 Desafiando as cantigas e as fogueiras,
 Com que tua noite festejar é de uso,
 Milagroso João, aos teus devotos.
 Mas a rogo de Gil, de ordem de Afonso
 Arautos proibiram pelo campo
 Folias e cantares, qualquer mostra
 De regozije, quando, em tanto empenho
 Da cristandade contra infiéis, só preces
 E rogações deviam de fazer-se
 Isto o arauto pregoou: e ao régio mando,
 Mas que não satisfeito, ob'dece o campo.

XX

Manso, frei Gil na tenda real entrava,
 E a Afonso diz: – «A hora se aproxima,
 Vão consumir-se os hórridos mistérios
 Que hão-de volver-te a filha, e entregar-te
 Nas mãos seu roubador, teu inimigo.
 Nesta redoma já sem ferro havidas
 Três gotas levo de seu próprio sangue.
 Com bebida encantada adormecida
 Oriana foi por mim; do esquerdo braço
 Com um vítreo cutelo enfeitiçado
 Lhas extrai por mágicas palavras.
 Vela em que o assalto, no momento próprio
 Em que a Lua no céu subitamente
 Por esconjuros meus há-de esconder-se,

Nesse instante se dê: não arreceies,
 Vai certo da vitória; a mesma hora
 Que vir Silves em mãos de portugueses,
 Verá Branca liberta, e Aben punido.»
 Saiu; e Afonso, que a seus cabos todos
 Ordens já deu e dividiu batalhas,
 E prestes fez para o assalto as tropas,
 Armado e pronto o prazo dado aguarda.

XXI

Cerca dos muros da torreada Silves,
 E à falda dum outeiro, curto vale
 Se estende: *Val-de-morte* lhe chamaram
 Em tempo antigo; aí por essas eras
 Os seus mortos os moiros sepultavam.
 Porém o aspecto plácido e sereno
 Qual convém aos que sono eterno dormem,
 Nem medonho, nem lúgubre parece,
 Triste sim, melancólico; mas doce
 É a melancolia que hi respira.
 No fim do vale brancas penedias,
 Como acaso das mãos da Natureza
 Esquecidas ali, umas sobre outras
 Em massa irregular se encastelavam.
 Há uma fenda estreita entre os penedos
 Por onde uns degraus toscos, porém de arte
 Feitos, à profundez descem da terra.
 Longa caverna aí jaz, dos reis do Algarve
 Antiga, respeitada sepultura.

XXII

Negro manto cobrindo, e abordoado
 Em nodoso cajado, atravessava
 Frei Gil o *Val-de-morte*; à boca chega
 Da lóbrega caverna, o manto poisa,
 Tira da manga mão de infante morto
 Antes que em fontes baptismas lavasse
 A mancha original – ao dia sétimo
 Desenterrado à Lua, e então cortada
 Essa mão, que é a esquerda. Ignoras vozes
 Murmurou baixo o frade, e a ressequida
 Mão se acendeu de si, luz baça e opaca,
 Própria a feitiços dando. Co'ela desce
 A escura estância, – Longo, mas estreito,
 O subterrâneo vasto se estendia:
 A um lado e outro pela rocha viva
 Os túmulos cavados se enfileiram.

XXIII

Co'a enfeitçada luz dia sombrio
 Nessa estância do morte se difunde,
 Ao cabo do carneiro, sobro a lousa
 Dum sepulcro poisando a tocha aziaga,
 Estas palavras diz: – «Morto que dormes!
 Lousa que o cobres! cinza que repoisas!
 Ossos que vos mirrais! com esta gota
 De sangue que desparzo, recobrai-vos,
 E à minha voz se desencerre a campa.»
 Da redoma que traz, um golpe verte,
 E com pouco estridor os ossos rangem
 Dentro da campa. Já segundo entorna,
 E a lousa se ergue. A terceira esparze,
 E de dentro da campa um seco braço
 Surde como buscando, sobre a horda
 Do ataúde, apoio para alçar-se
 A carcomida mão firmando a custo,
 Se eleva em pé esqueleto descarnado,
 Mal coberto de andrajos lacerados
 Do sudário que, há séculos, por último
 Vestido, trouxe a estância dos finados.

XXIV

– «Que pretendes de mim?» disse a voz oca
 Do esqueleto: «a que vens? Porque vieste
 De meu eterno sono despertar-me?
 Pesa-te a paz dos mortos, homem vivo?
 Não tens assaz de guerra e de distúrbios
 Lá sobre essa inquieta superfície
 Da terra que inda habitas? Acabadas
 Entre os meus e os cristãos pelejas foram?
 Ou já meu sangue o ceptro dos Algarves,
 Conquistados por mim, perdeu covarde?»
 – «Sobeja-lhe urna hora de reinado
 À tua geração: mas da fadada
 Ampulheta dos séculos o extremo
 Bago de areia cai; a derradeira
 Hora chegou do império de teus filhos.»
 – «E isso vens anunciar-me?»
 – «Isso.»
 – «Com honra
 Minha progénie acabará ao menos?»
 «De ti depende: ou perecer com glória
 Deve hoje o derradeiro rei do Algarve;
 Ou longa vida era ócio vergonhoso
 E criminais deleites lhe é fadada.»
 – «Pereça.»

– «Alto poder em prisões doces
 O prende e guarda; encanto que o defende
 Só a ti não impece: da ignominia
 Se desejais salvá-lo, vem e segue-me.
 Grifo alado acharás no Val-de-morte;
 Sobre ele montarás: voá-lo deixa,
 No átrio pousará duns belos paços.
 Bate à porta três vezes quatro.. O resto
 Lá saberás.»

– «Irei, Porém se a Lua
 Clara é no céu, não posso: não consente
 Sombra de mortos o clarão da Lua.»

– «Parte: cobrir-lhe-ei com esconjuros
 A face, e a esconderei.»
 A lento passo
 O esqueleto caminha; andando, os ossos
 Se lhe deslocam e medonhos rangem.
 Adiante o frade vai, e à boca apenas
 Chega da cova, com fatais palavras
 Impreca à Lua que a sua face bela
 Envolve em negro véu, nem interrompa,
 Com a alva luz, das trevas os mistérios.

XXV

No céu se apaga o luminar da noite,
 Trevas a face do Universo cobrem,
 E os ares negros negro fendo o hipógrifo
 C'o finado guerreiro. – Entanto aos muros
 De Silves mansamente se aproximam
 As escadas, as grávidas balistas,
 Catapultas que a morte ao longe atiram;
 E as movediças torres lentas rodam.
 Cada um dos chefes o seu lança toma
 Do muro; e divididas as batalhas,
 A um sinal dado o ataque se começa.

XXVI

Já sobre o alto do muro os mais afoitos
 Subindo chegam; já bradar Santiago
 Ia Afonso mandar; vela do moiros
 Os descobre, e gritou: «Alarma, alarma!»
 Os sitiados, que despertos sempre
 Prestes estão, à defesa acodem.
 Trava a peleja, lanças se arremessam,
 Ardentes alcanzias, duros cantos;
 Nuvens de setas pelo escuro à toa
 Silvam pelo ar: do alto despenhados
 Das escadas uns caem, sem que aos outros

O ânimo de subir lhes acovarde.
 Dobra co'as trevas o terror; aumenta
 Com a grita confusa a sanha, a fúria
 Dum lado e outro; e longo permanece
 Entre tanto valor dúbia a vitória,

XXVII

Lindos paços que tanta formosura,
 Tanto lustre encerrais, tanto amor vistes,
 E de tanto prazer teatro fostes,
 Paços da maga Alma, a vós me volvo.
 Velas tu, bela infanta?... e tu, formoso
 Moiro, velas também, ou brando sono
 Em ropoiso falaz vos tem sopitos
 Para cru despertar? – Triste! não dormem.
 Um c'o outro abraçados, a terrível
 hora fatal da meia-noite aguardam.
 – «Tanto não poderão» tranca dizia,
 E os soluços palavras lhe cortavam:
 «Tanto não poderão que dos meus braços
 Te separem. A morte embora...» Bate
 Dura pancada nesse instante à porta
 Do paço, e vezes doze repete
 O mesmo rude som lento e pausado.

XXVIII

– «Ai!» gritou a donzela, e embalde aperta
 O seu amor nesses formosos braços;
 Em vão! – a hora fatal soou: quebrou-se
 O encanto. Num momento os lindos paços
 Desaparecem. Sós na íngreme roca
 De calvo outeiro ficam. Abraçar-se
 Inda c'o amante a mísera se esforça:
 Seca mão duns espectro arrasta e leva
 Com invencível força o mauro jovem...
 Em alado corcel com ele foge;
 Já nos ares se perdem...
 Branca, oh! Branca,
 Baldado é teu chamar, baldado o choras;
 Nunca mais o verás: leva-to... a Morte.

XXIX

Cos olhos longos para o grifo alado
 Que se perde nos ares, ela, a triste,
 De joelhos sobre o cume dos penedos,
 Erguia para os Céus as mãos tementes...
 Mas sem uma oração; que é mudo o lábio

E mudo o coração da desditosa,
 Abandonou-a a última esperança
 Na Terra; e Deus no Céu a abandonara
 Desde há muito. – Urna voz, austera e dura
 Lhe brada, como a voz de seus remorsos,
 E do morto delíquio a despertava:

XXX

– «Teu execrando amor es Céus puniram.
 Segue-me: o Deus, que desleal traíste,
 Vem aplacar com rijas penitências,
 Vem abjurar tua paixão nefanda;
 Vem... ou neste momento hás pronunciado
 Sobre a tua cabeça criminosa
 Condenação eterna.»
 – «Mis'ricórdia,
 Senhor meu Deus! Maior castigo ainda
 A meu pecado tens?... maior do que este,
 Deus de piedade?... separar-me..»
 – «Cega!
 Emudece, blasfema.»

XXXI

Da mão trava
 À donzela infeliz mão ruda e áspera
 Semimorta da dor num quase espasmo
 Que a vida lhe parou, lânguida a frente
 Lhe descai, como ao uno delicado
 Que ardor do sol pendeu. Leva-a nos braços
 Frei Gil – dele era a voz que lhe falava:
 E por seus encantados poderios
 Veloz caminha, e mais veloz que o vento,
 Por atalhos já doutrem não sabidos,
 Por devesas, por bosques, por silvados
 Ileso passa; e quando mor se ateia
 O furor do combate e assalto, chega
 Ante os muros de Silves, – Despontava
 A arraiada no extremo do oriente!
 E a luz que nasce de mostrar começa
 Os estragos da noite, Mor se aumenta
 Co'a vista horrível, da peleja a fúria.
 Entanto Gil co'a infanta à régia tenda
 Invisível entrava. – E sobre os muros
 Da forte Silves o pendão das Quinas
 O intrépido Nuno o pendão arvora.

XXXII

Aqui, aqui, é nobres cavaleiros!
 Aqui de Portugal! vede: o estandarte
 Lusitano caiu: precipitado
 Das altas torres sobre os corpos rola
 Exangues dos que ardidos o hastearam,
 Aqui de Portugal, aqui! salvai-a,
 A lusitana glória que vacila.
 O moiro exulta e freme co'a esperança
 Recém-nada de sangue e de vitória.
 Quem lha inspirou? que súbita barreira
 Ao valor dos cristãos se pôs de avante?
 Fogem, vozes de cabos não escutam:
 A fugir portugueses!... Fogem, tremem.
 Quem é esse inimigo formidável
 Que tanto pode? Um só campeão. Armado
 De enferrujadas armas, que parecem
 Sobre a campá em troféu haver jazido
 De morto cavaleiro!... É ele; o escudo
 Sua divisa tem: de mirto e loiro
 Dos ramos são; e Aben-Afan, que à porta
 De Azóia investe, e qual ferido tigre,
 As batalhas dos lusos rompe, acossa,
 Afugenta, dispersa. Morre o ousado
 Que as costas não voltou: «Fugir, que é ele!»
 Se ouve grito geral: «Fugir, que é ele!»

XXXIII

Do alto dos muros o infiel responde
 Com brados de vitória aos sons covardes,
 E a seu rei, que lha traz, ledos saúdam,
 Porta de Azóia, que sair o viste
 Quando levou consigo esp'rança e glória
 Do vacilante império, abre-te agora,
 Abre-te a recebê-lo. – É tarde, é tarde;
 Os seus dias e os teus estão contados,
 Senhorio de Agar, em nossas ternas,
 A porta abriu-se, mas em vão; já diante
 De Aben, o mostre de Santiago em riste
 A lança tem. – «Defende-te» lhe brada:
 «Rei do Algarve, defende-te; a vergonha
 Do nome português lavo em teu sangue.»

XXXIV

Juntaram lanças; lanças se quebraram.
 Espadas nuas – e as espadas cruzam.
 Golpe é mortal cada uru; broquéis aparam
 Os duros botes c'os espontões duros.
 Nunca tais campeões juntou a guerra

Em prova singular de brio e força.
 Cessa o assalto: na muralha os moiros,
 Na esplanada os cristãos as armas poisam;
 E nos dois cavaleiros se concentra
 O combate geral. Mas já das cotas
 Roxeia o sangue, já desmantelados
 Braceletes desprendem, já partido
 Do mestre o escudo c'um tremendo golpe
 Do jovem rei, caiu. Briosos arroja
 O moiro o seu; lealdade lhe não sofre
 Com armas desiguais peleja ignóbil.
 Sem defesa à espada fica o peito,
 Fica a frente: os cavalos mal suportam
 A fadiga, as feridas; pé em terra
 Põem: de novo as espadas fogo e sangue
 Ferem, redobram... Mas o alfange quebra
 Ao muçulmano rei – não quebra o ânimo;
 Ao seu competidor de artemista salto
 Corre, nos braços o travou membrudos;
 E enlaçados os dois, de corpo a corpo,
 De peito a peito, infatigáveis lutam.

XXXV

Foras, sorte, imparcial – nenhum vencera;
 Neutros permaneceu, fados da terra,
 Nenhum sucumbirá, Mas os destinos
 Nas balanças fatídicas pesaram
 A sorte das nações; e o maometano
 Império pende. – Aben-Afan sucumbe,
 Cai: em balde o inimigo generoso:
 – «Cavaleiro» lhe diz «tua vida é minha:
 Não queira o Céu que a tal campeão a tiro!»
 Em vão! nos olhos trémulos vacila
 A derradeira luz, nas faces pálidas
 Já mais sangue não há que o das feridas.
 Só morto cede; vivo se não rende
 Quem jamais de estacada ou raso campo
 Sem vitória saiu, – «É morto, é morto»
 Clamam cristãos, e às portas se arrojaram.
 De súbito pavor cortado o moiro,
 Sem resistir, ao jugo of'rece o colo,
 De novo as Quinas nos torreões tremulam,
 E no Algarve de aquém Afonso impera.

XXXVI

Nas ameias da torre pendurada
 Foi a cabeça do traidor Soeiro,
 Em vão por ele suplicou Oriana;

El-rei não cede: atroz, horrendo é o crime,
Pune-o de morte a lei; e à lei não ousa
Para tal delinquente o rei magnânimo
Justo rigor embrandecer piedoso.

XXXVII

Às torturas da dor resiste a vida
Da linda Branca, mas razão lhe foge.
Por Aben clama, por Aben suspira,
De remorsos e amor já ri, já chora,
E c'os olhos no Céu, a alma na Terra,
Ora implora perdões, blasfema outrora.
– A Holgas a levam, Oriana a segue;
Oriana que deixar um triste mundo,
Onde tudo perdeu, ao Céu votara.
Única a vista dela a dor acalma
A aflita Branca: seu formoso gesto
Muda, queda contempla horas inteiras,
E, uma por uma, nas feições lhe colhe
O parecer daquele que inda adora.
Mas ah! consolo mísero e mesquinho!
Pouco e pouco se esvai o doce engano,
E a verdade fatal volve mais crua.

XXXVIII

Flor da existência desfolhou-se n'hástea;
Ramos que amarelecem vão caindo;
Vegeta o tronco ainda: – mas é vida
Esse viver que se alimenta em lágrimas?

FIM

NOTAS

AO CANTO PRIMEIRO

Nota A

Áureos numes de Ascreu..

Hesíodo de Ascrea, a cuja *Teogonia* (geração dos deuses) aqui se alude. (*Prim. ed.*)

Nota B

Não rias, bom filósofo Duarte...

Será pouco inteligível toda esta II estância ou secção de versos a quem não souber que a *Dona Branca* foi escrita em França quando o autor entrava apenas nos vinte anos, e todo enamorado das melancolias do romantismo, dirigia ao seu amigo Duarte Lessa, então em Londres, as saudosas aspirações da sua alma. O *Camões*, publicado um ano antes, 1825, foi todavia escrito depois. Nesse porém natureza do assunto obrigou o poeta a transigir de novo com a mitologia pagã que tinha abjurado. É apesar disso, foram estes dois poemas que a baniram e destronaram entre nós.

Nota C

Da minha conversão, sincera é ela...

Deve entender-se este verso e os dois subsequentes no verdadeiro sentido: a tenção do autor foi impugnar as ficções gentílicas, além de absurdas, insossas para nós. E todavia não é propriamente maravilhoso cristão o de que se serviu neste poema: julga ele a religião cujo assunto não seja ela mesma, ou um de seus dogmas, Racine. Nesta composição seguiu-se visivelmente o exemplo de Wieland no *Oberon*; todo o maravilhoso é tirado das fábulas populares, crenças e preconceitos nacionais. (*Prim. ed.*)

Nota D

...seu avô, essoutro Afonso...

D. Afonso de Castela e Leão, imperador eleito que veio a ser de Alemanha, cuja filha era D. Beatriz, mulher de D. Afonso de Portugal o III, e mãe de el-rei D. Dinis, de D. Branca e outros infantes. Dessa filha D. Beatriz foi ele tão amante, que por seu respeito cedeu ao genro os direitos que reputava ter ao reino do Algarve: direitos que por de boa lei tinha, já em razão da dominação antiga, já porque de novamente o ia conquistando a ordem de Santiago, cujo mestre, ainda que português (e portugueses quase todos os cavaleiros que andaram na conquista) eram todavia ele e sua ordem de vassallos de Castela. Por amor desta mesma filha quitou depois D. Afonso ao de Portugal a obrigação das cinquenta lanças que com a investidura do Algarve lhe impusera. (*Prim. ed.*)

D. Afonso foi um dos maiores filósofos e filólogos do seu tempo, e ocupa um dos primeiros lugares entre os trovadores da nossa península. Está-se actualmente (1850) fazendo em Madrid uma bela e custosa edição do seu cancioneiro. Escreveu naquele mais antigo, menos árabe e mais romano godo de todos os dialectos espanhóis que depois se estremou no nosso português por um lado, e no inóspito galego por outro.

Nota E

*Vassalos estes são que as férteis várzeas
De Burgos têm, e de Holgas ao mosteiro
Preito e homenagem dão...*

Quase toda a várzea de Burgos era feudatária deste célebre mosteiro.

O meu amigo Sr. Varnhagen, actualmente secretário da legação do Brasil em Madrid, visitou Burgos em 1846, e observou em estado de perfeita conservação o túmulo da infanta abadessa.

Nota F

*Ao próprio Camisão suar a testa,
Que nem o agudo Busembau sonhara
Nem o Larraga...*

O Camisão foi célebre canonista e professor da Universidade de Coimbra, cuja proverbial estupidez não esquecerá tão cedo. Na casuística era de uma agudeza cómica todavia, e rival dos Larragas e Busembaus com quem o A. o emparelhou. Busembau diz o vulgo, e affectou dizer o poeta, por mais carregar.

Nota G

Mestre Gilvaz, que em Pádua fez prodígios...

Aos físicos e doutores médicos chamavam dantes em Portugal *mestres*, ou *messeres* à italiana. E não só aos doutores em medicina, porém aos outros também, como é de ver, nos espíritos do tempo ou que dele nos contam. Em Pádua era a mais famosa universidade para físicos, assim como em Bolonha para juristas e teólogos. A de Coimbra não veio a fundar-se senão no reinado seguinte. (*Prim. ed.*)

Nota H

De monges negros...

Segundo as cores de sua cogula os monges bernardos ou de Cister eram os brancos, os beneditinos os negros. São vulgares, não só as rivalidades destas ordens entre si, mas as chufas, ditérios e apodos com que se motejavam uns aos outros sobre negros e brancos, por equívocos e joguetes que destas palavras formavam. Em Inglaterra há ainda hoje sítios, especialmente em Londres, denominados de *black* e

white friars: nem era só popular este apelido, que assim lhe chamam estatutos e cânones antigos.

E não sei por que fado, sendo em toda a parte os monges negros dados às ciências, respeitados e dignos de o ser, os pobres bernardos vieram em Portugal a ser o objecto da mofa geral, que seguramente se não dirige a seu sagrado instituto, mas à crassa ignorância que por abuso deste instituto entre eles reina. (*Prim. ed.*)

Nota I

O que lhes falta? o quê? – Falta a tremenda...

Este verso não carecia de nota, quanto a mim, porque não supunha que houvesse em Portugal quem ignorasse o uso venerando (por antigo) dos monges de São Bernardo: uso conhecido pelo nome de *tremenda*. Advertiram-me porém que assim não era, porque em Lisboa, por exemplo, muita gente o não sabia, como o sabemos nós provincianos, que mais de perto lidamos com aqueles padres, e lhes sabemos das... virtudes.

A certa hora da noite, depois de ceados, rezados, deitados, adormecidos, e roncados, os reverendos padres iam pelos dormitórios, leigos, donatos, coristas ou moços, que tanto não sei eu, com uma enorme marmita, ou outra que tal vasilha, cheia de gordas, grossas e pingues postas do cevado toucinho, cozidas e adubadas com seu molho de vinagre, e não sei que mais ingredientes; e batendo às portas das celas, acordavam aqueles penitentes varões para tão frugal repasto, que suas reverendíssimas mui devotamente, e por santa obediência, devoravam. A isto se chama *tremenda*; porquê e com que etimologia não pude ainda descobrir; mas o facto asseveram ser tão real como a existência dos cachaços dos reverendos padres. Talvez daqui venha aquele sábio anexim, que às pessoas de juízo *bernardo* se aplica:

Tens muito toucinho nos cascos...

(*Prim. ed.*)

Nota J

E em caso de mais polpa, um bom milagre...

Não interprete algum mal intencionado que o autor quisesse de maneira nenhuma atacar a pia crença da Igreja. Mas certo, que há milagres de milagres, que tem havido impostores que abusaram da boa fé pública. Com esses é a ironia deste e dos versos subsequentes. (*Prim. ed.*)

Nota K

Como ataúde egípcio que entre os brindes...

Não comento este verso para explicar a alusão histórica tão sabida de toda a gente, mas para dizer que a comparação não é minha: li-a, porém, aonde não me posso lembrar. (*Prim. ed.*)

Nota L

Que por velas de moiros o tomara...

Velas na linguagem daquele tempo, quer dizer vigias, sentinelas. Vejam-se os clássicos *passim*, e especialmente D. Nunes na crónica de el-rei D. Afonso Henriques, pág. 108, edição de Lisboa de 1774; aí:

«E quando veo ao quarto da alva, tempo em que entenderão que as velas estavam mais somnolentas.»

Rolda, ou *sobrerrola*, que alguns têm pelo mesmo, é todavia diferente. Rolda é a ronda, ou vela que vigia sobre outras velas; como hoje há oficial do dia que visita de noite as guardas e postos para ver se tudo vai em ordem. Outro lugar do mesmo D. Nunes, e logo na pág. seguinte, 109, autentica esta distinção: «Nisto a rolda, que andava pelo muro requerendo as velas, chegou perhi, e lhes falou.» (*Prim. ed.*)

Nota M

Bem travado co'eles

Anda o mestre Dom Paio...

D. Paio Correia, português de nascimento, e mestre de Santiago em Castela, que com seus comendadores e cavaleiros tomou aos moiros os mais dos lugares do Algarve, e depois se fez vassalo de el-rei de Portugal, a quem entregou todo o ganhado por motivo da cessão de D. Afonso de Castela. Foi homem de singular valor e nomeada prudência. (*Prim. ed.*)

Nota N

Como as sete

Áureas torres no escudo lusitano...

Como ao singelo título...

As sete torres do escudo português são pelos Algarves, e áureas porque são amarelas, que em brasão é o mesmo que áureas ou de ouro. As quais torres são em campo vermelho; e a razão disto referem os cronistas, foi *por os lugares que erão tomados aos moiros, e por os que sperava tomar com spargimento do sangue delles*. Quanto ao número de sete, é ele mais moderno: vêm-se em labores antigos, doze e mais castelos nos escudos portugueses.

Os primeiros nossos reis intitulavam-se somente com a singela saudação de Ourique, em Lamego confirmada (?) de reis de Portugal, ou dos Portugueses. Depois da tomada do Algarve, acrescentaram – *e do Algarve – no singular. O plural – dos Algarves, com – de aquém e de Além-mar em África* – só o tomaram depois de haver estendido a conquista à outra parte do mar na Barbaria. Com efeito antigamente houvera este reino dos Algarves de aquém e de além-mar em África unidos em um só império, e era mui grande estado, que da parte da Europa começava na cidade de Almeria, reino de Granada; e da parte de África, desde a boca do estreito corria até Tremecém, em que entra o reino de Pez, e as cidades de Ceuta e Tânger; ao que antigamente chamavam reino de Benamarim.

«Algarve (*Algarb*) é a parte ocidental ou poente. Assim chamam os moiros à antiga Turdetânia. Não pude descobrir onde Duarte Nunes de Leão, Bluteau e outros autores acharam a etimologia que dão a este nome, dizendo que Algarve na língua

arábica significa *terra plana, chã e fértil*, quando todos os autores árabes, até o mesmo vulgo, o toma pela parte ocidental.

Algarb que nós corruptamente chamamos Algarve. Barros, *Déc.* 1, p. 1^a – *Vestígios da líng. árab. em Portugal*, por Fr. João de Sousa. Lisboa, 1789. (*Prim. ed.*)

Nota O

A pergunta costumada

De – «Por quem, cavaleiro?»

Era o – *qui vive?* – de então. Ao passar por pontes, lugares fortes, etc., às entradas de terras e castelos, se fazia esta pergunta, que as contínuas guerras e disputas feudais faziam necessária. Cavaleiros, ou gentes de armas quando em qualquer parto se encontravam, mutuamente a faziam; e muitas vezes as respostas eram à viva lançada e a miúdo acabou o interrogatório com morte do perguntador, ou do outro, ou de ambos. (*Prim. ed.*)

Note P

Hino exemplar e santo,

Extraído do Cântico dos Cânticos

Voltaire, que foi tamanho ímpio como todos sabem, tentou mostrar que o Cântico dos cânticos era um poema lascivo oriental, e não inspirada canção do rei sábio: parafraseou-o a seu modo para este fim, e com tal arte diabólica o fez, que parece que tem razão, a quem só em Voltaire o ler. O *Cântico dos Cânticos* é um sublime trecho de inspirada poesia mas que não é para de todos ser lido e entendido. (*Prim. ed.*)

AO CANTO SEGUNDO

Nota A

A ventura, o prazer dum nó separa?...

Tudo quanto aqui se diz a respeito dos votos religiosos não é solta generalidade, nem invectiva contra os santos asilos que para o infortúnio, para a virtude, para a fraqueza humana abre o claustro, e principalmente a um sexo que per si é destituído da força, da energia que as dificuldades da vida precisam. Mas ninguém pode negar que terríveis e funestos abusos têm solapado estas instituições. É geralmente demasiado tenra e inesperta a idade da profissão: e muitos varões de grande doutrina e religião contra esse erro fatal têm clamado: erro que priva a sociedade de tanta boa mãe, de tanta esposa excelente, e atulha o claustro de tanta má religiosa.

A estes abusos, e só a eles se refere o que no poema é dito. (*Prim. ed.*)

Nota B

Largas postas do nítido cevado ao....

Assim chamam na minha província ao porco engordado em casa, e na *cortinha* ou *eido*, como diz a nossa gente. Pingue é substantivo em dialecto minhoto, e significa manteiga de porco.

Nota C

E em manta enorme atassalhando um naco

Manta, é de toucinho; e atassalhar, de qualquer carne. São vulgares expressões; mas para exprimir ideias vulgares, como se há-de fazer sem elas, ou sem cair em Gongorismos e Elmanismos? – Não disse Virgílio: *Pars in frusta secant*?

(Prim. ed.)

Nota D

Tremendo Alá suou pelas abóbadas....

Voz ou grito de acometer e do guerra dos Maometanos. Em árabe é – *Alla acber* – *Deus é todo-poderoso*. (Prim. ed.)

Nota E

*Donde vieram no reclamo tredo
Do vingativo pai pela ofendida
Honra da loira virgem....*

Alusão à entrada dos moiros nas Espanhas, por ajuda e chamamento do conde Julião, que para vingar a honra de sua filha, infamada por el-rei D. Rodrigo. foi traidor à pátria. Sir Walter Scott nas notas à «Visão de D. Rodrigo» parece dar algum peso às dúvidas de Voltaire (hist. gen.) sobre a autenticidade deste facto, e talvez porque Gibbon lhes dera também valia, Certo é porém que uma tradição tão geral e constante não é para ser destruída com simples dúvidas, mas que sejam de grandes autores. (Prim. ed.)

Nota F

*Tal em cheiroso banho áspide amigo
Voluptuoso suicida.....*

O que se conta de Cleópatra, a este respeito, era frequente uso dos orientais, até na morte voluptuosos – ou *deliciosos*, que é expressão do nosso Lucena. (Prim. ed.)

AO CANTO TERCEIRO

Nota A

*E vós, formosas moiras encantadas,
Na noite de São João ao pé da fonte*

Áureas tranças.....

É crença popular entro nós que na noite de São João todos os encantamentos se quebram: as moiras encantadas que ordinariamente andam em figura de cobras, tomam nessa noite sua bela e natural presença, e vão pôr-se no pé das fontes, ou à borda dos regatos a pentear os seus *cabelos de oiro*. Os tesouros sumidos no fundo dos poços vêm à tona de água, e mil outras maravilhas sucedem em tão milagrosa noite. (*Prima. ed.*).

Nota B

Já indo, às dúzias, em casquinha de ovo...

Ainda hoje é superstição comum nas aldeias o quebrarem as cascas dos ovos depois de comidos, por temor, dizem e crêem, que deles se não sirvam as bruxas para ir à Índia, eu a outras partes longes, onde costumam de ir embarcadas em tais navios, chupar sangue de meninos por baptizar, ou fazer alguma outra maldade de seu ofício. Todavia é mister que se recolham cedo, e antes do cantar do galo preto – que são os mais certos co'a meia-noite – porque a essa hora acabava-se-lhes o encanto e poder: assim muitas têm morrido afogadas por esses mares de Cristo. A isso aludem versos mais abaixo:

*E ai! se o galo cantou que à meia-noite
Encantos quebram, e o poder lhe acaba.*

(*Prima. ed.*).

Nota C

Não gosto de Irmínsulfs, nem de Teutates...

São os deuses dos Druídas, os poemas de Macferson, que tantos anos correram mundo com o nome de Ossian, foram de tanta moda aqui há tempos, que os fantasmas escandinávios, caledónios e todas as outras invenções e mitologia rúnica andavam na baila por versos e versinhos de toda a gente. Cesarotti, o erudito e profundo Cesarotti, quase que dá preferência ao imaginário pardo escocês sobre o próprio Homero: e ele, que ambos os traduziu, certo que os tinha estudado. Bonaparte, cuja imaginação gigantesca se aprazia ele tudo o que era deste género, foi grande prezador de Ossian, e o preferia a todos os poetas: nesse tempo em França a torrente dos trovadores ia com o vento imperial, O elegante Lebrun, em uma galante odezinha graciosamente combate e anote a ridículo esta preferência,

Quanto a mim, tenho que as artes filhas da Natureza devem andar a par dela, e com ela, Essas fantasmagorias druídicas são belas, são magníficas nas montanhas dos despenhadeiros da Alta Escócia, nos gelos e neves das terras polares; mas nos nossos dulcíssimos e risonhos climas, não podem ter mais valor do que a impressão extraordinária do primeiro momento; e repito que essas belezas glaciais

*Do Sol do meio-dia aos raios vividos
Parvos! – se lhes derretem: a brancura
Perdem co'a nitidez, e se convertem*

De lúcidos cristais, em água chilra.

(Prime. ed.)

Nota D

*O sáxeo promontório que de Sagres
Tem hoje nome.....*

E para explicação de tudo o que vai dito até o fim da estância IX, copiarei aqui um tracto de uma mui breve, porém mui bem escrita descrição desta parte do Algarve, cujo autor supponho ser um doutor Silva, médico e homem de muito saber e gosto, de quem possuo alguns preciosos manuscritos:

Entrando na praça de Sagres, dois contrários efeitos se observam; por uma parte admira-se um quase istmo composto de um enorme rochedo, onde tudo são bancos de *saxum*, ora horizontais, ora oblíquos, ora verticais, cuja revolução assaz mostra a existência de vulcões, testemunhada com os dois grandes hiatos que lá se encontram; por outra, vê-se com espanto o que fora teatro das observações astronómicas do nosso famosíssimo infante D. Henrique reduzido a ruínas, que, à excepção das baterias, mais inculcam uma praça abandonada que guarneçada: quanto mais se reflecte que deste porto saíram as expedições que abriram o primeiro caminho à descoberta das nossas colónias, cuja época faz figurar tão gloriosamente a nação portuguesa no mundo, e que este mesmo porto é demandado como asilo de todos os navios que atravessam os nossos mares, tanto mais se magna todo o bom português: porque se não acredita a origem de tanta honra que dali resultou à nossa pátria, envergonhando-se de que o estrangeiro, esperando achar um padrão distinto de tão heróicos feitos, não encontre senão lima face cadavérica de fortaleza, sem viveres, sem cultura nas terras adjacentes, de onde possa fornecer às suas embarcações os géneros de que necessitam: tanta é a penúria o depopulação daquelas pobres terras!...

«Na distância de mil passos andantes do nordeste da praça, fica uma pequena lagoa... As plantas que crescem dentro daquele recinto são a mor parte de *fragaria*, alguns ranúnculos aquáticos, alguns juncos e poucos almeirões, azedas e grama... alecrim, rosmaninho, tojos e carqueja...» *(Prime. ed.)*

Nota E

*Esbroados pardeiros – oh vergonha!
São as torres de Henrique.....*

O Sr. Visconde de Sã da Bandeira, no tempo da guerra civil em 1833, que governava o Algarve, ocorreu-lhe à vista da península de Sagres, o desejo de reparar essa afronta à memória do infante D. Henrique, levantando ali uma coluna rostral que recordasse aos que passam por aquele promontório, o nome do ilustre príncipe e as glórias navais dos Portugueses. Mas estando depois no Ministério da Marinha, não pôde mais, apesar de seus vivos desejos, do que fazer lavar uma lápide que ao menos se collocasse ali. Levou-se a efeito esta determinação, porque estando feita a lápide em 1839, apesar de sair o visconde do ministério, a obra progrediu – ao revés de nossas costumeiras – e se concluiu.

A lápide é de mármore, com um corpo de dez palmos e meio de altura, cinco palmos e meio de largura, dividido em dois planos. No superior, em meio relevo, o

escudo das armas do infante; colado direito do escudo uma esfera armilar, à esquerda um navio à vela. No plano inferior duas almofadas no alto, numa delas a inscrição latina, na outra a tradução portuguesa, deste modo:

INSCRIÇÃO LATINA

Aetern. Sacrum.
 Hoc. Loco.
 Magnus. Henricus. Joan. I. Portugal. Reg. Filius.
 Ut. Transmarinas. Occidental. Africae. Regiones.
 Antea. Hominibus. Impervias. Patefaceret.
 Indequ. Ad. Remotissimas. Orientis. Plagas.
 Africa. Circumnavigata.
 Tandem. Perveniri. Posset.
 Regiam. Suae. Habitationis. Domum.
 Cosmographico. Scholam. Celebratissimam.
 Astronomicam. Speculam. Amplissimam. Navalia.
 Propriis. Sumptibus. Construi. Fecit.
 Maximoque. Reipublicae. Litterarum. Religionis.
 Totiusque. Humani. Generis. Bono.
 Ad. Extremum. Vitae. Spiritum.
 Incredibili. Plane. Virtute. Et. Constantia.
 Conservavit. Fovit. At. Auxit.
 Obiit. Maximus. Princeps.
 Posquam. Suis. Navigationibus. Ab. Aequinoctial. Ad. VIII
 Versus. Septemtrionem. Gradum.
 Pervenit.
 Quampluresque. Atlantici. Maris. Insulas. Detexit. Et. Colonis. Ab. Lusitania.
 Deductis.
 Frequentavit.
 XIII. Die. Novembr. An. Dom. MCDLX.
 Maria. II. Portugal. Et. Algarb. Regina. Ejus. Consanguinea.
 Post. CCCLXXIX. Annos.
 H. M. P. J.
 Curante. Rei. Navalis. Administro.
 Vice. Comite. De. Sá. Da. Bandeira.
 MDCCCXXXIX.

TRADUÇÃO

monum. consagrado. à. Eternidade. o. grande.
 infante. D. Henrique. filho. de. el-rei. de. Portugal.
 D. João I. tendo. empreendido. descobrir. as regiões.
 até. então. desconhecidas. de. África. ocidental.
 e. abrir. assim. caminho. para. chegar. por. meio.
 da. circum-navegação. africana. até. às. partes. mais.
 remotas. do. oriente. fundou. nestes. lugares. à. sua.
 custa. no. palácio. da. sua. habitação. a. famosa.
 escola. de. cosmografia. o. observatório.
 astronómico. e. as. oficinas. da. construção.

naval. conservando. promovendo. e. aumentando.
 tudo. isto. até. o. termo. da. sua. vida. com.
 admirável. esforço. e. constância. e. com.
 grandíssima. utilidade. do. reino. Das. letras.
 da. religião. e. de. tudo. o. género. humano. faleceu.
 este. grande. príncipe. depois. de. ter. chegado.
 com. suas. navegações. até. o. 8º gr. de. latitude.
 setentr. e. de. ter. descoberto. e. povoado. de.
 gente. portuguesa. muitas. ilhas. do. atlântico.
 aos. XIII. dias. de. Novembro. de. 1460. D. Maria. II.
 rainha. de. Portugal e dos. Algarves. mandou.
 levantar. este. monumento. à. memória. do.
 ilustre. príncipe. seu. consanguíneo. aos. 379.
 anos. depois. do. seu. falecimento. sendo.
 ministro. dos. negócios. da. marinha. e.
 ultramar. o. Visconde. de. Sá. da. Bandeira.
 1839

A inscrição foi composta pelo cardeal-patriarca São Luís. Em 24 de Julho de 1840 a lápide foi colocada na parede de urna torre que ainda ali existia, e que pareceu ser o mais antigo edifício da praça.

A estreiteza de uma nota não permite alargar-me, segundo quisera, neste assunto.

Seja muito louvado o Sr. Visconde de Sá, e o seu sucessor o Sr. Conde de Bonfim.

Nota F

A sacarina flor no botão pica

O insecto que se gera, ou desenvolve no figo de certa espécie de figueiras, e que tomando corpo fura o figo em que nasceu e vai picar o das outras. É o que se chama caprificação. Plantam esta casta de figueiras entre as mais, porque o figo assim picado incha, aumenta de volume e melhora de sabor, Digo *sacarina flor*, porque e sabida decisão de botânicos não ser o figo fruto, senão flor, ou antes invólucro de flores. (*Prim. ed.*)

Nota G

Não lhe descobrira o próprio Volney...
Nem tu, famoso Jones.....

Volney nas viagens do Egipto, e Sir W. Jones *Essays on eastern poetry and on the imitative arts* (Lond. 1777), os mais inteligentes antiquários, que de coisas orientais escreveram. Não sei se me engano, mas tenho por mais profundo o inglês. (*Prim. ed.*)

Nota H

*As duas bélicas falanges
Que ora na arena literária pugnam...*

Pelo tempo em que se compunha este romance, de 1824 a 25, era a grande luta dos clássicos e românticos no continente, e principalmente em França, Pesava a censura prévia sobre os jornais, e a questão era o que limes valia para suprir os vazios que deixava a política em suas colunas,

Nota I

*Já em Cacem, preço oferecido
Por Estômbar e Alvor.....*

D. Paio, mestre de Santiago, e os seus comendadores e freires tinham tomado aos moiros do Algarve os lugares de Alvor e Estômbar; e estes lhes ofereceram por eles a praça de Cacela, que apesar de mais considerável, ficava próxima a Tavira, praça também forte o mui defensável, dos moiros. D. Paio aceitou, e dali com mais força continuou e acabou a conquista. (*Prim. ed.*)

Nota J

*Abre-te, porta,
Porta de Azóia.....*

Célebre porta de Silves, da qual fez menção o citado D. Nunes ao mesmo lugar. (*Prim. ed.*)

Nota K

Nunca o rosto volver, à santa Caaba...

A Caaba é um pequeno edifício quadrado que sempre se conserva coberto de seda preta, e que é uma espécie de *sancta-sanctorum* do templo de Meca, dentro do qual está colocado, Todo o bom maometano, em qual. quer parte em que esteja, deve volver o rosto à santa Caaba, quando reza as suas orações. (*Prim. ed.*)

AO CANTO QUARTO

Nota A

Falso o meu Deus!... E o teu é verdadeiro...

Note-se que fala um infiel, dirigido pela falsa luz das supostas verdades naturais, e sem a guia da revelação. Assim na estância seguinte, a VI, se diz:

Os teólogos sabem mil respostas...

(*Prim. ed.*)

Nota B

Flexível, curta vara tem na destra....

A célebre varinha de *condão*, ou *divinatória*, insígnia e instrumentos de fadas, encantadores, etc. (*Prim. ed.*)

Nota C

*Sois vós outros,
Portugueses, imigos do descanso
E delicias da paz.....*

São expressões de um rei, ou régulo da Índia, em carta ou fala a um de nossos capitães por aquelas partes, nos bons tempos da glória da nossa gente. (*Prim. ed.*)

AO CANTO QUINTO

Nota A

*Embragando-se em sangue do parentes,
De amigos.....*

Superstição muito geral no Oriente, que veio a prevalecer depois para o setentrião da Europa. O nome de *Vampiro* é hoje célebre pela história de Lorde Byron, ou de qualquer que é seu autor. (*Prime, ed.*)

Nota B

*Como a espada de fogo que fulmina
Nas mãos do guardador do Éden defeso...*

Os Maometanos citam, e dão crédito a grande parte dos livros do Testamento Velho, e falam de Moisés, Abraão, etc. com a mesma veneração que judeus e cristãos. (*Prim. ed.*)

Nota C

O burel do santão.....

Nome que dão os Muçulmanos a certos loucos ou fanáticos que por devoção se dilaceram. Catam-lhes grande respeito e não é de admirar que um maometano como Aben-Afan confundisse os seus miseráveis *santões* com os nossos santos ermitões. (*Prim. ed.*)

Nota D

Cristo e Maomet foram profetas,

Mas Deus é o mesmo Deus.....

Tal é a ímpia fé e mísero credo dos Maometanos. Dizem eles em sua cegueira que, não sendo completa a missão de J. Cristo, porque o inundo, que Deus lhe mandou reformar, ficara pior do que estava, mandara Deus a Maomet, que enfim acabara a obra começada por J. Cristo. (*Prim. ed.*)

Nota F

*O profeta, se a vira nesse instante.
Emendara o Corão.....*

Todos sabem que Mafoma no seu Corão, ou Alcorão negou a entrada do Paraíso às mulheres, e apenas concede por especial mercê às mais virtuosas, obedientes e amantes dos maridos, que de longe estejam vendo a glória de seus antigos esposos. (*Prim. ed.*)

AO CANTO SEXTO

Nota A

Como estrelas namoradas.....

Alusão às harmonias das esferas de Pitágoras, cuja antipatia às favas é bem conhecida. (*Prim. ed.*)

AO CANTO OITAVO

Nota A

Se o vira alguém, forte milagre fora...

A Igreja reconhece os milagres; e a crença dos fiéis se deve conformar com esta: mas não se segue daí que não haja nesse ponto muita superstição entre o vulgo, e sobretudo naqueles séculos ignorantes. Além de que, a bem entendida piedade nos deve fazer aguardar a decisão da igreja antes de prestarmos fé pois em verdade muitos falsos milagres têm havido, que para serem tais foi mister que ninguém os visse: com o que se dá gosto e triunfo a hereges e inimigos de nossa religião. (*Prim. ed.*)

AO CANTO NONO

Nota A

*Lágrima a lágrima,
Estás sentindo as da infeliz Matilde.....*

A condessa Matilde de Bolonha, primeira mulher de Afonso III, que ele tão ingrata e cruelmente repudiara depois que se viu rei.

Nota B

Que cai Toledo a outro rei.....

D. Sancho II que aí morreu, e aí foi sepultado a expensas e por caridade de el-rei de Castela.

Nota C

Quando o ramo de peste em talha de oiro...

Alusões a várias crenças populares sobre a noite e madrugada de São João.

Nota D

Meu incubo poder.....

Veja a respeito de *íncubos* e *súcubos*, S. Clemente Alexandrino, Tertuliano e Lactâncio, padres da igreja que todos acreditaram neste poder dos demónios, Veja também as notas do P. Pereira ao vi cap. do Génesis, e à I epístola, XI, 10, Cor. de S. Paulo: dois lugares da Bíblia, que deram origem, por mal entendidos, àquela imaginação pouco decente. (*Prim. Ed.*).

Nota E

Cevado de pilau e de badana.....

O pilau, espécie de papas de arroz cozido, com carneiro quase sempre, é a usual o favorita comida dos Turcos e orientais quase todos, Badana é a mais vil carne do açougue que há: ovelha velha, que, por inútil para mais nada, se mandou ao matadouro.

AO CANTO DÉCIMO

Nota A

*Aí por essas eras
Os seus mortos os moiros sepultavam....*

Os Maometanos fazem sempre seus cemitérios fora das cidades, e escolhem para eles aprazíveis e amenos, senão alegres sítios, Veja-se Volney, *Viag. ao Egip.* – Chateaubriand, *Itinerário*, etc. (*Prim. ed.*)

Nota B

Tira da manga mão do infante morto....

Toda esta estância é compilada das crenças vulgares o supersticiosas do nosso povo. Todavia é isto comum em toda a parto, e não é só a nossa gente a que *crê em bruxas*, Veja-se *Dictionnaire infern. etc. (Prim. ed.)*

À PREFEÇÃO

Nota única

Conseguiu passar por obra póstuma...

A primeira edição de *D. Branca* trazia no rosto: – Obra póstuma de F. E. Cora estas iniciais misteriosas, com protestaçaõ – que aqui transcrevo, como curiosidade literária que é – com certa imitação de estilo, ou mais exactamente de linguagem, muitos a tomaram por coisa de Filinto Elísio: e é a maior lisonja que podiam fazer ao A. Eis aqui a tal protestaçaõ:

«Protesto que todas as expressões de que fui obrigado a servir-me, fadas, encantamentos, etc. são puramente poéticas. Outrossim que ainda quando ataquei. algum daqueles abusos a que tão propensa é a natureza humana, nunca tive a pecaminosa intenção de desacatar a veneranda crença de nossos pais, Antes foi meu principal fim nesta obra mostrar o castigo do vício, o curto e amargo dos prazeres mundanos, e o triunfo por fim da virtude e da religião. Se a calúnia quizer lançar fel, ou a impiedade veneno em minhas ingénuas trovas, desde já as desminto, e dai lavo minhas mãos, Esta obra deixo eu, depósito ao quase único amigo que toda a vida tive: só depois de minha morte verá luz pública. Mas conquanto a essa hora já estará a salvo, no sepulcro, de todas as malevolências dos homens, desejo contudo que a memória (se alguma restar) do obscuro autor destes versos seja bendita dos bons portugueses, dos homens de verdadeira religião e temor de Deus. Nasci, vivi, e não tardarei a morrer no seio da Igreja Católica, Apostólica Romana: a ela sujeito meu humilde escrito; e se na mínima coraçãõ me desdigo e retrato.

F. E.

«N. D. Esta declaraçaõ estava autógrafa em um papel avulso entre a primeira e segunda folha do manuscrito (esse em letra que desconheço), o qual recebi de F. E. poucos dias antes de sua morte. – O EDITOR.»

Obra digitalizada e revista por Deolinda Rodrigues Cabrera. Actualizou-se a grafia.

© Projecto Vercial, 1999

<http://www.ipn.pt/literatura>
